

UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA

VOLUME **XX**

PSIQUE

Issue 1 | 1st January - 30th June 2024

Fascículo 1 | 1 de janeiro - 30 de junho 2024



UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA

VOLUME **XX**

PSIQUE

Issue 1 | 1st January - 30th June 2024

Fascículo 1 | 1 de janeiro - 30 de junho 2024



PSIQUE | Volume XX | Issue 1 | 1st January - 30th June 2024

Semiannual Publication. Scientific Journal of the Psychology Research Centre - CIP - from the Universidade Autónoma de Lisboa - Luís de Camões.

PSIQUE is a scientific journal in Psychology published by the Psychology Research Centre of the Universidade Autónoma de Lisboa.

Since 2005, PSIQUE has been publishing original papers in the scientific field of Psychology, in its several fields of specialization, in open access and free of charge.

From 2018, it is a semi-annual journal publication from 1st January to 30th June and from 1st July to 31st December.

Aims and Scope

It is particularly aimed at psychology researchers, lecturers and students but also at general readers who are interested in this field of science.

Psique publishes advances in basic or applied psychological research of relevance for understanding and improving the human condition in the world. Contributions from all fields of psychology addressing new developments with innovative approaches are encouraged. Articles that (a) integrate perspectives from different areas within psychology; (b) study the roles of physical, social and cultural domains in human psychological processes; or (c) include psychological perspectives from different regions in the world are particularly welcomed.

The journal publishes papers in Portuguese, Spanish, French and English.

Directory: Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP).

Databases: Repositório Institucional da Universidade Autónoma de Lisboa (Camões).

Indexed by: Academic Search (EBSCO Publishers)

Fuente Academic (EBSCO Publishers).

PSIQUE | Volume XX | Fascículo 1 | 1 de janeiro - 30 de junho 2024

Publicação semestral. Revista Científica do Centro de Investigação em Psicologia - CIP - da Universidade Autónoma de Lisboa - Luís de Camões.

A Psique é uma revista científica em Psicologia, editada pelo Centro de Investigação em Psicologia da Universidade Autónoma de Lisboa.

Desde 2005 publica artigos originais e comunicações na área científica da Psicologia, nos seus vários domínios de especialização, de acesso livre e gratuito.

É um periódico semestral, a partir de 2018, com data de publicação de 1 de janeiro a 30 de junho e de 1 de julho a 31 de dezembro.

Âmbito e Objetivos

Dirige-se particularmente a investigadores, docentes e estudantes em Psicologia, mas também aos leitores em geral que se interessem pelo conhecimento desta ciência.

A Psique publica avanços na investigação científica básica ou aplicada, em Psicologia, com relevância para compreender e melhorar a condição humana no mundo. A Psique encoraja a submissão de contribuições de todos os campos da Psicologia, produzindo novos desenvolvimentos científicos, através de abordagens inovadoras. Particularmente bem-vindos são os artigos que: (a) integram perspetivas de diferentes áreas da Psicologia; (b) estudam o papel dos domínios físico, social e cultural nos processos psicológicos humanos; ou (c) integram perspetivas psicológicas de diferentes regiões do mundo.

A revista aceita artigos em Português, Espanhol, Francês e Inglês.

Diretórios: Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP).

Base de Dados: Repositório Institucional da Universidade Autónoma de Lisboa (Camões).

Indexação: Academic Search (EBSCO Publishers)

Fuente Academic (EBSCO Publishers).

PUBLISHING INSTITUTION / INSTITUIÇÃO EDITORA

CIP – Centro de Investigação em Psicologia da Universidade Autónoma de Lisboa (CIP)

Rua de Santa Marta, n.º 47, 3.º, 1169-023 Lisboa

Phone Telefone: +351 213 177 667 | Fax: +351 213 533 702

LEGAL OWNER / PROPRIEDADE

CEU – Cooperativa de Ensino Universitário, C.R.L.

Rua de Santa Marta, n.º 47

1150-293 Lisboa – Portugal

Phone Telefone: +351 213 177 600/67

Fax: +351 213 533 702

N.I.F.: 501 641 238

DOI: <https://doi.org/10.26619/2183-4806.XIX.1>

e-ISSN: 2183-4806

Title Título: **Psique**

Site: <https://cip.autonoma.pt/revista-psique/>

Registration Status: **Under Publishing** Situação de Registo: **Em Publicação**

Format Suporte: **Online**

Periodicity: Semiannual Periodicidade: **Semestral**

Editor in Chief Director: **Odete Nunes**

Inscrição Inscription: **220129**

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia – no âmbito do projeto do CIP com a referência UIDB/04345/2020.

This work was funded by national funds through FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia – as part of the project CIP – Ref.^a: UIDB/04345/2020.

EDITOR IN CHIEF DIRECTOR

Odete Nunes Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal

ASSOCIATE EDITORS COEDITORES

João Hipólito Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal
José Magalhães Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal
Luísa Ribeiro Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal
Cristina Nunes Universidade do Algarve, Portugal
Rute Brites Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal
Sandra Figueiredo Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal

EDITORIAL BOARD CONSELHO EDITORIAL

Alexandra Gomes Universidade do Algarve, Portugal
Ana Antunes Universidade da Madeira, Portugal
Ana Gomes Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal
Anne-Marie Vonthron Université Paris Ouest-Nanterre, França
Aristides Ferreira ISCTE, Lisboa, Portugal
Carla Moleiro ISCTE, Lisboa, Portugal
Célia Oliveira Universidade Lusófona Porto, Portugal
Daniel Roque Gomes Instituto Politécnico de Coimbra, Portugal
David Rodrigues ISCTE, Lisboa, Portugal
Dulce Pires I. Criap – Psicologia e Formação Avançada, Portugal
Edlía Alves Simões University of Saint Joseph (Macao), Macau
Filomena Matos Universidade do Algarve, Portugal
Florence Sordes-Ader Universidade de Toulouse, França
Gina C. Lemos Instituto Politécnico de Setúbal / Escola Superior de Educação
Inês Ferreira Universidade Europeia, Portugal
Isabel Leite Universidade de Évora, Portugal
Isabel Mesquita Universidade de Évora, Portugal
Isabel Silva Universidade de Évora, Portugal
João Viseu Universidade de Évora, Portugal
Jorge Gomes ISEG – Universidade Técnica de Lisboa, Portugal
José Eusébio Pacheco Universidade do Algarve, Portugal
Liliana Faria Universidade Europeia, Portugal
Luis Sérgio Vieira Universidade do Algarve, Portugal
Magda Sofia Roberto Universidade da Beira Interior, Portugal
Manuel Sommer Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal
Marjorie Poussin Universidade de Lyon II, França
Melanie Vauclair Instituto Universitário de Lisboa, Portugal
Miguel Ángel Garcia-Martin Universidad de Málaga, Espanha
Miguel Pereira Lopes ISCSP – Universidade de Lisboa, Portugal
Monique K. LeBourgeois University of Colorado Boulder, United States of America
Odete Nunes Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal
Patrícia Jardim de Palma ISCSP – Universidade Técnica de Lisboa, Portugal
Pedro Armelino Almira Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal
Pedro Duarte Universidad Veracruzana, México
Ricardo B. Rodrigues Instituto Universitário de Lisboa, Portugal
Rosa Novo Universidade de Lisboa, Portugal
Rui Costa Lopes ICS – Universidade de Lisboa, Portugal
Saul Neves de Jesus Universidade do Algarve, Portugal
Sílvia Araújo Universidade do Minho, Portugal
Tito Laneiro Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal
Vera Engler Cury Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Brasil

ASSISTANT EDITORS EDITORES ASSISTENTES

Afonso Herédia Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal
Andreia Bandeira Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal
Filipa Inácio Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal
Francisco Castro Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal
Ana Jarmela Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal

TRANSLATION TRADUÇÃO

Carolina Peralta Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal

DESIGN COMPOSIÇÃO GRÁFICA

Undo

WEBSITE SITE

Undo

IT DEVELOPMENT DESENVOLVIMENTO INFORMÁTICO

Anselmo Silveira Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal

TABLE OF CONTENTS ÍNDICE

Nota Editorial Cristina Nunes	7
The use of social media: the mediating effect of the number of followers on the relationship between life satisfaction and users' self-esteem. Lídia Serra, Mariana Campaniço	8
Figuras parentais (pais) autores de violência sexual contra crianças e adolescentes: características biosociodemográficas Parental figures (parents) authors of sexual violence against children and adolescents: biosociodemographic characteristics Marisa Trindade Pereira, Daniela Castro dos Reis, Simone Souza da Costa Silva, Lília Ieda Chaves Cavalcante, Laiana Soeiro Ferreira	22
Adaptation and Validation of the Workplace Civility Scale for European Portuguese samples Tito Laneiro, Luisa Ribeiro, Martina Nitzsche, Tânia Ferraro, Genta Kulari	40
Explorando a Perceção de Risco: O Impacto de Fatores Individuais e a Mediação do Clima de Segurança Física em Trabalhadores Portugueses Exploring Risk Perception: The Impact of Individual Factors and the Mediation of Physical Safety Climate in Portuguese Workers Kelly Pinto, Gabriela Gonçalves, Cátia Sousa e António Sousa	60
Author Instructions Instruções aos Autores	74
Reviewers instructions Instruções aos Revisores	82

NOTA EDITORIAL

Este número inclui um conjunto de artigos sobre estudos empíricos desenvolvidos no Brasil e Portugal, com população adulta. Trata-se de um número não temático e os artigos situam-se em diferentes áreas da Psicologia Aplicada.

O primeiro artigo de Laneiro e colaboradores apresenta uma validação da Escala de Civilidade no Local de Trabalho com uma amostra de 1375 trabalhadores portugueses de ambos os sexos, através de uma análise fatorial confirmatória. Trata-se de um relevante trabalho que contribuirá para aprimorar a pesquisa empírica do comportamento civil no trabalho.

O segundo artigo, de Pinto e colaboradores, também no âmbito da Psicologia do Trabalho, explora a percepção de risco com 216 trabalhadores portugueses. Através de uma análise de regressão múltipla e análise de mediação, estuda o papel dos fatores individuais e do clima de segurança física neste construto. Trata-se de um estudo interessante que discute o papel da autoeficácia na segurança, do locus de controlo interno, da resiliência mental, neuroticismo e a procura por sensações a percepção de risco.

O estudo de Pereira e colaboradores, de natureza descritivo-exploratória analisa os processos de 283 pais autores de violência sexual presos. O estudo apresenta o perfil sociodemográfico dos agressores, caracteriza o tipo de agressão sexual e discute aspetos relevantes para futuras intervenções

O estudo de Serra e colaboradores, aborda um tema bastante atual, sobre o papel do uso das redes sociais, a satisfação com a vida e autoestima. Trata-se de um estudo com uma amostra de 298 jovens adultos usuários da plataforma Instagram, que com análises de regressão e de mediação avaliam e discutem o papel do número de seguidores e da satisfação com a vida na autoestima dos participantes.

Obrigada a todos os autores pelos seus relevantes estudos e terem possibilitado este novo número da revista. Finalmente um agradecimento especial a todos revisores e editores que dedicaram seu tempo e fizeram comentários construtivos.

Cristina Nunes
(Co-editor)

THE USE OF SOCIAL MEDIA: THE MEDIATING EFFECT OF THE NUMBER OF FOLLOWERS ON THE RELATIONSHIP BETWEEN LIFE SATISFACTION AND USERS' SELF-ESTEEM.

Lídia Serra¹, Mariana Campaniço²

PSIQUE • E-ISSN 2183-4806 • VOLUME XX • ISSUE FASCÍCULO 1
1ST JANUARY JANEIRO - 30TH JUNE JUNHO 2024 • PP. 8-21

DOI: <https://doi.org/10.26619/2183-4806.XX.1.1>

Submitted on 22/03/2023 Submetido a 22/03/2023

Accepted on 29/12/2023 Aceite a 29/12/2023

Abstract

The utilization of social media has become increasingly prevalent across various generations, serving as a platform for individuals to exhibit personal content that may influence other users. However, there is limited understanding of the impact that the number of followers on social media platforms can have on the relationship between life satisfaction and users' self-esteem. **Objective:** The primary aim of this research is to examine the mediating effect of the number of followers on the relationship between life satisfaction and self-esteem among Instagram users. **Method:** This study included an original sample of 298 participants, as well as two simulated samples of 2980 and 29800 subjects, all of whom were users of the social media platform Instagram and aged between 18 and 40 years. The research utilized three measurement instruments: a sociodemographic questionnaire, the Satisfaction with Life Scale, and the Rosenberg Self-Esteem Scale. **Results:** The findings revealed that the number of followers serves as a significant mediator in the relationship between life satisfaction and self-esteem across all applied models. Additionally, a positive and significant relationship was observed among all these variables in the three study samples. **Conclusion:** The number of followers on social media platforms has been shown to impact the self-esteem of users and contribute to a better understanding of the effect of life satisfaction on participants' self-esteem levels. However, caution is needed regarding the use and content shared, as exposure on social media can have positive and negative impacts on users and influence them. Therefore, the results of this study may contribute to the development of awareness programs about the use of social media, as well as increasing the digital literacy of its users.

Keywords: Self-esteem, number of followers, life satisfaction, social media, technology, usage time

1 Universidade Autónoma de Lisboa. Portugal. E-mail: lmserra@autonoma.pt. ORCIDID: <http://orcid.org/0000-0003-2612-3335>.

2 Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares – IP de Almada. Portugal. E-mail: marianacampanico@gmail.com.

Introduction

Nowadays, the utilization of information and communication technologies (ICTs) constitutes an intrinsic facet of contemporary society, encompassing personal, professional, and recreational domains. There has been a consistent rise in the adoption of internet services. According to Eurostat (2022), in 2021, approximately 80% of individuals aged 16 to 74 within the European Union engaged with the internet on a daily basis, with notably higher usage rates observed among younger demographics (16-29 years). These statistics underscore the escalating significance of the internet, particularly social media platforms, in individuals' lives. It has been noted that the dissemination of personal life on social media is becoming increasingly effortless and routine (Dias & Nascimento, 2013), often motivated by users' desires to compare themselves with others and emulate their daily habits and behaviors.

Most users believe they are influenced by the posts shared on social media platforms such as Instagram (Almeida et al., 2018), while simultaneously aiming to expand their network connections within these platforms. Social media platforms are recognized as virtual connections among groups of individuals united by professional objectives, associations, friendships, among others, through which they can share and disseminate information (Silvério, 2012). Often, such sharing occurs without consideration for aspects related to their privacy, security (Borges, 2016), or how they present their bodies, which has become a concerning issue (Barry et al., 2017).

Among online tools (e.g., social networks, video conferencing platforms, email services, image and video editors, etc.) social media platforms are especially popular among young people, with consumption rates four times higher compared to older age groups (Eurostat, 2022). These platforms enable virtual communication with other users, facilitating the sharing of written information, photographs, music, or videos (Mehdizadeh, 2010; Monteiro et al., 2020). Social media users aim for their content to be appreciated, gain online followers, and expand their reach to more people (Chou & Edge, 2012). The number of likes received on posts may depend on the content of the photographs used and can influence user's behavior (Drake et al., 2017).

However, influencers strive to cultivate a greater sense of trust with their followers, aiming for their content to be increasingly appreciated, practiced, or disseminated (Borges, 2016). Instagram serves as a prime example of a social media platform where users engage in self-promotion through photographic material or videos, typically accentuating their positive aspects, while anticipating appreciation and validation from their audience (Monteiro et al., 2020; Moon et al., 2016).

Individuals with low self-esteem tend to exhibit greater feelings of hopelessness (Çakar, 2014) and are inclined to conceal their limitations or flaws from others (Kuster et al., 2012), including within the realm of social media. Self-esteem is defined as an individual's capacity for self-value and positive self-regard (Batista et al., 2015). This subjective assessment of one's own worth can be reinforced or influenced by the consumption of content on Instagram.

In the study by Rodríguez-Suárez et al. (2022) with 321 users, it was found that when exposed to photographs of people with perfect bodies and ideal beauty, participants showed lower levels of self-esteem and anxiety compared to the control group. This need for human comparison has been advocated for a long time. For instance, Festinger's (1954) Theory of Social Comparison Processes posited that individuals tend to compare themselves with others in various personal characteristics. The search for similar or different attributes in others is crucial to the process of

self-evaluation. Such situations can heighten concerns that users have about their own appearance when comparing themselves with other social media users (Fardouly et al., 2015).

The presence of low self-esteem leads users to engage in more self-promotion, increased usage (Mehdizadeh, 2010), or a higher frequency of posting photographs on social media platforms, driven by a growing desire for recognition (March & McBean, 2018). The study by Pop et al. (2022) identified a positive association between Snapchat usage and users' self-esteem, but a negative relationship between users' weight and TikTok usage. Additionally, Barry et al. (2017) did not find a significant correlation between self-esteem and the posting of selfies on social media platforms.

The fact that a user receives likes influences their brain activity and behavior (Sherman et al., 2018), highlighting brain areas associated with reward (Sherman et al., 2016). Being valued and recognized leaves a person satisfied. Life satisfaction is considered a positive evaluation that individuals make of their lives and overall well-being, taking into account personal, relational, professional, and other aspects (Diener et al., 1985). The Compensation Model underlying life satisfaction posits that when individuals are dissatisfied in a particular area of their lives, they tend to seek satisfaction and compensation in other domains or contexts (Nielsen et al., 2011). This can help explain why many individuals seek refuge in social media when they are feeling unwell (Vidal et al., 2020). On the other hand, Zhan et al. (2006) identified that social media usage is associated with higher life satisfaction.

The study by Reina et al. (2010) revealed a noteworthy and positive correlation between life satisfaction and self-esteem among young individuals, suggesting that contentment with one's life is linked to self-acceptance and a favorable assessment of life events (Batista et al., 2015). However, using social media can be negatively associated with individuals' life satisfaction (Akin & Akin, 2015) and, consequently, their self-esteem. As demonstrated in the study by Bakioğlu et al. (2022), the presence of fear of missing out online, which includes the need to belong, the need for popularity, anxiety, and addiction, has a negative impact on the life satisfaction of social media users. This suggests that the effects of social media usage vary and have different impacts on the lives of its users (Bakioğlu et al., 2022; Carrotte et al., 2017; March & McBean, 2018).

Being satisfied with life also entails feeling accepted by peers and feeling liked by others through the number and type of interpersonal relationships they establish (Harter, 1999), which increasingly occurs within online contexts, influencing individuals' self-esteem and well-being (Valkenburg et al., 2006). Although various studies present different impacts and relationships among life satisfaction, self-esteem, and the number of followers on social media platforms, the relationship between these three variables in Instagram users is not yet fully understood. This leads us to establish hypotheses that life satisfaction and number of followers are positively correlated with self-esteem.

Furthermore, scientific studies have revealed that Instagram is being used by users to share health-related issues (e.g., miscarriage) and seek emotional support through information sharing (Mercier et al., 2020), identify markers of depression (Reece et al., 2017), raise awareness about injury prevention through seatbelt use (Drake et al., 2017), and highlight the importance of an active lifestyle (Carrotte et al., 2017), but the mediating effect of the number of followers in the relationship between life satisfaction and self-esteem of Instagram users is not yet known.

Valkenburg et al. (2006) identified that when social media users receive positive feedback on their online profiles, their well-being and self-esteem improve. If we consider that this positive feedback may be reinforced by the number of followers on the social media platform, we hypothesize that the number of followers may help mediate the effect of life satisfaction on the self-esteem of Instagram users.

The main objective of this study is to verify whether the number of followers acts as a mediator in the relationship between life satisfaction and self-esteem. Similarly, it is important to explore the presence of significant relationships among life satisfaction, the number of followers with self-esteem, both within the original sample and in simulated samples of Instagram users.

Method

Participants

In this study, 298 Portuguese subjects of both genders participated. As inclusion criteria for the sample, only participants of Portuguese nationality, aged 18 years or older, and daily users of the Instagram social network were considered.

All participants responded to the study protocol (100%), with 55.7% being female and 44.3% being male. The participants had a mean age of 25.61 years (± 5.62). The majority of participants reported being in the 22 to 25 age range (36.2%), followed by the age range of 18-21 years (22.8%), and the age range of 26-29 years (20.8%). Regarding the daily number of hours of Instagram usage, 54.4% used less than 3 hours per day, 33.2% used between 3 and 7 hours, 8.1% used between 7 and 12 hours, and only 4.4% used Instagram for more than 12 hours per day. Lastly, concerning the number of followers, 8.7% had fewer than 100 followers, 27.2% had between 101 and 500 followers, 21.1% had between 501 and 1000 followers, 32.9% had between 1001 and 5000 followers, and 10.1% had more than 5000 followers on the Instagram social network.

Measures

For this study, a sociodemographic questionnaire was employed to collect information from participants [e.g., age, gender, number of hours spent using Instagram, number of followers (the mediating variable)], along with the Satisfaction with Life Scale and the Rosenberg Self-Esteem Scale.

The Satisfaction with Life Scale (original version by Diener et al., 1985; Portuguese version by Simões, 1992) was utilized to assess individuals' level of life satisfaction and was employed as the independent variable in the current study. This scale is administered using a five-point Likert scale (ranging from 1 to 5 points), with scores ranging from a minimum of 5 to a maximum of 25 points. A higher score indicates greater life satisfaction. The scale demonstrates good psychometric properties, with a Cronbach's alpha of .77. For the present study, a Cronbach's alpha of .85 was obtained.

The Rosenberg Self-Esteem Scale (original version by Rosenberg, 1965; Portuguese version by Santos & Maia, 2003) was employed to assess participants' self-esteem, considered the dependent

variable in this study. This instrument consists of 10 items that are rated on a 4-point Likert scale. The scale is scored by summing the items, yielding values ranging from 0 to 30 points. A higher score on this scale indicates a higher level of self-esteem. The scale demonstrates strong psychometric properties, with a Cronbach's alpha value of .86 in the Portuguese version, and in the current study, the Cronbach's alpha was .88.

Procedure

The study protocol was administered online to users of the Instagram social network. The data collection period took place during the academic year 2021 and 2022. Participants voluntarily and without any personal interest took part in the study after being informed of its objectives and providing signed informed consent. The informed consent was formalized through an online form that participants responded to before starting the protocol response. With this prior authorization, the researchers ensured that the participant read, understood, and agreed to all information regarding the research procedure, including data confidentiality. The disclosure and distribution of the study protocol access link were made only on the Instagram social network, and recording the participant's name was not considered in order to guarantee anonymity. For data administration and collection, the Google Forms platform was used, with an estimated response time of approximately 10 minutes. This study received approval from the scientific council of ISEIT – IP de Almada, and ethical and deontological responsibilities inherent in the research were ensured.

Data analysis

For this study, the R programming language and the RStudio integrated development environment were used. Data analysis included descriptive statistics of the participants' characteristics in the original sample (298 subjects). Mean and standard deviation were used for numerical variables, and frequencies and percentages were used for nominal variables. The Pearson correlation coefficient was employed to study correlations between variables, following verification of their statistical assumptions. Simulated samples were considered in the study to obtain a better understanding of the behavior of variables in various analysis scenarios, as well as to help identify the statistical power of the study (Vasishth & Broe, 2011). Data were estimated through simulation from the original sample, generating 10 and 100 times more data points, 2980 and 29800, respectively. The MedGraph-PC program was employed for the mediation analysis, following the guidelines of Baron and Kenny (1986). To estimate whether the indirect effect is significant, the Sobel test was applied. Finally, the analysis of variance (ANOVA) test was used to verify if there are significant differences between the applied mediation models. The significance level used was a p-value < .05.

Results

Correlations between self-esteem, the number of followers, and life satisfaction

In the following table (Table 1), the correlation values found between self-esteem, the number of followers, and life satisfaction, are presented for the original sample and the two simulated samples.

TABLE 1.

Correlations between self-esteem, the number of followers and life satisfaction.

	Self-esteem	
	<i>r</i>	<i>p</i>
298 subjects (original sample)		
Number of followers	.311	≈ .001*
Life satisfaction	.509	≈ .001*
2980 subjects (simulated sample)		
Number of followers	.337	≈ .001*
Life satisfaction	.545	≈ .001*
29800 subjects (simulated sample)		
Number of followers	.314	≈ .001*
Life satisfaction	.546	≈ .001*

Note: *Significant correlation for *p-value* = .01; *r* = Pearson's correlation; *p* = *p-value*

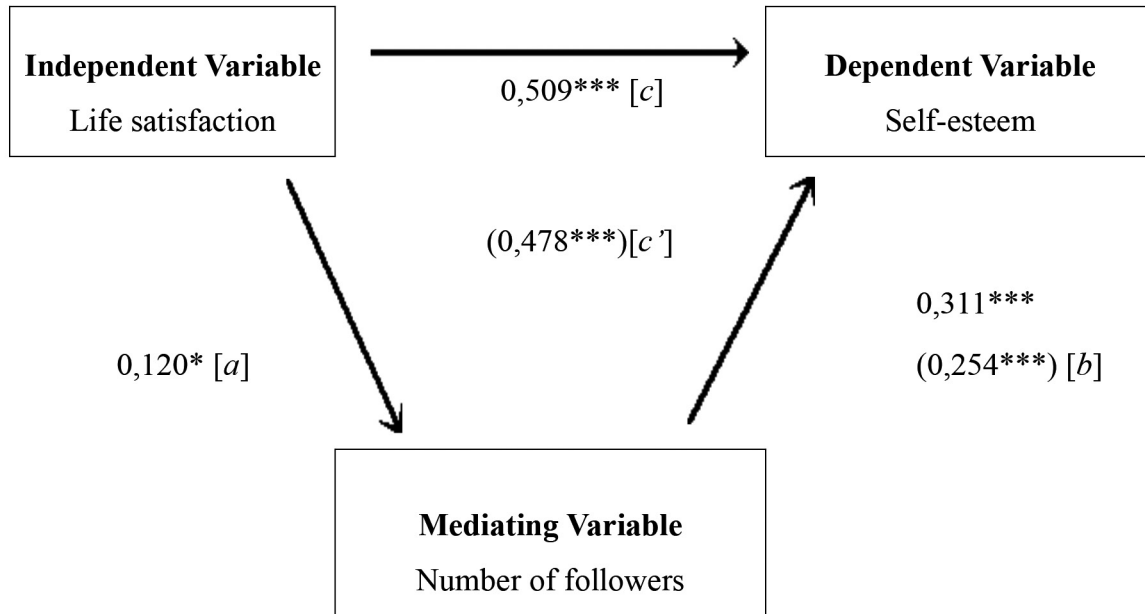
Mediation of the number of followers in the relationship between life satisfaction and self-esteem

Mediation Model 1

Through the mediation model in the original sample, it was observed how the effect of the predictor (life satisfaction) influenced the outcome variable (self-esteem) through a mediating variable (number of followers) which served as an intervening variable to explain this effect. The level of the effect of the predictor variable passing through the mediator variable caused an indirect effect on the outcome variable of $c' = .478$. Additionally, it was found that the effect of life satisfaction on the number of followers was $a = .120$ and the effect of the number of followers on self-esteem was $b = .254$. The following figure (Figure 1) illustrates the significant mediating effect of the number of followers on the relationship between life satisfaction and self-esteem of users in the original sample. Through the Sobel test, it was found to be a significant model ($p \approx .000$).

FIGURE 1.

Mediating effect of the number of followers on the relationship between life satisfaction and self-esteem in a sample of 298 subjects.



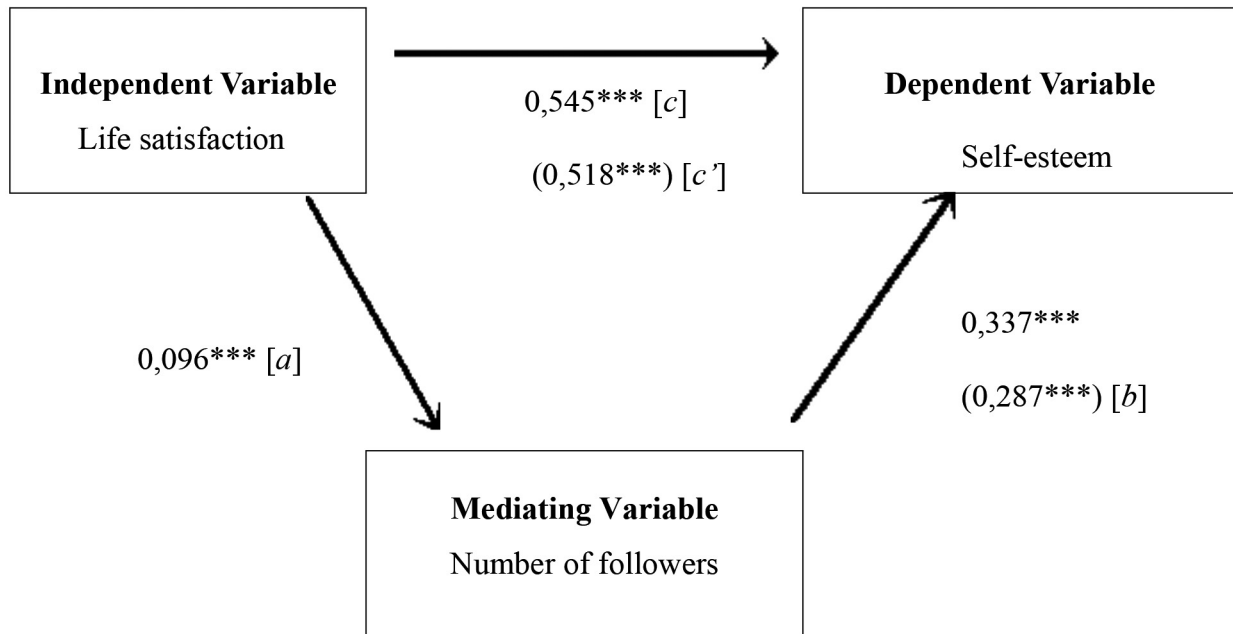
Note: [a] = is the effect of the explanatory variable on the mediator; [b] = is the effect of the mediator on the response variable; [c] = total direct effect of life satisfaction on self-esteem without including the mediator variable. [c'] = indirect effect of life satisfaction on self-esteem considering the effect of the mediator variable. * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$.

Mediation Model 2

In this model, it can be observed that the level of the effect of the variable life satisfaction through the mediator variable caused an indirect effect on the outcome variable ($c' = .518$). The effect of life satisfaction on the number of followers was $a = .096$ and the effect of the number of followers on self-esteem was $b = .287$. Figure 2 represents the mediation effect achieved in this sample (2980 subjects). The Sobel test confirmed it to be a significant model ($p \approx .000$).

FIGURE 2.

Mediating effect of the number of followers on the relationship between life satisfaction and self-esteem in a sample of 2980 subjects.



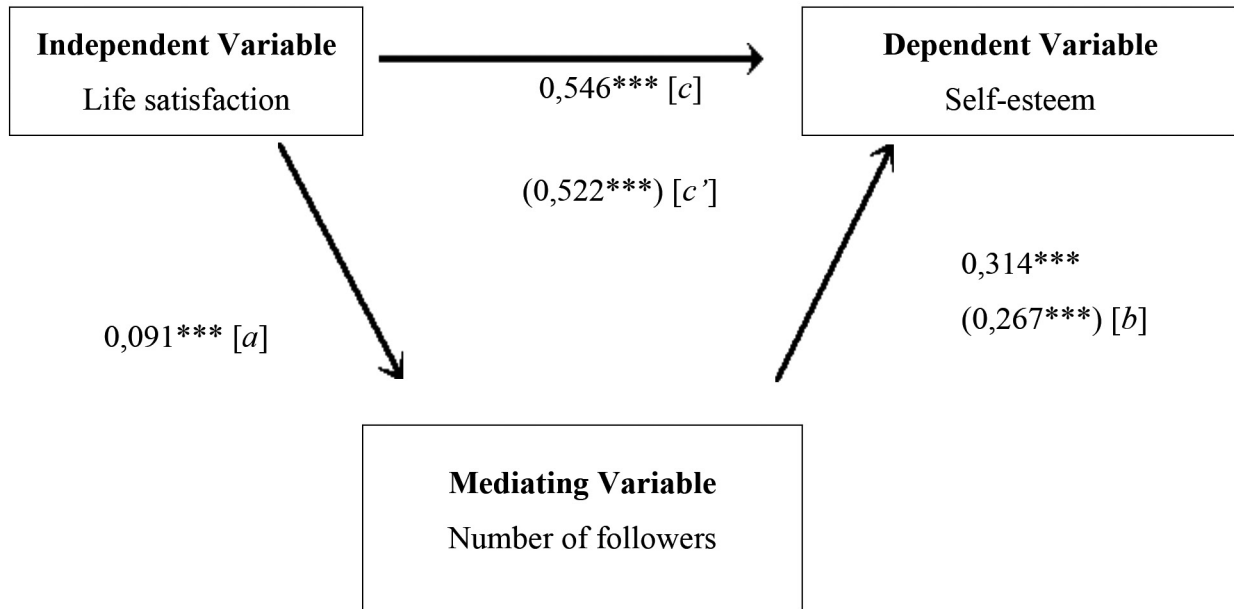
Note: [a] = is the effect of the explanatory variable on the mediator; [b] = is the effect of the mediator on the response variable; [c] = total direct effect of life satisfaction on self-esteem without including the mediator variable. [c'] = indirect effect of life satisfaction on self-esteem considering the effect of the mediator variable. * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$.

Mediation Model 3

In this last model, it can be observed that the level of the effect of the predictor variable passing through the mediator variable caused an indirect effect on the outcome variable of $c' = .522$. The effect of life satisfaction on number of followers was $a = .091$ and the effect of number of followers on self-esteem was $b = .267$. Figure 3 represents the mediation effect of the model. This model also proved to be significant, as indicated by the Sobel test ($p \approx .000$).

FIGURE 3.

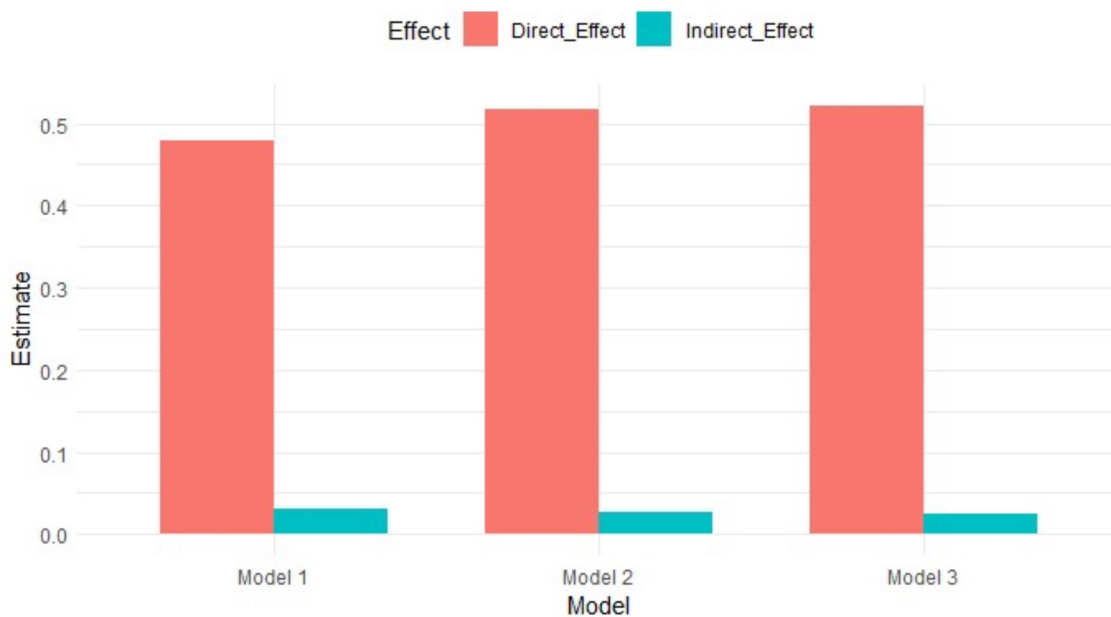
Mediating effect of the number of followers on the relationship between life satisfaction and self-esteem in a sample of 29800 subjects.



Note: [a] = is the effect of the explanatory variable on the mediator; [b] = is the effect of the mediator on the response variable; [c] = total direct effect of life satisfaction on self-esteem without including the mediator variable. [c'] = indirect effect of life satisfaction on self-esteem considering the effect of the mediator variable. * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$. The following bar chart (Figure 4) illustrates the distribution of effects achieved in each mediation model. However, the results obtained through ANOVA showed that there are no significant differences between the three mediation models ($F = .483$; $p = .618$).

FIGURE 4.

Comparison of the three mediation models



Discussion

The results of the present study initially revealed a positive and significant correlation between self-esteem, life satisfaction, and the number of followers across all samples, thereby confirming our study hypothesis.

In the studies by Romdhane et al. (2023) and Szczesniak et al. (2022), a positive and significant association between life satisfaction and self-esteem was observed. This type of association was also found in the study by Bozoglan et al. (2013). The use of social media entails social benefits for its users, which are related to their life satisfaction (Zhan, 2016) and, consequently, to their self-esteem.

The presence of life satisfaction can contribute to enhancing individuals' self-worth, self-confidence, and self-respect, thereby increasing their ability to confront various challenges (Batista et al., 2015), including those encountered online. The study by Uram & Skalski (2022), comprising 309 participants with ages ranging from 18 to 70 years, also found a positive and significant relationship between life satisfaction and self-esteem, indicating that life satisfaction had a significant impact on self-esteem, as well as on other variables, such as loneliness, which is also present in social media users (Kusumota et al., 2022). On the other hand, the study conducted by Batista et al. (2015) did not find a statistically significant relationship between life satisfaction and self-esteem. However, it is worth noting that dissatisfaction, particularly dissatisfaction with one's body, and low self-esteem may coexist when individuals perceive a considerable discrepancy between their actual self and their ideal self (Yu & Yung, 2018).

Despite several studies showing that life satisfaction has a positive relationship with self-esteem (Bozoglan et al., 2013; Romdhane et al., 2023; Szczesniak et al., 2022), when attempting to understand interaction effects between self-esteem and participants' sociodemographic characteristics (gender *versus* self-esteem and age *versus* self-esteem) regarding their life satisfaction, these effects disappear. This may be justified by the fact that levels of life satisfaction and self-esteem vary from men to women and across different ages (Moksnes & Espnes, 2013). Moreover, even though social media users may occasionally experience some form of social overload due to various online social commitments, it does not necessarily imply that their life satisfaction (Zhan, 2016) or self-esteem are affected.

Regarding the number of followers, although our study revealed a positive relationship with self-esteem, Yu & Yung's study (2018) uncovered those variables such as appearance evaluation or body anxiety - characteristics that concern most social media users seeking followers - have a negative relationship with their self-esteem. It is known that individuals with narcissistic traits tend to spend more time and share more content on Instagram. However, there seems to be no relationship between these characteristics and the number of online followers (Moon et al., 2016). There also appears to be a significant negative relationship between users' self-promotion on social media and their self-esteem (Mehdizadeh, 2010). Lower self-esteem and self-control among social media users are associated with a higher risk of social media addiction (Huaytalla et al., 2016), which may also result from the pursuit and strong desire to gain more online followers.

Given the results obtained in the mediation models, we confirmed our hypothesis regarding a significant mediation of the number of followers in the relationship between life satisfaction and self-esteem. All mediation models revealed a significant mediating effect of the number

of followers on the relationship between life satisfaction and self-esteem, with no significant differences between them. This indicates that the models demonstrate robustness in explaining the mediating effect of the number of followers on the social media platform Instagram. The study by Obada & Dabija (2022) also aimed to verify the mediating effect of social media use in a large sample composed of 932 subjects. This model also showed a significant mediation effect when introducing social media use into the relationship between users' perceived control, concentration, time distortion, and trust in online information. Indeed, in modern society, the use of social media characterizes interactions and symbolic relationships that influence the type of information consumed and how users think (Dias & Nascimento, 2013). Communication established through social media is not only about the content shared but also about the various ways people influence each other (Bateson & Ruesch, 1965). On the other hand, the study by Kim et al. (2023) only managed to show a partial mediation effect of social media, in a sample of 120 subjects, when introduced into the relationship between lifestyle and healthy aging. Personal characteristics of social media users, such as their self-critical perfectionism, may also attenuate the relationship between life satisfaction and self-esteem (Romdhane et al., 2023).

This study has several limitations. Firstly, it did not take into account the type of content shared or the types of profiles sought after on the Instagram social network, as it is known that the type of content influences the exposure, recognition, and self-valuation of social network users (March & McBean, 2018; Mehdizadeh, 2010), with consequences for their self-esteem. Additionally, the study did not consider the types of posts used by individuals of different age groups, as distinct ages present different interests on social networks (Dias & Nascimento, 2013). Lastly, being a cross-sectional study, it did not allow for an understanding of how the variables assessed in this investigation impact self-esteem over time. In this regard, longitudinal studies would be important to comprehend the self-esteem of Instagram users and other social media platforms. Understanding the reasons behind users' virtual follower-seeking behavior and analyzing the differences among populations from different countries are crucial aspects to explore further. This research sheds light on how the subjective evaluation of life satisfaction and having social media followers explain the self-esteem of Instagram users. These findings should be considered by social media managers and mental health professionals to prevent negative effects and increase awareness about social media usage, as well as digital literacy.

There are no conflicts of interest in this study.

This study did not receive any type of funding.

References

- Akin, A. & Akin, U. (2015). The mediating role of social safeness on the relationship between facebook (®) use and life satisfaction. *Psychological Reports*, 117(2), 341-353. <https://doi.org/10.2466/18.07.PR0.117c20>
- Almeida, S. G., Almeida, A. G., Santos, A.L. & Silva, M. L. (2018). A influência de uma rede social nos padrões de alimentação de usuários e profissionais de saúde seguidores de perfis fitness. *Ensaio e Ciência C Biológicas Agrárias e da Saúde*, 22(3), 194-200. <https://doi.org/10.17921/1415-6938.2018v22n3p194-200>

- Bakioğlu, F., Deniz, M., Griffiths, M. D. & Pakpour, A. H. (2022). Adaptation and validation of the Online-Fear of Missing Out Inventory into Turkish and the association with social media addiction, smart-phone addiction, and life satisfaction. *BMC Psychology*, 10(1),154. <https://doi.org/10.1186/s40359-022-00856-y>
- Baron, R.M. & Kenny, D.A. (1986). The moderator–mediator variable distinction in social psychological research: conceptual, strategic, and statistical considerations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51(6), 1173–1182. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.51.6.1173>
- Barry, C. T., Doucette, H., Loflin, D. C., Rivera-Hudson, N. & Herrington, L. L. (2017). “Let me take a selfie”: Associations between self-photography, narcissism, and self-esteem. *Psychology of Popular Media Culture*, 6(1), 48-60. <https://doi.org/10.1037/ppm0000089>
- Batista, H. H. V., Piovezan, N. M. & Muner, L.C. (2015). Relationship between couples self-esteem and life satisfaction with and without children. *Revista PsicoFae*, 4(1), 75-88.
- Bateson, G. & Ruesh, J. (1965). *Comunicación, matriz social de la psiquiatria*. Paidós,
- Borges, C. N. (2016). *A nova comunicação e o advento dos digital influencers: pesquisa realizada sobre blogueiras de moda*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste Goiânia, 1-13.
- Bozoglan, B., Demirer, V. & Sahin, I. (2013). Loneliness, self-esteem, and life satisfaction as predictors of Internet addiction: A cross-sectional study among Turkish university students. *Scandinavian Journal of Psychology*, 54(4), 313-319. <https://doi.org/10.1111/sjop.12049>
- Carrotte, E., Prichard, I. & Lim, M. S. C. (2017). “Fitspiration” on social media: a content analysis of gendered images. *Journal of Medical Internet Research*, 19(3), e95. <https://doi.org/10.2196/jmir.6368>
- Çakar, F. S. (2014). The effect of automatic thoughts on hopelessness: role of self-esteem as a mediator. *Educational Sciences: Theory & Practice*, 14(5), 10-16. <https://doi.org/10.12738/estp.2014.5.2132>
- Chou, H. & Edge, N. (2012). They are happier and having better lives than I am”: the impact of using Facebook on perceptions of others’ lives. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 15(2), 117-121. <https://doi.org/10.1089/cyber.2011.0324>
- Dias, R. & Nascimento, T.C.A. (2013). O impacto das mídias sociais na privacidade das pessoas. *Razón y Palabra*, 84, 1-23.
- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J. & Griffin, S. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal of Personality Assessment*, 49(1), 71-75. https://doi.org/10.1207/s15327752jpa4901_13
- Drake, S.A., Zhang, N., Applewhite, C., Fowler, K. & Holcomb, J. B. (2017). A social media program to increase adolescent seat belt use. *Public Health Nursing*, 34(5), 500-504. <https://doi.org/10.1111/phn.12342>
- Eurostat. (2022). *Digital society statistics at regional level*. Eurostat Statistics Explained. Consultado a 15 de julho de 2023. https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Digital_society_statistics_at_regional_level
- Fardouly, J. & Vartanian, L.R. (2015). Negative comparisons about one’s appearance mediate the relationship between Facebook usage and body image concerns. *Body Image*, 12, 82-88. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2014.10.004>
- Festinger, L. (1954). A theory of social comparison processes. *Human Relations*, 7(2), 117-140. <https://doi.org/10.1177/001872675400700202>
- Harter, S. (1999). *The construction of the self: a developmental perspective*. Guilford Press.

- Huaytalla, K.P.C., Vega, S. R. & Soncco, J. J. (2016). Risk of addiction to social networks, self-esteem and self-control in high school students. *Revista Científica de Ciencias de la Salud*, 9(1), 9-15. <https://doi.org/10.17162/rccs.v9i1.542>
- Kim, H.K., Oh, H.S. & Park, C.H. (2023). The mediating effects of social networks and wisdom on the relationship between lifestyle habits and healthy aging in older adults with chronic diseases. *Behavioral Sciences*, 13(8), 688. <https://doi.org/10.3390/bs13080688>
- Kuster, F., Orth, U. & Meier, L. L. (2012). Rumination mediates the prospective effect of low self-esteem on depression: a five-wave longitudinal study. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 38(6), 747-59. <https://doi.org/10.1177/0146167212437250>
- Kusumota, L., Diniz, M.A., Ribeiro, R.M., Silva, I.L., Figueira, A.L., Rodrigues, F.R. & Rodrigues, R.A.P. (2022). Impact of digital social media on the perception of loneliness and social isolation in older adults. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 30, e3573. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.5641.3526>
- Lee, J. K. (2022). The effects of social comparison orientation on psychological well-being in social networking sites: Serial mediation of perceived social support and self-esteem. *Current Psychology*, 41, 6247-6259. <https://doi.org/10.1007/s12144-020-01114-3>
- March, E. & McBean, T. (2018). New evidence shows self-esteem moderates the relationship between narcissism and selfies. *Personality and Individual Differences*, 130, 107-111. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2018.03.053>
- Mehdizadeh, S. (2010). Self-presentation 2.0: Narcissism and self-esteem on Facebook". *Cyberpsychology, Behaviour, and Social Networking*, 13(4), 357-364. <https://doi.org/10.1089/cyber.2009.0257>
- Mercier, R. J., Senter, K., Webster, R. & Riley, A. H. (2020). Instagram users' experiences of miscarriage. *Obstetrics & Gynecology*, 135(1), 166-173. <https://doi.org/10.1097/AOG.0000000000003621>
- Moksnes, U.K. & Espnes, G. A. (2013). Self-esteem and life satisfaction in adolescents-gender and age as potential moderators. *Quality of Life Research*, 22(10), 2921-2928. doi: <https://doi.org/10.1007/s11136-013-0427-4>.
- Monteiro, R. P., Monteiro, T. M. C., Maciel, V.C., Masotti, F.N.A., Freitas, I. M. S. & Candido, J. (2020). This I will post: exploring the relationship between narcissism, use of Instagram and moderation role of self-esteem. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, 10(2), 55-73.
- Moon, J. H., Lee, E., Lee J-A., Choi, T.R. & Sung, Y. (2016). The role of narcissism in self-promotion on Instagram". *Personality and Individual Differences*, 101, 22-25. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.05.042>
- Nielsen, I., Smyth, R. & Liu, Y. (2011). The moderating effects of demographic factors and hukou status on the job satisfaction- Subjective well-being relationship in urban China. *The International Journal of Human Resource Management*, 22(6), 1333-1350. <https://doi.org/10.1080/09585192.2011.559103>
- Obada, D.R. & Dabija, D.C. (2022). The mediation effects of social media usage and sharing fake news about companies. *Behavioral Sciences*, 12(10), 372. <https://doi.org/10.3390/bs12100372>
- Pop, L. M., Iorga, M. & Iurcov, R. (2022). Body-Esteem, Self-Esteem and Loneliness among Social Media Young Users. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19, 5064. <https://doi.org/10.3390/ijerph19095064>
- Reece, A. G. & Danforth, C. M. (2017). Instagram photos reveal predictive markers of depression. *EPJ Data Science*, 6(15), 1-12.
- Reina, M.C. Oliva, A. & Parra, A. (2010). Percepciones de autoevaluación: Autoestima, autoeficacia y satisfacción vital en la adolescencia. *Psychology, Society & Education*, 2(1), 55-69.

- Rodríguez-Suárez, B., Caperos, J. M. & Martínez-Huertas, J. A. (2022). Efecto de la exposición a ideales de delgadez en las redes sociales sobre la autoestima y la ansiedad. *Behavioral Psychology*, 30(3), 677-691. <https://doi.org/10.51668/bp.8322305s>
- Romdhane, F.F., Sawma, T., Obeid, S. & Hallit, S. (2023). Self-critical perfectionism mediates the relationship between self-esteem and satisfaction with life in Lebanese university students. *BMC Psychology*, 11(1), 4. <https://doi.org/10.1186/s40359-023-01040-6>.
- Rosenberg, M. (1986). Self-Concept from Middle Childhood through Adolescence. In J. Suls, & A.G. Greenwald (Eds.), *Psychological Perspectives on the Self*, vol.3 (pp. 107-135). Lawrence Erlbaum.
- Santos, P. J. & Maia, J. (2003). Análise factorial confirmatória e validação preliminar de uma versão portuguesa da escala de autoestima de Rosenberg. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 8, 253-268.
- Sherman, L.E., Payton, A. A., Hernandez, L. M., Greenfield, P. M. & Dapretto, M. (2016). The power of the like in adolescence: effects of peer influence on neural and behavioral responses to social media. *Psychological Science*, 27(7), 1027-1035. <https://doi.org/10.1177/0956797616645673>
- Sherman, L.E., Greenfield, P. M., Hernandez, L. M. & Dapretto, M. (2018). Peer influence via Instagram: effects on brain and behavior in adolescence and young adulthood. *Child Development*, 89(1), 37-47. <https://doi.org/10.1111/cdev.12838>
- Silvério, A.P.M. (2012). O poder das redes sociais: fazendo marketing em redes sociais. In Las Casas (Org.), *Marketing interativo: a utilização de ferramentas e mídias digitais* (pp.59-76). Saint Paul Editora.
- Simões, A. (1992). Ulterior validação de uma escala de satisfação com a vida (SWLS). *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 26(3), 503-515.
- Szczesniak, M., Baijkowska, I., Czaprowska, A. & Silenska, A. (2022). Adolescents' self-esteem and life satisfaction: communication with peers as a mediator. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19(7), 3777. <https://doi.org/10.3390/ijerph19073777>
- Uram, P. & Skalski, S. (2022). Still Logged in? The Link Between Facebook Addiction, FoMO, Self-Esteem, Life Satisfaction and Loneliness in Social Media Users. *Psychological Reports*, 125(1), 218-231. <https://doi.org/10.1177/0033294120980970>
- Valkenburg, P. M., Peter, J. & Schouten, M. A. (2006). Friend networking sites and their relationship to adolescents' well-being and social self-esteem. *Cyber Psychology & Behavior*, 9(5), 584-590.
- Vasishth, S. & Broe, M. (2011). *The foundations of statistics: a simulation-based approach*. Springer.
- Vidal, C., Lhaksampa, T., Miller, L. & Platt, R. (2020). Social media use and depression in adolescents: a scoping review. *International Review of Psychiatry*, 32(3), 235-253. 10.1080/09540261.2020.1720623.
- Yu, U. J. & Jung, J. (2018). Effects of self-discrepancy and self-schema on young women's body image and self-esteem after media image exposure. *Family and Consumer Sciences Research Journal*, 47(2),142-160. <https://doi.org/10.1111/fcsr.12284>
- Zhan, L., Sun, Y. & Wang, N. (2016). Understanding the influence of social media on people's life satisfaction through two competing explanatory mechanisms. *Aslib Journal of Information Management*, 68(3), 347-361. <https://doi.org/10.1108/ajim-12-2015-0195>

FIGURAS PARENTAIS (PAIS) AUTORES DE VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: CARACTERÍSTICAS BIOSOCIODEMOGRÁFICAS

PARENTAL FIGURES (PARENTS) AUTHORS OF SEXUAL VIOLENCE AGAINST CHILDREN AND ADOLESCENTS: BIOSOCIODEMOGRAPHIC CHARACTERISTICS

Marisa Trindade Pereira¹, Daniela Castro dos Reis², Simone Souza da Costa Silva³,
Lília Ieda Chaves Cavalcante⁴, Laiana Soeiro Ferreira⁵

PSIQUE • E-ISSN 2183-4806 • VOLUME XX • ISSUE FASCÍCULO 1
1ST JANUARY JANEIRO - 30TH JUNE JUNHO 2024 • PP. 22-39

DOI: <https://doi.org/10.26619/2183-4806.XX.1.2>

Submitted on 04/09/2023 Submetido a 04/09/2023

Accepted on 27/12/2023 Aceite a 27/12/2023

Resumo

Estudos sobre o autor da violência sexual contra crianças e adolescentes são incipientes no Brasil. Sua trajetória de vida constitui-se um tema complexo e seus aspectos parentais são tratados pela literatura com reserva, apesar de evidências apontarem maior probabilidade para autores de violência serem pai ou padrasto da vítima. Assim, esta pesquisa objetivou caracterizar biosociodemograficamente pais autores de violência sexual e descrever a agressão perpetrada. Traçou-se de um estudo empírico-documental, de natureza descritivo-exploratória, com abordagem quantitativa dos dados. Desenvolvido em sete municípios do Estado do Pará, envolveu processos de 283 pais autores de violência sexual presos. Um formulário de caracterização biopsicossocial

1 Mestre pelo programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento da Universidade Federal do Pará (UFPA) Brasil. Membro do Grupo de Estudo de Autores de Violência. E-mail: matripemama@yahoo.com.br.

ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0002-6548-1808>

2 Professora doutora do programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento da Universidade Federal do Pará (UFPA) Brasil. Membro do Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento. Coordenadora do Grupo de Estudo de Autores de Violência. E-mail: danireispara@gmail.com.

ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0002-9505-4516>

3 Professora doutora do programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento da Universidade Federal do Pará (UFPA) Brasil. Membro do Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento. Coordenadora do Grupo de Estudo sobre processo de adaptação das famílias diante a deficiência. E-mail: symon@ufpa.br

ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0003-0795-2998>

4 Professora doutora do programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento da Universidade Federal do Pará. (UFPA) Brasil. Membro do Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento. Coordenadora do Grupo de Estudos de Autores de Violência. Coordenadora do Grupo de Estudos que investiga questões voltadas para o acolhimento institucional e a adoção. E-mail: liliacavalcante@gmail.com

ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0003-3154-0651>

5 Professora Mestre da Universidade Federal do Pará (UFPA) Brasil. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do comportamento da Universidade Federal do Pará. Membro do Grupo de Estudo de Motricidade Humana. E-mail: laianasoeiro@ufpa.br

ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0002-1622-0708>

foi utilizado como instrumento. A coleta permitiu a construção de um banco de dados analisado por meio de estatística descritiva e de Cluster. Nos resultados, o perfil biosociodemográfico apontou para pais autores em sua maioria pretos/pardos, com média de 40 anos, dois filhos, com cônjuge e ocupação. Os vínculos de parentesco apareceram na maior proporção de padrasto, pai e tio, respectivamente. As características do tipo de agressão com uso de força ou coerção severa apareceram na proporção de 65,02% e os atos de esfregar-se na vítima e sexo vaginal foram os mais frequentes. As análises permitiram esmiuçar aspectos da caracterização dessa população para intervenções futuras mais eficazes.

Palavras-chave: Pai; Autor de violência sexual de crianças e adolescentes.

Abstract

Studies on the perpetrator of sexual violence against children and adolescents are incipient in Brazil. Their life trajectory constitutes a complex topic and their parental aspects are treated with caution in the literature, despite evidence indicating that perpetrators of violence are more likely to be the father or stepfather of the victim. Thus, this research aimed to biosociodemographically characterize parents who committed sexual violence and describe the aggression perpetrated. This was an empirical-documentary, descriptive-exploratory study, with a quantitative approach to the data. Developed in seven municipalities in the State of Pará, it involved the processes of 283 sentenced prisoner parents. A biopsychosocial characterization form was used as an instrument. The collection allowed the construction of a database analyzed using descriptive and cluster statistics. In the results, the biosociodemographic profile pointed to author parents who were mostly black/brown, with an average of 40 years old, two children, with a spouse and occupation. Kinship ties appeared in the highest proportion of stepfather, father and uncle, respectively. The characteristics of aggression, use of force or severe coercion appeared in a proportion of 65.02% and the acts of rubbing against the victim and vaginal sex were the most frequent. The analyzes made it possible to scrutinize aspects of the characterization of this population for more effective future interventions.

Keywords: Dad; perpetrator of sexual violence against children and adolescents.

Introdução

A violência sexual contra crianças e adolescentes

A perpetração da violência sexual contra crianças e adolescentes é um fenômeno universal, associada a relação assimétrica de poder (Florentino, 2015). Que possui a finalidade de obtenção de prazer sexual e configura-se pela prática de ato sexual a criança e/ou adolescente (Ferraz et al., 2021). Para a *American Academy of Pediatrics Committee on Child Abuse and Neglect* é um problema de saúde pública complexo, gerador de danos psíquicos, emocionais e sociais, envolvendo a vítima, a família e o perpetrador (*American Academy of Child Adolescent Psychiatry [AACAP]*, 2012).

Com incidência, segundo Miranda et al. (2020), em todas as classes sociais, independente do gênero, raça ou etnia, danificando todo o tecido social dos envolvidos. Intercorre, de acordo com Cavalcante (2022) por meio de atos operantes, como: sexo com penetração, incesto, assédio, exploração sexual, pornografia, manipulação (genitália, mama ou ânus), imposição de intimidades, jogos sexuais, práticas eróticas não consentidas e transtornos tais como exibicionismo, pedofilia e *voyeurismo*.

Pode ocorrer em contexto extrafamiliar e intrafamiliar (Organização Mundial de Saúde [OMS], 2002). O primeiro incide, em maior frequência, fora da residência das vítimas, e é perpetrado por um adulto sem laços de parentesco com a vítima (Sanfelice & De Antoni, 2010). O segundo ocorre no ambiente doméstico (na residência da vítima ou do autor) e apresenta singularidades por ocorrer em espaço de intimidade (Lopes, 2021) e ser ocasionada por pessoas investidas de função parental ou parente próximo (Florentino, 2015).

O contexto de violência sexual intrafamiliar reproduz-se em sequência crescente de episódios, envolve familiares que subjugam a vítima como propriedade e fazem uso do poder familiar para exercer práticas de violência sexual, resultando em negligência e violação de direitos (Balbinotti, 2009). Gerando consequências negativas e devastadoras aos que a vivenciam, que podem reproduzir o comportamento violento, comprometendo relações futuras, e manifestar-se de várias formas, com diferentes graus de severidade/gravidade ao desenvolvimento (Lopes, 2021).

Nos Estados Unidos a violência sexual contra crianças e adolescentes é considerada um problema para a sociedade, visto que cerca de um em cada quatro meninas e um em cada 13 meninos sofrem violência sexual em algum momento de sua infância e/ou adolescência (Oliveira, 2019).

No Brasil, a Unicef (2021) publicou que, no período de 2019 a 2021 no Brasil, o crime com maior número de vítimas de 0 a 17 anos foi a violência sexual contra crianças e adolescentes, com 73.442 casos identificados. Esse dado reflete o grande percentual de registro, apesar dos altos índices de subnotificações e de falhas nos registros de Boletins de Ocorrência (Miranda et al., 2020).

De acordo com Stroff e Vieira (2020) esses registros oficiais no Brasil focam-se, principalmente, em informações sobre as características das vítimas. Assim, a literatura científica nacional reflete tais dados (Aguiar & Ferreira, 2020; Aznar-Blefari et al., 2021; Ferreira & Nascimento, 2019; Platt et al., 2018; Stroff & Vieira, 2020). Em virtude desses parâmetros da rede de assistência no país, a sociedade e a comunidade científica, em particular, vem focando sua atenção, em especial, a aspectos referentes a vítima e com reserva tem sido considerado características relativas ao autor da violência (Reis & Cavalcante, 2018).

Autores da violência sexual contra crianças e adolescentes

Pesquisas sobre os autores de violência sexual contra crianças e adolescentes (AVSCA) geralmente apresentam-se com abordagens secundárias nos estudos nacionais (Platt et al., 2018). Uma das justificativas para o fato, apontada por Reis e Cavalcante (2019), dá-se ao fato que na sociedade brasileira o autor figura-se com representação monstruosa, abominável e imoral, resultando no comprometimento do entendimento coerente do fenômeno e dificulta possíveis estratégias para redução e prevenção da problemática (Café & Nascimento, 2012).

Os principais estudos nacionais sobre AVSCA (Bohn, 2012; Moura, 2007; Martins, 2008; Pechorro et al., 2008; Sanfelice & De Antoni, 2010; Scortegagna & Villemor-Amaral, 2013) são

centrados em levantamentos estatísticos de dados sociodemográficos e com pequenas amostras, que buscam caracterizar o perfil do AVSCA e de dados quantitativos referentes às notificações (Costa et al., 2018).

O perfil sociodemográfico observado na literatura nacional caracteriza os AVSCA como homens do sexo masculino (Reis & Cavalcante, 2018), no estado civil notou-se relacionamento quando cometeram o crime (Bohn, 2012). A escolaridade, na pesquisa de Ferraz et al. (2021), é indicada com menos de 10% com início em uma graduação. O estudo de Moura (2007) observou a baixa escolaridade como frequente fator de risco para esta população.

Na ocupação observa-se nos estudos vínculo de trabalho no momento do crime, contudo, sem uma profissão específica predominante (Bohn, 2012). Pimentel (2010) indica baixo nível socioeconômico e origem em famílias numerosas e ligadas à pobreza. Em relação ao histórico de violência na família, identificaram-se diversos tipos, como violência física, moral e sexual (Habigzang et al., 2005).

Nos últimos anos, alguns estudos nacionais pioneiros têm se direcionado para aspectos mais específicos dessa população, destacando-se investigações produzidas por Reis e Cavalcante (2018) e Ferraz et al. (2021), que abordam o problema sob a perspectiva do AVSCA e com amostras maiores. Estes estudos empíricos que exploram a distorção cognitiva, o processo de socialização primária e a trajetória de vida adversa.

Em paralelo, ao observar-se a literatura internacional (Hall e Hall, 2007; Jespersen, Lalumière & Seto, 2009; Poepl et al., 2015; Smith, 2000) acerca do assunto, nota-se uma pluralidade de estudos. Esta variedade de estudos está distribuída em diversos aspectos dos AVSCA como: história de vida, fatores de risco, distorções cognitivas, tratamento, características psiquiátricas e neurociências.

A parentalidade dos autores de violência sexual

Dentre as diversas variáveis que ainda necessitam serem exploradas para compreensão do fenômeno da violência sexual no cenário nacional, este estudo destaca a relacionada à parentalidade do AVSCA. Existem dois aspectos importantes no delineamento do estudo da parentalidade dessa população. O primeiro é evidenciado por estudos que indicaram maior percentagem de violência sexual contra crianças e adolescentes serem cometidos pelo pai ou padrasto da vítima (Habigzang et al., 2005; Miranda et al., 2020; Moura & Koller, 2008; Platt et al., 2018; Soares & Nascimento, 2019).

Foyen (2017), ressalta que esses casos proporcionam um intenso sofrimento à criança e/ou adolescente. Ao mesmo tempo que gera sofrimento, a experiência ocorre em um contexto afetivo, o que então promove uma série de sentimentos ambivalentes na criança e/ou adolescente (Risman, Figueira, Vieira & Azevedo, 2014). Esses sentimentos ocorrem geralmente em casos incestuosos, nos quais as vítimas que sofreram a violência sexual ficam aterrorizadas e confusas, o que se consolida numa situação de silêncio, na qual a criança não faz a denúncia por medo de ser culpada, ou então de provocar a desagregação familiar (Azevedo, Alves & Tavares, 2018).

O ato do incesto, para Soares e Nascimento (2019), caracteriza-se como histórico e complexo e para sua compreensão faz-se necessário uma reflexão sobre a família e funções parentais, uma vez que as relações incestuosas ocorrem no espaço familiar, onde são vivenciados os vínculos essenciais à formação da personalidade.

O outro aspecto que é foco deste estudo, relaciona-se à variável ter filho, frequentemente observada nos estudos sociodemográficos como de Habigzang et al. (2005) e Santos (2019), apresentada apenas como um dado quantitativo de quantidade de filhos e sem pretensão investigar as características deste pai, enquanto figura de prática de cuidado dos filhos que podem ter sido as vítimas da violência ou não.

De acordo com Pullman et al. (2014) vivências em contextos adversos, geram prejuízos para o desenvolvimento e colocam o indivíduo em situação de vulnerabilidade, tendo como possível desfecho a adoção de comportamentos disfuncionais para lidar com os eventos vivenciados em sua trajetória de vida. Isso inclui a adoção de uma prática parental com características negativas e a violência sexual contra crianças e adolescentes.

Esses fatores geradores de comportamento disruptivo são frequentemente observados no histórico de AVSCA, sendo possível citar igualmente: histórico de comportamento agressivo, problemas de relacionamento interpessoal, baixo rendimento escolar, problemas com autoestima, estilos parentais negativos, exposição à pobreza e violência comunitária, além de histórias de abuso sexual, físico, psicológico e negligência parental, no contexto doméstico, vivenciados na infância e adolescência (Paludo & Schiró, 2012).

Além disso, quando encarcerado, o pai AVSCA apresenta mais fragilidades no seu envolvimento paterno (com filhos não vítimas), em virtude da reclusão, conforme sinaliza Miranda e Granato (2016). Granja et al. (2013) demonstram ainda que a prisão paterna altera por completo o envolvimento dos pais com os filhos, pois ocorre uma ruptura no processo interacional da relação diária.

Assim, a prevenção deste tipo de violência requer sua compreensão em sua forma multidimensional, isto é, suas origens, características e consequências. Pois, direcionar-se a pesquisar os efeitos do problema e desconsiderar a causa, consiste em deixar uma parte importante do fenômeno, gerando prejuízos ao planejamento de políticas públicas eficazes para o enfrentamento do problema.

Desta forma, parece que iniciar o estudo sobre pais AVSCA poderá auxiliar na compreensão do fenômeno da violência sexual contra crianças e adolescentes. Visto que, essa nova variável pode contribuir para o entendimento de características dessa população e fornecer subsídios para ajudar nas práticas de prevenção e intervenção, auxiliando na diminuição da reincidência, por meio do planejamento de ações mais eficazes, amparadas em dados científicos.

Portanto, este estudo teve a finalidade de contribuir com a caracterização biosociodemográfica de AVSCA na condição de figura parental (pai) que perpetrou violência sexual contra crianças e adolescentes e por este ângulo buscou descrever as características da agressão sexual perpetrada.

Método

Delineamento da Pesquisa

O presente estudo trata-se de um estudo documental, com objetivos descritivos e exploratórios, delineamento de corte transversal e amparado em abordagem quantitativa de dados (Gil, 2018).

Contexto

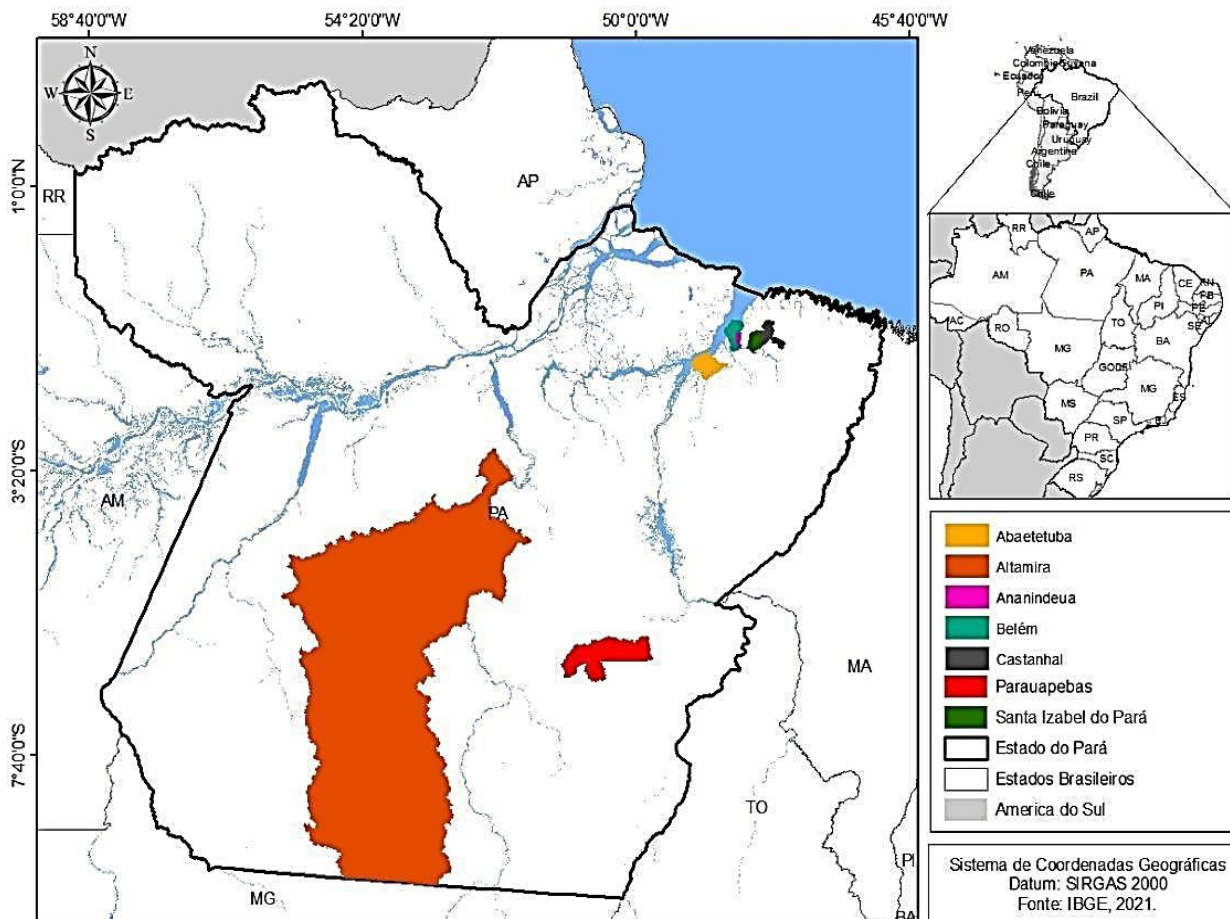
Os dados foram coletados entre os anos de 2015 e 2016 por membros do Grupo de Estudo de Autores de Violência Sexual vinculado ao Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Pará. Envolveu sete comarcas dos municípios do estado do Pará (Belém, Ananindeua, Santa Izabel, Abaetetuba, Altamira, Castanhal e Parauapebas) (Figura 1). Estes locais foram selecionados porque estavam inseridos em regiões geopoliticamente importantes.

Participantes da pesquisa

Os AVSCA eram homens, acima de 18 anos, sentenciados pelo crime de violência sexual contra criança e adolescente. O tamanho da amostra (N =521) levou em conta o número de processos jurídicos localizados em cada município pelo sistema Libra (Sistema de Gestão de Processos Judiciais). Do total de 521 processos desses participantes, foram selecionados 283 que atendiam ao seguinte critério de seleção: sexo masculino, possuíam filhos, ter cometido crimes relacionados a sexualidade (Lei de Execução Penal, 1984) e ausência de diagnóstico médico de doença psiquiátrica ou neurológica.

FIGURA 1

Mapa dos Municípios onde foi aplicado o instrumento



Instrumento

Formulário para Caracterização Biopsicossocial (FCB)

O formulário utilizado foi de Caracterização Biopsicossocial (FCB) do autor da agressão sexual, composto por: (a) dados de identificação (sete itens), (b) dados biopsicossociais do AVSCA e da sua vítima (34 itens), (c) dados processuais do autor (20 itens) e (d) das vítimas (15 itens).

Procedimento de coleta

Solicitou-se a permissão da instituição para realização da pesquisa, em seguida a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa e a preparação para a inserção no contexto de coleta. Na sequência, foram analisados os processos jurídicos que tramitavam nas comarcas. Por fim, esses dados foram tratados, tabulados e inseridos no banco de dados de planilha eletrônica do Excel para a análise.

Procedimento de análise

Os dados dos 283 pais AVSCA foram analisados de forma exploratória e descritiva, por meio de estatística descritiva simples e apresentados por meio do Teste de Shapiro-Wilk de normalidade da amostra, medida de tendência central (mediana) e de dispersão calculados pelo *software* JASP (programa de análise estatística com apoio da Universidade de Amsterdão, e pela de frequência de dados absolutos e de percentuais calculados pelo programa Excel apresentados por meio de tabelas e quadros.

Além disso, foi realizado um procedimento da estatística multivariada que buscou agrupar os dados biosociodemográfico (faixa etária, raça, religião, estado civil, número de filhos, grau de escolaridade, vínculo de parentesco, condição, contexto da agressão, zona da agressão e confessou o crime) dos pais autores de violência em subgrupos.

A análise de agrupamento (Cluster) foi realizada com a utilização do Método de Ward para a aglomeração hierárquica e do Método K-Médias para a aglomeração não hierárquica. Utilizou-se o k-médias, para, de forma descritiva, explorar as relações conjuntas entre os pais AVSCA e seus aspectos biosociodemográficos, visando estabelecer o perfil dos grupos na população analisada (Malhotra, 2006).

A análise foi dividida em duas etapas. A primeira incluiu a descrição bivariada das características biosociodemográficas, segundo os grupos de caso e controle, comparando as proporções por meio do teste qui-quadrado considerando um nível de significância de 5%. Na segunda etapa, buscou-se explorar relações conjuntas entre os fatores socioeconômicos e demográficos e os grupos por meio da Análise de Agrupamento (Hair et al., 2009).

As características analisadas foram faixa etária em três categorias (menor de 29 anos, entre 30 a 64 anos e acima de 65 anos), raça em quatro categorias (branca, parda, preta e sem informação), religião (católico, espírita, evangélico, candomblé, sem religião e sem informação), estado civil (casado, separado, união estável, divorciado, solteiro, viúvo e sem informação), número de filhos (um filho, dois filhos, três filhos, quatro ou mais filhos e sem informação), grau de escolaridade (sem escolaridade, ensino fundamental incompleto, ensino fundamental completo, ensino médio incompleto, ensino médio completo, ensino superior incompleto, ensino superior completo

e sem informação), vínculo de parentesco (pai, padrasto, tio, primo, cunhado, avô e avodrado), condição (autônomo, benefício, empregado, desempregado, trabalho eventual e sem informação), contexto da agressão (intrafamiliar e extrafamiliar), zona da agressão (urbana, rural, ribeirinho e sem informação) e confessou o crime (sim, não e sem informação).

Para confirmar a quantidade de número de cluster criados, aplicou-se uma técnica complementar aos dados, chamada de Análise Discriminante. A Análise de Cluster e Discriminante foi realizada por meio do *software Statistical Package for Social Sciencies* (SPSS versão 23.0), utilizado para a estimação dos parâmetros das funções discriminantes e ferramenta para execução dos testes estatísticos a um nível de significância de 0,05 (Malhotra, 2006).

Para apresentar os resultados, optou-se por dividir a análise do estudo em três tópicos: características biosociodemográficas do pai AVSCA (idade, raça, estado civil, número de filhos, escolaridade e ocupação), características do grau de parentesco com a vítima e do ato de agressão sexual (grau de severidade/gravidade da violência perpetrada).

Considerações Éticas

O projeto de pesquisa para estudos envolvendo AVSCA foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos do Núcleo de Medicina Tropical da UFPA, emitido em 30/04/2014, registrado pelo número 650.210.

Resultados

A análise dos 283 processos de pais autores de violência revelou que 11 (3,89%) eram da cidade de Abaetetuba, 10 (3,53%) de Altamira, 55 (19,43%) de Ananindeua, 168 (59,36%) de Belém, 4 (1,41%) de Castanhal, 24 (8,49%) de Parauapebas e 11 (3,89%) de Santa Izabel. Esses números ressaltam a maior quantidade de processos concentrados na região metropolitana de Belém.

Na análise do grau de parentesco do pai AVSCA com a vítima, do total de 283 dos pais participantes da pesquisa, 112 cometeram a agressão no meio extrafamiliar (39,58%) e 171 cometeram a agressão no meio intrafamiliar (60,42%). Esses dados demonstram, que geralmente, o autor possuía uma relação de parentesco com a vítima. Das 171 agressões sexuais cometidas no meio intrafamiliar pelo pai AVSCA, identificou-se relação de parentesco com vítima na percentagem de 51 (29,82%) padrastos, 44 (25,73%) pais biólogos, 39 (22,80%) tios, 19 (11,11%) avôs, 9 (5,26%) primos, 5 (2,92%) avodrado e 4 (2,33%) cunhados.

A análise das características do ato de agressão foi realizada considerando sua severidade/gravidade. Neste sentido, foi construído as seguintes categorias: a) agressão sexual com uso da força e/ou outro tipo de coerção severa foi identificado em 184 (65,02%) casos. b) agressão sexual “menos” severa, como exibicionismo e abuso verbal, foi encontrado em 40 (14,13%) dos casos. c) agressão sexual com contato físico sem uso da força, com sedução, foi identificado em 56 (19,79%).

Os atos de agressão foram analisados conforme a frequência que apareceram nos processos, em todas as 283 condenações houve mais de um ato sexual perpetrado contra a vítima. O ato de esfregar-se na vítima foi encontrado em 138 situações, sexo vaginal em 120 dos casos, assédio foi observado em 91 das agressões, sexo anal em 72 vezes, o exibicionismo foi encontrado 70 vezes, sexo oral em 57 dos casos, tirar as roupas da vítima ocorreu em 57 situações, o beijo apareceu em

10 casos, a obrigação de assistir relações sexuais de terceiros 5 vezes (*voyeurismo*), assistir filme pornográfico ocorreu em cinco casos e tirar foto ou fazer filmagem apareceu em 1 caso.

Características biosociodemográficas

Neste tópico são exibidas informações referentes à: idade, cor/raça, número de filhos, estado civil, escolaridade e ocupação. Quanto à idade, os 283 participantes apresentam idade entre 19 e 86 anos. O Teste de Shapiro-Wilk aplicado a amostra apresentado na Tabela 1 (Miot, 2017) revelou que a amostra não segue uma distribuição normal, visto que o *p*-valor é menor que 0,05.

Os dados de medida de tendência central apresentaram valores para moda 38, mediana 40, com uma média de 42,27 e desvio padrão 12,95. Os dados de dispersão também seguem na Tabela 1 com a apresentação da variabilidade das idades. O resultado desses dados demonstra que apesar da média de idade se encontrar entre os 42 anos, há variações em relação à faixa etária, ratificadas também no valor elevado do desvio padrão e na distribuição anormal da amostra identificada pelo Teste de Shapiro-Wilk. Isso significa que os dados apresentam grande variabilidade e se considerou a mediana para verificar o tipo de dados que há na amostra analisadas.

TABELA 1

Dados de variabilidade e teste de normalidade da amostra

Medidas de dispersão	Idade	Teste	Valor
Erro padrão de média	0.770	Shapiro-Wilk	0.950
Desvio Padrão	12.955	P-valor	<.001
Coefficiente de variação	0.306	Valido	283
MAD	8.000		
MAD robusta	11.861		
Variância	167.82		

Em relação à cor/raça, foram identificados 24 (8,48%) brancos, 173 (61,12%) pretos e pardos e 86 (30,38) sem informação. Estes números revelam que a maioria dos autores pais são negros, contemplando os indivíduos pardos e pretos, apesar da variável sem informação (SI) ser alta.

Para análise da quantidade de filhos, agrupou-se em pais com prole mais de 5 e menos de 5 filhos. Observou-se que 262 (92,57%) dos pais possuíam prole igual e menor a 5 filhos, com média de 2 filhos. Apenas 21 (7,42%) dos pais possuíam prole com mais de 5 filhos. Esse percentual identifica pais com média de poucos filhos.

Quanto ao estado civil notou-se que 204 (72,08%) eram casados (incluído união estável), 40 (14,13%), solteiros, 21 (7,42%) separados, 6 (2,12%) divorciados, 6 (2,12%) viúvos e 6 sem informação (2,12%). Essas informações mostram que a maioria dos autores de agressão possuíam um vínculo conjugal.

Em relação à escolaridade foi verificado a presença de 15 (5,3%) analfabetos, 91 (32,15%) com o ensino fundamental incompleto, 27 (9,54%) com ensino fundamental completo, 26 (9,18%) com ensino médio incompleto, 57 (20,14) com o ensino médio completo, 4 (1,41%) com ensino superior incompleto, 13 (4,58%) com ensino superior completo e 50 (17,66%) sem informações. Os

dados sobre educação apresentam pais autores com vários níveis de escolaridade, sendo a maior proporção (56,18%), os que não possuem a educação básica, tendo uma SI em 17,66% dos processos.

Como condição de atividade laboral, 75 (26,50%) encontravam-se na condição de trabalho autônomo antes da prisão, 22 (7,78%) como beneficiários/pensionistas, 100 (35,33%) empregados, 20 (7,06%) desempregados, 22 (7,77%) com trabalhos eventuais, 1 (0,35%) estagiário/estudante e 43 (15,19%) sem informações. Essas informações sinalizam para perfis de ocupações diferentes, contudo a maioria 197 (69,61%) possuía algum tipo de renda.

Em geral, o perfil biosociodemográfico apontou para pais em sua maioria pretos/pardos, com média de dois filhos, sem educação básica e com cônjuge. Constatou-se heterogeneidade entre as características biosociodemográficas de faixa etária e de atividade laboral.

Com a Análise de Cluster por meio do Método do K-médias, os pais autores foram classificados em quatro grandes grupos com características similares. No Grupo 1 ficaram agrupados 121, no Grupo 2 foram agrupadas 33 pessoas, no Grupo 3 são agrupados 111 indivíduos e no Grupo 4, 18 pessoas. Para a validação destes resultados obtidos na análise discriminante. Utilizou-se de validação interna e a validação externa. A validação interna apresentada na Tabela 2, consistiu em verificar a eficácia da classificação das observações originais e a validação cruzada. Por sua vez, a validação externa objetiva confirmar os resultados da validação interna.

TABELA 2
Resultados da Classificação das amostras (validação interna)

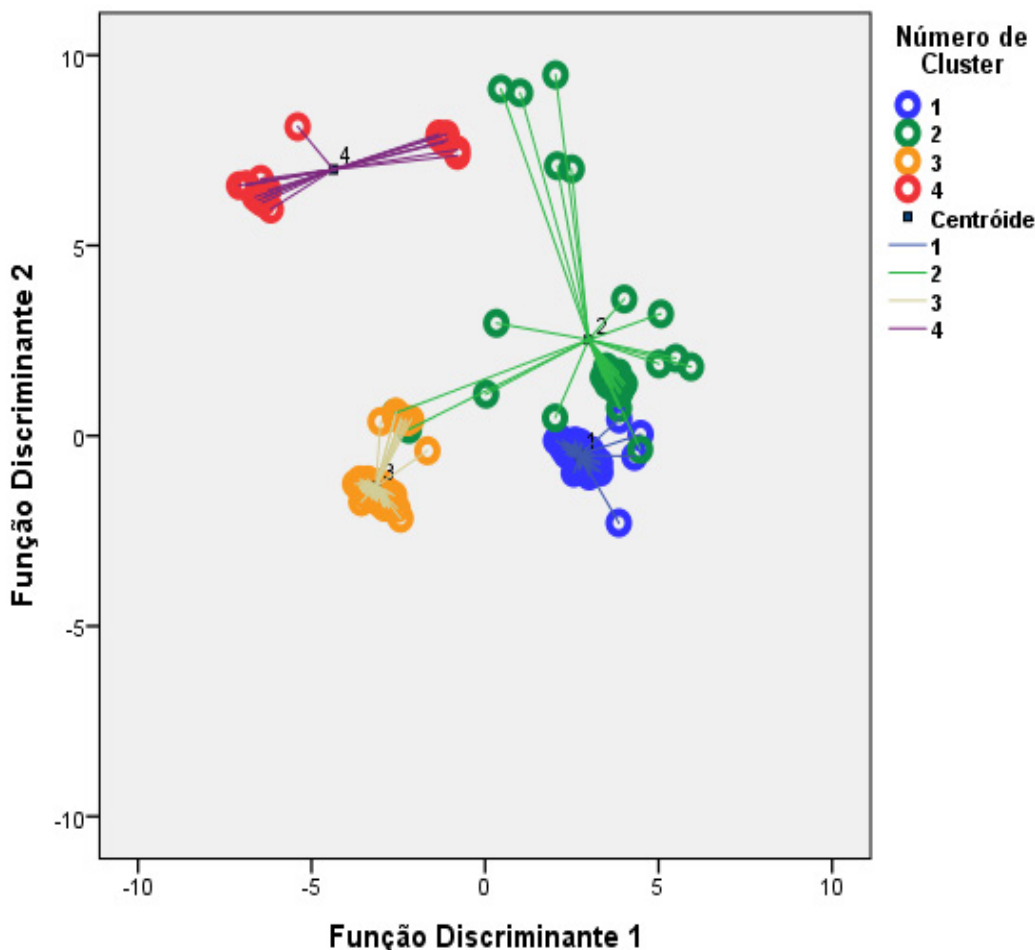
Grupos de Agressores		Probabilidade de Pertencer aos Grupos				Total	
		G1	G2	G3	G4		
Contagem Original ¹	Cluste1	121	0	0	0	121	
	Cluste2	0	30	0	0	30	
	Cluste3	0	0	111	0	111	
	Cluste4	0	0	0	18	18	
	%	Cluste1	100	0	0	0	100
		Cluste2	0	90.9	6.1	0	100
		Cluste3	0	0	100	0	100
		Cluste4	0	0	0	100	100
Contagem da Validação Cruzada ²	Cluste1	121	0	0	0	121	
	Cluste2	0	27	2	4	33	
	Cluste3	0	1	110	0	111	
	Cluste4	0	0	0	18	18	
	%	Cluste1	100	0.0	0	0	100
		Cluste2	0.0	81.8	6.1	2.1	100
		Cluste3	0.0	0.9	99.1	0	100
		Cluste4	0.0	0.0	0.0	100	100

(1) 98.9% dos casos dos grupos originais estão corretamente classificados. (2) 95% dos casos na validação cruzada estão corretamente classificados.

Os resultados desta avaliação permitem afirmar que 98.9% dos casos foram classificados de forma correta, pelo método estimado de três equações discriminantes. O resultado obtido foi que 95% das observações foram bem classificadas, ou seja, apenas 12 observações foram mal classificadas.

Assim, a Figura 2 mostra a discriminação dos quatro grupos de autores com destaque para os centróides de cada grupo, mostrando a ideia do comportamento e de como as funções discriminantes separam os quatro grupos.

FIGURA 2
Mapa Discriminante dos pais autores



No Grupo 1, observou-se pais autores em maioria de faixa etária entre 30 e 64 anos, pardos, religião sem informação, casados ou em união estável, média de um e dois filhos, com ensino fundamental incompleto ou ensino médio completo, vínculo de parentesco a maioria pai ou padrasto, condição de autônomo ou empregado, contexto da agressão na sua maioria intrafamiliar, zona da agressão essencialmente urbana e que não confessaram o crime.

O Grupo 2, aparecem pais autores com faixa etária entre 30 e 64 anos, raça sem informação, religião sem informação, estado civil em sua maioria com união estável, média de um filho, grau de escolaridade sem informação ou ensino médio completo, vínculo de parentesco pai ou padrasto, condição sem informação, contexto da agressão intrafamiliar, zona da agressão essencialmente urbana e que não confessaram o crime.

Grupo 3, observa-se em maioria em faixa etária entre 30 e 64 anos, pardos, católicos e evangélico, casados e união estável, média de dois filhos, com ensino fundamental incompleto, vínculo de parentesco pai ou padrasto, condição de autônomo e empregado, contexto da agressão intrafamiliar, zona da agressão essencialmente urbana e que não confessou o crime.

No Grupo 4, apareceram pais autores em maioria de faixa etária entre 30 e 64 anos, pardos, católico, em união estável ou solteiro, número de filhos sem informação, grau de escolaridade com ensino fundamental incompleto, vínculo de parentesco pai ou padrasto, condição de autônomo, contexto da agressão intrafamiliar e extrafamiliar equivalente, zona da agressão essencialmente urbana e que não confessaram.

Nesse contexto, considerando os resultados gerais da análise discriminante, depois que os pressupostos foram atendidos, observa-se que as variáveis selecionadas são significativamente discriminantes, que a própria função discriminante é altamente significativa. As outras variáveis analisadas foram descartadas na análise discriminante por não discriminarem tão bem quanto às escolhidas, demonstrando que a agressão sexual não se explica por um único indicador, é necessário um conjunto de indicadores reunidos estatisticamente e não aleatoriamente.

Discussão

Este estudo, de caráter descritivo exploratório, objetivou realizar uma caracterização biosociodemográfica de AVSCA na condição de figura parental (pai) que perpetrou violência sexual contra crianças e adolescentes e por este ângulo buscou descrever as características da agressão sexual perpetrada.

As características biosociodemográficas identificadas revelam que a faixa etária tende para a dispersão das idades, pois afasta-se do zero, o que significa um dado com várias faixas etárias e significativamente heterogêneo. Esse dado se assemelha aos achados do estudo de Ferraz et al. (2021), que identificou que AVSCA, situam-se em faixas etárias diversas. Estudos como de Jeglic et al. (2012) apontam faixa etária dispersa semelhante ao dado encontrado no presente estudo de pais AVSCA. Inferindo-se que as faixas etárias dos pais autores são semelhantes aos dos autores de agressão em geral.

Em relação à cor/raça, a análise dos dados mostrou uma percentagem maior para pretos/pardos, 61,12%. No Brasil, segundo Mendes (2017) a população dos autores de violência em sua maioria da cor preta e com baixa escolaridade, remontando o passado escravocrata do país, período colonial, onde o regime de trabalho adotado era o escravo e utilizava-se da população negra como mão-de-obra. Mesmo após a abolição da escravatura essa população continua a margem da sociedade (Santos, 2019).

Com relação a aspectos educacionais, os dados mostraram que a maioria dos pais AVSCA, não possuíam a educação básica (ensino médio completo). No estudo de Nunes e Sales (2016) revelou-se importante associação entre baixa escolaridade e prejuízos cognitivos, com

achados sobre repercussões ao desenvolvimento humano. Outro estudo importante, foi o de Moura e Koller (2008), que identificou que a baixa escolaridade associada a outros elementos adversos como fator de risco para ser AVSCA.

Quanto à ocupação, os dados revelam que os pais AVSCA realizavam atividades ocupacionais na época que cometeram o crime. Esses achados são incompatíveis com as considerações de Santiago e Guimarães (2019) e Zárate e Sapori, (2021), que destacaram em estudos uma relação entre o desemprego e criminalidade.

Em relação ao parentesco com a vítima, destaca-se a incidência, 60,42%, de crimes cometidos no meio intrafamiliar. Segundo Miranda et al. (2020), Soares e Nascimento (2019) e Platt et al. (2018) existe maior probabilidade de os autores da violência sexual serem do meio familiar da vítima. De acordo com Costa et al. (2018), quanto maior proximidade e intimidade, entre criança/adolescente e AVSCA, as consequências são mais graves para a vítima.

Do mesmo modo, Soares e Nascimento (2019) caracterizam a violência intrafamiliar como histórica e complexa e ressaltam a necessidade de uma reflexão sobre a família e suas funções parentais, uma vez que essas relações ocorrem no espaço familiar, onde são vivenciados os vínculos essenciais à formação da personalidade. As figuras familiares que aparecem com mais frequência são os padrastos, os pais e os tios. Confirmando os estudos de Miranda et al. (2020), que indicam maior probabilidade do autor de violência sexual de crianças e adolescentes serem o pai ou o padrasto da vítima. Os estudos de Serafim et al. (2011) apontam as figuras parentais paternas como maiores perpetradores.

Os pais como figuras parentais seriam, segundo Hoghugh (2004), que deveria assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento da criança, num ambiente seguro, visando socializá-la e torná-la gradativamente mais autônoma. O cuidar inconsistente e a parentalidade sensível, observados nestas figuras parentais que cometeram agressão contra o próprio filho, representam pontos opostos no contínuo do processo de parentalidade, que consiste no favorecer do desenvolvimento dos filhos (Barroso & Machado, 2010)

Em relação às características da agressão sexual dos perpetradores, identificou-se o *modo operandi* uso da força e/ou outro tipo de coerção severa. O ato de esfregar-se na vítima, seguido do sexo vaginal, foram os atos de agressão mais frequentes. Dahlberg e Krug (2006) trazem uma importante contribuição sobre a associação da intencionalidade com a realização do ato de agressão sexual, ao ressaltarem que a natureza do ato violento (uso de força física ou outro tipo de coerção severa) é resultado de uma relação de poder do autor com a criança e/ou adolescente.

Outrossim, Miranda et al. (2020) menciona em seus estudos que a agressão sexual nasce nas relações de desigualdade de poder, sustentadas por um contexto sociocultural. Segundo Amarray e Koller (1998) o grau da agressão, no qual o perpetrador faz uso de força e/ou coerção severa, resulta em consequências extremamente negativas tanto a curto como longo prazo para as vítimas. E suas consequências são múltiplas e devastadoras.

Assim, Florentino (2015) resalta as consequências graves e extensas para as vítimas deste tipo de violência, dada à atrocidade da agressão, muitas vezes associado a outros tipos de violência, justaposto ao fato de que a criança não está preparada do ponto de vista emocional e físico, deixando marcas profundas no desenvolvimento da criança e do adolescente vitimizado. Para Nunes e Sales (2016), esse impacto no desenvolvimento gera uma catastrófica repercussão no comportamento na vida adulta, quando ocorrido no meio intrafamiliar.

A análise exploratória dos agrupamentos, realizada por meio da análise de *Cluster*, demonstrou a formação de quatro conglomerados com características heterógenas. Locatelli et al. (2023) ressalta que essa população é conhecida pela sua heterogeneidade e destaca que por meio desta separação em grupos consegue-se estudar com clareza as características e obter um padrão de características associadas a cada um deles e do seu *modus operandi*. Além disso, a caracterização feita em grupos, auxilia os profissionais que trabalham com estas populações a entender melhor suas características (Teixeira, Rezende & Perissinoto, 2021; Zilki & Resende, 2022).

Este estudo apresenta limitações em alguns aspectos, tendo em vista que a análise dos dados baseou-se em um banco de dados de informações que já havia sido coletado pelo Grupo de Estudos de Autores de Violência. Além disso, a base da pesquisa foi coletada no sistema LIBRA da justiça, o qual teve-se acesso para a pesquisa, o que pode não ter fornecido a totalidade dos processos envolvendo AVSCA. Dados como do uso abusivo de drogas, referência importante na literatura sobre violência sexual contra crianças e adolescentes, não foi possível de serem analisados porque esses dados não haviam sido coletados no sistema.

Conclusão

A presente pesquisa conseguiu caracterizar biosociodemograficamente a figura parental do perpetrador de violência sexual contra crianças/adolescentes, assim como realizou a descrição das características do ato da agressão sexual. Confirmando a hipótese que as características do pai AVSCA são semelhantes à população geral dos autores de violência.

Os dados empíricos de estudos nacionais demonstram uma lacuna sobre as figuras parentais perpetradoras de violência sexual, o que reflete em políticas públicas de assistência a essa população. Assim, o presente estudo traz contribuições no campo científico para o entendimento de uma parte importante do fenômeno, os autores da violência sexual contra crianças e adolescentes, por meio da caracterização dessa população.

No entanto, são necessários mais estudos brasileiros com novos recortes e elementos para auxiliar na compreensão do fenômeno, dada essa ausência da literatura. Aspectos importantes do desenvolvimento, comunicação, relações familiares e vínculos afetivos precisam ser melhor investigados, tendo em vista que exercem influência nestas figuras parentais.

Este tema é ainda incipiente no Brasil, sobretudo, em uma região cujas condições de vida são, geograficamente, particulares. A Amazônia caracteriza-se por apresentar aspectos culturais e territoriais bem distintos das experimentadas em outras regiões do Brasil. Este estudo reflete a população deste território amazônico.

Referências

- Aguiar, E. & Ferreira, C. (2020). Violência sexual contra crianças e adolescentes e suas consequências psicológicas, cognitivas e emocionais: revisão integrativa de literatura. *Psicologia e Saúde em Debate*, 6(2), 80–96. <https://doi.org/10.22289/2446-922X.V6N2A6>
- Amazarray, M. & Koller, S. (1998). Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(3), 559-578. <https://doi.org/10.1590/S0102-79721998000300014>

- American Academy of Child and Adolescent Psychiatry (2012). Practice parameter for psychodynamic psychotherapy with children. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 51(5), 541-557.
- Azevedo, M., Alves, M. & Tavares, J. (2018). Abuso Sexual Intrafamiliar em Adolescentes e Suas Reflexões. *Psicologia para América Latina*, 30, 7-25.
- Aznar-Blefari, C., Schaefer, L., Pelisoli, C., & Habigzang, L. (2021). Atuação de Psicólogos em Alegações de Violência Sexual: Boas Práticas nas Entrevistas. *Psico – USF*, 25(4), 625-635. <https://doi.org/10.1590/1413/82712020250403>
- Balbinotti, C. (2009). A violência sexual infantil intrafamiliar: a revitimização da criança e do adolescente vítimas de abuso. *Direito & Justiça*, 35(1), 5-20.
- Barroso, R. & Machado, C. (2010). Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psychologia*, 52(1), 211-22. https://doi.org/10.14195/1647-8606_52-1_10
- Bohn, D. (2012). *Características emocionais e Comportamentais de adolescentes e adultos suspeitos de praticar abuso sexual* [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade Católica de Pelotas.
- Café, M. & Nascimento, N. (2012). O psicodrama e o atendimento aos autores de violência sexual. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 20(2), 127-139.
- Cavalcante, L. (2022). A violência contra a mulher sob o olhar da mediação cultural da informação: análise da exposição “Retratos Relatos”. *Revista Brasileira de Biblioteconomia*, 18(2), 1–19.
- Costa, L., Cavalcante, L. & Reis, D. (2018). Autores de agressão sexual em contexto intra e extrafamiliar: uma revisão de literatura. *Mudanças*, 26(2), 61-69. <https://doi.org/10.15603/2176-1019/mud.v26n2p61-69>
- Dahlberg, L. & Krug, E. (2006). Violência: um problema global de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11, 1163-1178. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232006000500007>
- Ferraz, M., Xavier, M. & Cabral, I. (2021). Violência sexual contra crianças e adolescentes: análise das notificações a partir do debate sobre gênero. *Densidades*, 29, 134-150.
- Ferreira, N. & Nascimento, D. (2019). Sentidos Produzidos: Homens encarcerados por crimes sexuais contra crianças e adolescentes. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, 11(28), 131-150. <https://doi.org/10.5007/cbsm.v11i28.69674>
- Florentino, B. (2015). As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. *Fractal*, 27(2), 39-144. <https://doi.org/10.1590/1984-0292/805>
- Foyen, S. (2017). Políticas de proteção à criança vítima de violência sexual. E o abusador? Merece atenção?. *Revista Simetria do tribunal de Contas do Município de São Paulo*, 1(2), 96–110. <https://doi.org/10.61681/revistasimetria.v1i2.83>
- Gil, A. (2018). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. Atlas.
- Granja, R, Cunha, M. & Machado, H. (2013). Formas alternativas do exercício da parentalidade: paternidade e maternidade em contexto prisional. *Ex aequo*, 28, 73-86.
- Habigzang, L., Koller, S., Azevedo, G. & Machado, P. (2005). Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: aspectos observados em processos jurídicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(3), 341-348. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722005000300011>
- Hair Junior, J., Black, W., Babin, B., Anderson, R. & Tatham, R., (2009). *Análise multivariada de dados*. Bookman.

- Hall, R. & Hall, (2007) R. A profile of pedophilia: definition, characteristics of offenders, recidivism, treatment outcomes, and forensic issues. *Mayo Clinic Proceedings*, 82(4), 457-471. <https://doi.org/10.4065/82.4.457>
- Hoghugh, M. (2004). Parenting: an introduction. In M. S. Hoghugh & N. Long (Eds.), *Handbook of Parenting Theory and Research for Practice* (pp 1-18). SAGE Publications Ltd.
- Jeglic, E., Mercado, C. & Levenson, J. (2012). The Prevalence and Correlates of Depression and Hopelessness among Sex Offenders Subject to Community Notification and Residence Restriction Legislation. *American Journal of Criminal Justice*, 37, 46-59. <https://doi.org/10.1007/s12103-010-9096-9>
- Jespersen, A., Lalumière, M. & Seto, M. (2009). Sexual abuse history among adult sex offenders and non-sex offenders: a meta-analysis. *Child Abuse & Neglect*, 3(3), 179-192. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2008.07.004>
- Locatelli, T., Vieira, G., Lindner, S., Warmling, D. & Coelho, E. (2023). Características de homens e mulheres autores de violência sexual: uma revisão de Escopo. *Society and Development*, 12(4), 1-14. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v12i4.403751>
- Lopes, L. (2021). Violência intrafamiliar: suas formas e consequências. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, 5(5), 161-173. <https://doi.org/10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/violencia-intrafamiliar>
- Malhotra, N. (2006). *Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada*. Bookman.
- Martins, C. (2008). *Violência contra menores de 15 anos no município de Londrina, Paraná: Análise epidemiológica de suas notificações* [Tese de Doutorado não publicada]. Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.
- Mendes, E. (2017). Raízes da violência no Brasil: impasses e possibilidades. *Estudos de Psicanálise*, 48, 33-42.
- Miot, H. (2017). Avaliação da normalidade dados em estudos clínicos e experimentais. *Jornal Vascular Brasileiro*, 16(2), 88-91. <https://doi.org/10.1590/1677-5449.041117>
- Miranda, M. & Granato, T. (2016). Pais encarcerados: narrativas de presos sobre a experiência da paternidade na prisão. *Psico-USF*, 47(4), 309-318. <https://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2016.4.23413>
- Miranda, M., Fernandes, F., Melo, R. & Meireles, R. (2020). Violência sexual contra crianças e adolescentes: uma análise da prevalência e fatores associados. *Revista da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo*, 54, 01-08. <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2019013303633>
- Moura, A. (2007). *A criança na perspectiva do abusador sexual* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul].
- Moura, A. & Koller, S. (2008). A criança na visão de homens acusados de abuso sexual: um estudo sobre distorções cognitivas. *Psico-USF*, 13(1), 85-94. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712008000100011>
- Nunes, A. & Sales, M. (2016). Violência contra crianças no cenário brasileiro. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21(3), 871-880. <https://doi.org/10.1590/1413-81232015213.08182014>
- Oliveira, N. (2019). Violência contra crianças e adolescentes em Manaus, Amazonas: estudo descritivo dos casos e análise da completude das fichas de notificação. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 29(1). <https://doi.org/10.5123/S1679-49742020000100012>
- Organização Mundial da Saúde. (2002). *Relatório Mundial Sobre Violência e Saúde*. <https://www.cevs.rs.gov.br>

- Paludo, S. & Schirò, E. (2012). Um estudo sobre os fatores de risco e proteção associados à violência sexual cometida contra adolescentes e jovens adultos. *Estudos de psicologia*, 17(3), 397-404. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2012000300007>
- Pechorro, P., Poiares, C. & Vieira, R. (2008). Caracterização psicologia de uma mostra forense de abusadores sexuais. *Análise psicológica*, 4(26), 615-626.
- Pimentel, A. (2010). Avaliação psicológica na Delegacia Especializada: um estudo de caso de violência sexual infantil. *Revista Mal-Estar*, 10(2), 585-603.
- Platt, V., Back, I., Hauschild, D. & Guedert, J. (2018). Violência sexual contra crianças: autores, vítimas e consequências. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(4), 1019-1031. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018234.11362016>
- Poepl, T., Eickhoff, S., Fox, P., Laird, A., Rainer, R., Langguth, B. & Bzdok, D. (2015). Connectivity and functional profiling of abdominal brain structures in pedophilia. *Human Brain Mapping*, 36, 2374-2386. <https://doi.org/10.1002/hbm.22777>
- Pullman, L., Leroux, E., Motayne, G. & Seto, M. (2014). Examining the developmental trajectories of adolescent sexual offenders. *Child Abuse & Neglect*, 38(7), 1249-1258. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2014.03.003>
- Reis, D. & Cavalcante, L. (2019). Avaliação de distorção cognitiva de autores de agressão sexual de criança e adolescente, AASCAS: Revisão sistemática da literatura. *Revista da SPAGESP*, 20(2), 99-116.
- Reis, D. & Cavalcante, L. (2018). Autor de agressão sexual de criança/adolescente: uma caracterização da produção sobre o tema. *Ciências & Cognição*, 23(2), 263-276.
- Risman, A., Figueira, R., Vieira, G. & Azevedo, L. (2014). Abuso sexual intrafamiliar: Um olhar multifacetado para o incesto. *Psicologia para América Latina*, 26, 87-105.
- Sanfelice, M. & De Antoni, C. (2010). A Percepção do Abusador Sexual sobre a (Sua) Sexualidade. *Revista Interamericana de Psicologia/ Revista Interamericana de Psicologia*, 44(1), 131-139.
- Santiago, A. & Guimarães, G. (2019). Desemprego e crime: uma análise temporal para a região metropolitana de porto alegre. *Revista de Estudos Sociais*, 21(42), 84-98. <https://doi.org/10.19093/res7158>
- Santos, T. (2019). As consequências da escravidão na história do negro no Brasil. *Educação e Pesquisa*, 2, 47-57.
- Scortegagna, S. A. & Villemor-Amaral, A. E. (2013). Rorschach e pedofilia: A fidedignidade do Teste – Reteste. *Psico*, 44(4), 508-517.
- Serafim, A., Saffi, F., Achá, M. & Barros, D. (2011). Dados demográficos, psicológicos e comportamentais de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 38(4), 143-147. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832011000400006>
- Smith, A. (2000). Offence characteristics of psychotic men who sexually assault women. *Med Sci Law*, 40(3), 8-223. <https://doi.org/10.1177/002580240004000306>.
- Soares, D. & Nascimento, M. (2019). Percepções de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual incestuoso sobre o lugar vivenciado: lembranças e relatos. *Revista Geografia em Atos*, 7(14), 51-73. <https://doi.org/10.35416/geoatos.v7i14.6427>
- Stroff, B. & Vieira, M. (2020). Autores de abuso sexual contra crianças e adolescentes. *Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão*, 11(3), 1-2.
- Teixeira, J., Resende, A. & Perissinotto, R.. (2021). Psicopatia e Autores de Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes. *Avaliação Psicológica*, 20(1), 111-121. <https://dx.doi.org/10.15689/ap.2021.2001.17724.12>

- Zárate, M. & Saporì, L. (2021). A dinâmica do desemprego e seus possíveis efeitos na dinâmica da criminalidade na região metropolitana de Belo Horizonte no período de 2012 a 2019. *Revista do departamento de ciências sociais (PUC)*, 3(2), 185-210. <https://doi.org/10.5752/P.2595-7716.2021v3n2p195-220>
- Zilki, A. & Rezende, A. (2022). Periculosidade características da personalidade em autores de violência sexual. *Psicologia: Teoria e Prática* 24(3), 1-21. <https://doi.org/10.5935/1980-6906/ePTPPA13947>
- Unicef. (2021). Fórum Brasileiro de Segurança Pública: Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil. www.unicef.org/brazil/relatorios/panorama-da-violencia-letal-e-sexual-contra-criancas-e-adolescentes-no-brasil.

ADAPTATION AND VALIDATION OF THE WORKPLACE CIVILITY SCALE FOR EUROPEAN PORTUGUESE SAMPLES

Tito Laneiro¹, Luisa Ribeiro¹, Martina Nitzsche¹, Tânia Ferraro¹, Genta Kulari¹

PSIQUE • E-ISSN 2183-4806 • VOLUME XX • ISSUE FASCÍCULO 1
1ST JANUARY JANEIRO - 30TH JUNE JUNHO 2024 • PP. 40-59

DOI: <https://doi.org/10.26619/2183-4806.XX.1.3>

Submitted on 20/01/2023 Submetido a 20/01/2023

Accepted on 22/07/2023 Aceite a 22/07/2023

Abstract

This study presents the validation of the Workplace Civility Scale (WCS; Osatuke, Moore, Ward, Dyrenforth, & Belton, 2009) for European Portuguese samples. It was applied to a sample of 1375 Portuguese workers. The current study gives empirical support to the research of workplace civility. The 8-item pool was proposed to measure the workplace civility, the concept and practice of courtesy, respect and consideration expressed between people at work (coworkers and supervisors; Osatuke et al., 2009). A Confirmatory Factor Analysis was performed to evaluate the factor structure and model fit, in terms of construct validity. WCS presents good reliability and convergent validity and can contribute to enhance empirical research of civil behaviour at work. Finally, implications of workplace civility are discussed.

Keywords: Workplace civility; Measurement validation; Confirmatory factor analysis; Portuguese workers; psychometrics; burnout; work engagement; community.

The concept of civility can be applied to various fields of research such as in History or Politics, Sociology or Behavioural Sciences (Ferriss, 2002). The present study focuses on its application to professional environments. Workplace civility (WC) can be defined as a set of behaviours characterized by: courtesy, politeness, respectful communication, consideration, compassion, kindness and care expressed between coworkers (Clark & Carnosso, 2008; Osatuke et al., 2009; Porath, 2011). Civility is associated with appreciation, recognition and being valued (Porath, 2011). Recently, Porath (2018) stated that civil behaviour at work is related to how well employees

¹ Centro de Investigação em Psicologia, Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal.

Correspondence concerning this article should be addressed to Luisa Ribeiro. Email: mrribeiro@autonoma.pt

treat each other. According to Osatuke et al. (2009), the concept presents four main characteristics: respect, acceptance, cooperation and fair conflict resolution.

A specific behavior might be considered acceptable in one context, and disrespectful in another, so there is little value in discriminating some behaviours when considering different contexts or cultures. It is preferable to assess the individual's perception of civility, since it is their perception which will shape their feelings and the consequent response to their environment.

Workers tend to follow cultural rules, which shape the attitude at work and what is considered appropriate or otherwise unfair. Hofstede (2011) defines power distance as the extent to which inequality is accepted and even expected. Portugal is a high power distance country, which extends to the inequality of treatment between people with different hierarchical levels, and autocracy. It follows that it is tolerated that superiors show a lower level of respect towards their subordinates, when compared to the level they expect. Despite a traditional wider acceptance of these sort of inequalities, disrespectful or minimizing behaviors affect workers' productivity (Day & Leiter, 2014) and well-being (Luparell, 2004, 2011), and the negative effect might be amplified with culturally diverse workforces, as is increasingly the case in Portugal (Oliveira, 2023).

At work, individuals who show civil behaviour tend to be seen as potential leaders and their advice is well received by colleagues (Porath & Gerbasi, 2015; Porath, Gerbasi, & Schorch, 2015b). On an individual level, a civil employee tends to be viewed as warm and competent, being more accessible, inspiring, and most likely to be recommended (e.g. for a promotion or a new job; Porath et al., 2015a, 2015b). Civility uplifts people and promotes positive feelings at work and promoted or recommended for a new post (Porath & Gerbasi, 2015; Porath, Gerbasi, & Schorch, 2015) for the teamwork (Porath, Gerbasi, & Schorch, 2015), as well as job satisfaction (Leiter, Laschinger, Day, & Oore, 2011). At the organizational level, WC interventions can improve organizational commitment and decrease turnover intention (Osatuke et al., 2009). Culture is a central part of civility (Clark & Carnosso, 2008), because it shapes our way of perceiving the world and how we interact with others. Cultural awareness is an important issue in workplace relationships and may be relevant to the promotion of workplace civility. Additionally, power differences within organizations, be they real or perceived, as well as the way of dealing with power, can contribute to abuse and exploitation of people (e.g. uncivil behaviour). Differences can be used to disqualify others or, when valued and respected, used to build a work environment based on human dignity and civility (Clark & Carnosso, 2008).

Given the positive impacts of workplace civility (both at an individual and organizational level), the need to develop actions that promote civility demands an adequate instrument to measure it. One such measure has become part of a comprehensive survey applied at the Veterans Health Administration (VHA). This measure, comprising 8 items, is presented in Osatuke et al. (2009) in Appendix B as Veterans Health Administration Civility Scale (VHA-CS), the psychometric properties of which are referred to in Meterko, Osatuke, Mohr, Warren, and Dyrenforth (2007, 2008).

The same instrument (part of the VHA survey) was subsequently used to measure civility pre and post intervention (Osatuke et al., 2009; Osatuke, et al., 2014) and also used under the name CREW (Civility, Respect and Engagement in the Workforce) Civility Scale (as mentioned in Leiter, et al., 2012; Leiter et al., 2011; Leiter et al., 2010; Nicholson et al., 2014). These interventions

targeted professionals with various backgrounds, such as administrative supervisors, clerks, and secretaries (Osatuke et al., 2009). Due to the possibility of its application to different professional profiles, we suggest a broader name, Workplace Civility Scale (WCS). The WCS focuses entirely on workplace civility, differently from other instruments that also include other constructs (Clark et al., 2013; Walsh et al., 2012), as in the case of the Organizational Civility Scale (OCS; Clark et al., 2013), which includes organizational climate, civility, satisfaction stress and coping.

The current study supports the adaptation and validation of the Workplace Civility Scale (WCS; Osatuke et al., 2009) for European Portuguese samples. Due to the importance of culture on what is considered uncivil, rude or acceptable, and the nuances of the meaning of words and phrasal constructions, there is a need for distinct instruments for different Portuguese speaking countries, such as Brazil. Said context there is already a translated and adapted instrument (de Andrade et al, 2020). The current study aims to present one for Portugal. In order to scientifically study these effects in a Portuguese speaking community, a sound measure is needed, which is the goal of our work. The presented instrument assesses civility from a perception point of view, therefore no specific behaviors are listed. This way, our measure accounts for the cultural and social variability of what is considered civil or uncivil. The discussion presents possible applications of the validated instrument and the potential contributions to human resources management, in an increasingly multicultural workplace (Oliveira, 2023). Practical implications and new directions for future research are also discussed.

Methods

Participants

A total of 1375 Portuguese workers from three different professional groups, participated in this research. Sample 1 (n = 695) was composed of healthcare professionals from two different hospitals in Lisbon, Portugal: Hospital A and Hospital B. Sample 2 (n = 241) was comprised by police officers, also working in Lisbon. Catering and hospitality professionals (tourism) made up Sample 3 (n = 439) are shown in Table 1.

Procedure

We obtained written authorization from the original WCS authors (Osatuke et al., 2009), to translate, adapt and validate the original English version to the European Portuguese professional context. The translation followed the guidelines for cultural adaptation, forward-translation and of research instruments by Brislin (1970), ITC (2017) and Wild et al. (2005). Two Portuguese psychologists fluent in English performed the forward-translation independently. The comparison between translations, and the compilation of the final version in Portuguese, was done by a panel of judges composed of three organizational psychologists (none of whom were involved in the translation process). One of the latter is Safety and Health manager in a data service organization. The back-translation of the Portuguese version was carried out by two bilingual psychologists. Subsequently, the panel of judges made a comparison between the translations and the original version of the scale, and determined the content of the final version of the WCS in Portuguese.

TABLE 1
Sociodemographic Information (N = 1375)

Characteristics	n	%
Gender		
Men	518	37.7
Women	821	59.7
Missing values	36	2.6
Age (years)		
≤ 24	159	11.6
25 - 34	438	31.9
35 - 44	224	16.3
35 - 44	224	16.3
45 - 54	190	13.8
55 - 64	47	3.4
Missing values	317	23.0
Educational Level		
PhD	4	0.3
Master's degree	79	5.7
College degree	654	47.6
Bachelor or equivalent	15	1.1
[General nursing course]	9	0.7
Up to 12 years / [Vocational course]	334	24.3
Up to 9 years	241	17.5
Missing values	39	2.8

The adequacy of the Portuguese version of the WCS (face validity study) was evaluated in a pilot study with among 28 workers with similar characteristics to the validation sample. No issues were raised by the participants in the pilot study, so no items were changed. The final Portuguese version maintained the original 8 items (Osatuke et al., 2009), as well as instructions, format of items and response options (see Appendix A).

Following the approval of the top managers and the cooperation of intermediate and direct supervisors, workers (except trainees/interns) were asked to answer the questionnaire at their workplace. Participation was voluntary. The data from healthcare professionals was gathered at their work environment, with prior approval from the Hospital's Ethics Committee. The other two groups of professionals were contacted individually outside their work premises. All participants were given a Informed Consent prior to data collection, and thus informed of the purpose of the study, and anonymity and confidentiality of data was assured, consequently following ethical norms referred by the American Psychological Association (APA, 2016) and stated in the Code of Ethics of the Portuguese Psychologists Association (Ordem dos Psicólogos Portugueses, OPP, 2011). The participants received no incentive to their participation.

Data collection

The data were collected using a convenience sampling strategy. Participants filled in paper versions of instruments, described below. The questionnaires were distributed and immediately collected by the research team or via a ballot box.

Measures

Workplace Civility Scale (WCS)

To evaluate workplace civility, we used the WCS (Osatuke et al., 2009), an instrument developed to measure the workers' perceptions of WC within their work groups and in their organizations. The WCS is an 8-item unidimensional scale (e.g., "A spirit of cooperation and teamwork exists in my work group"; "Disputes or conflicts are resolved fairly in my work group"; "This organization does not tolerate discrimination"). Response options are answered on a 5-point Likert scale ranging from 1 (strongly disagree) to 5 (strongly agree). In the current study, the Overall Civility Cronbach's alpha of .88, and in the original study .93 (Osatuke et al., 2009).

Maslach Burnout Inventory (MBI)

The Maslach Burnout Inventory – General Survey (MBI-GS; Schaufeli, Leiter, Maslach, & Jackson, 1996) is a measurement of burnout, i.e., a syndrome associated with emotional exhaustion and cynicism that can manifest among professionals who work as service providers (Maslach & Jackson, 1981). The MBI-GS is a 16-item scale with three subscales: exhaustion, cynicism, and professional inefficacy. Responses to the MBI-GS are given on a 7-point Likert scale, from 0 (never) to 6 (daily). A sample item is 'I feel emotionally drained from my work'. The Overall Burnout Cronbach's alpha in the current study was .85. Cronbach's alpha values ranged from .90 (Exhaustion), .81 (Cynicism) and .78 (Professional Inefficacy), (Tecedeiro, 2003).

Utrecht Work Engagement Scale (UWES)

The Utrecht Work Engagement Scale was created to measure work engagement (Schaufeli & Bakker, 2003; Schaufeli, Bakker, & Salanova, 2006; Schaufeli, Salanova, González-Romá, & Bakker, 2002). Engagement is the enthusiasm and vigour people feel with their own work (Schaufeli & Bakker, 2003). The UWES-9 comprises three subscales: vigour, dedication and absorption, comprising a total of 9 items (Schaufeli et al., 2006). Response options are given on a 7-point Likert scale ranging from 0 = (Never) to 6 = (Always/Every day). A sample item is 'At my work, I feel bursting with energy'. In the current study, the Overall Work Engagement Cronbach alpha was .92. The three subscales' Cronbach alpha coefficients were: .87 (vigour), .88 (dedication) and .74 (absorption).

Community

The Areas of Worklife Scale (AWS) is a 28-item instrument that measures six areas/subscales of worklife associated to burnout and job stress (workload, control, reward, community, fairness, and values, Leiter & Maslach, 1999, 2004). In the current study, only the 5-item Community subscale was used. The community concept represents the social interaction quality at work and includes closeness, mutual support, the capacity to work as a team (social support) and the

capacity to manage interpersonal conflict, a community-orientation at work (Leiter & Maslach, 2004). We chose this subscale because of the perceiving a sense of community to WC, allowing for short protocol. Response options are given on a 5-point Likert scale, from 1 (strongly disagree) to 5 (strongly agree). One sample item is “People trust one another to fulfil their roles”. In the present study, the Alpha coefficient of Community was .82.

Data analysis

To assess the psychometric sensitivity of the items, summary measures (mean, median, mode, and standard deviation) and form (skewness and kurtosis) were used. In accordance with Kline (2011), distributional properties and psychometric sensitivity were considered adequate if their absolute value was lower than 3 for skewness and 7 for kurtosis, thus confirming normal distribution.

We performed a CONFIRMATORY FACTOR ANALYSIS (CFA) with the total sample of $N = 1375$. Meyers, Gamst, and Guarino (2006) recommend performing a factorial analysis of an inventory of eight items with no fewer than 80 participants. In order to perform statistical analysis, we used the software IBM SPSS Statistics (v.23.0, SPSS, IBM Company) and AMOS 24.0 (Arbuckle, 2016).

Confirmatory Factor Analysis (CFA)

Based on prior research (Nitzsche, 2015; Osatuke et al., 2009), and the theoretical framework plausibility, we performed the CFA of the 8 items expecting to find a unidimensional measure.

Evaluation of the model began with the assessment of the chi-square value of the sample and its significance. However, because of the sensitivity of the chi-square test to large sample sizes (Kline 2011), for models with $N \geq 300$, it is expected that chi-square will almost always be statistically significant. The model was further examined using several fit indices: Comparative Fit Index (CFI), and Root Mean Square Error of Approximation (RMSEA). Usually, an excellent fit is indicated when CFI values are close to .95 (Hu & Bentler, 1999; Kline, 2011; Maroco, 2014; Meyers et al., 2006). Values higher than .90 indicate a reasonable fit (Hair et al., 2006; Mueller & Hancock, 2010; Lomax, 2010).

The most acceptable models have RMSEA values up to .10 (Kline, 2011). Therefore, it was important to examine the effect of our large sample size over the found indices. Currently, some studies recommend evaluating the adequacy of model fit by simultaneously considering: the statistical standards, psychometric reflections and internal coherence with theory plausibility and practical implications (Hair et al., 2006; McNeish et al., 2017). There seems to be no absolute rules or standards to determine a bad and good fitting model (Hair et al., 2006; McNeish et al., 2017).

Results

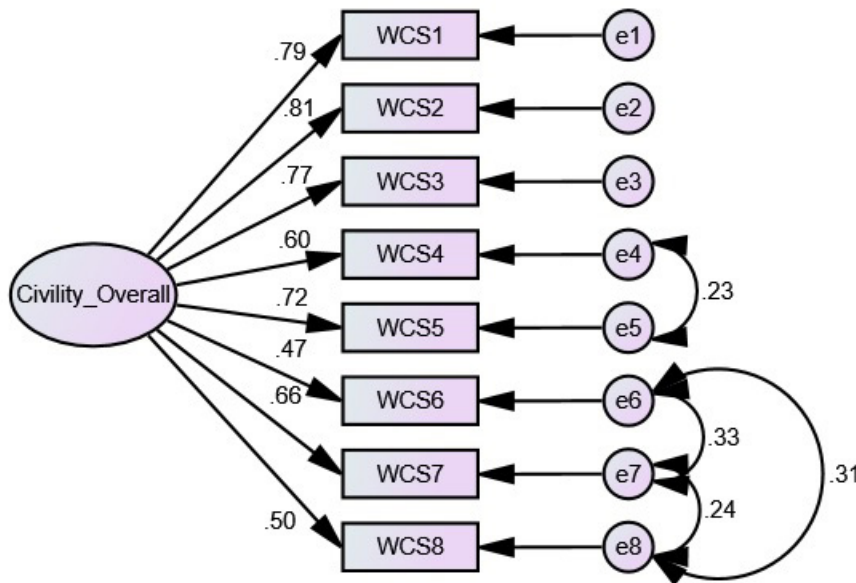
Our results are presented in two parts. First, we present a CFA using Structural Equation Modelling (SEM) for construct validity. Then we present the zero-order correlations between

workplace civility and burnout and work engagement and community to test the concurrent validity of the WCS.

Confirmatory Factor Analysis

The CFA confirmed the unidimensionality of the instrument with 8-item, with no saturated item outside the expected dimension. The tested measurement model presents a single factor model (Credé & Harms, 2015; Edwards, 2001; Edwards & Bagozzi, 2000; Johnson et al., 2012; MacKenzie et al., 2005) with eight items (see Figure 1).

FIGURE 1
Final Structural Model Tested ($n = 1375$)



Considering the outputs and following the modifications suggested by the indices, the following correlations between item errors were inserted in the 8-item WCS measurement model: between item 6 “This organization does not tolerate discrimination” and item 7 “Differences among individuals are respected and valued in my work group”; between item 6 and item 8 “Managers/Supervisors/Team leaders work well with employees of different backgrounds in my work group”; and between item 7 and item 8. These three items address issues of workplace diversity, but despite similarities, each item addresses a different facet of acceptance of differences: item 6 focus on the organizational level; item 7 on the perception of the worker within the work group; and item 8 on the behavior of the leader.

Items 4 (“The people I work with take a personal interest in me,”) and 5 (“The people I work with can be relied on when I need help,”) are both about coworkers’ support relationships. The former item relates to the care and attention that colleagues can show towards the respondent

and the latter item refers to the level of trust between them. Although these two perceptions can be seen as related, they also represent different nuances of workplace civility.

Table 2 shows the initial goodness-of-fit indices (Model 1, without adjustments) and after model amendments (Model 2). We concluded this analysis with the WCS presenting an acceptable unidimensional representation through eight items as sources of workplace civility.

TABLE 2
Goodness-of-fit Indices of Tested Structural Models

Model	$\chi^2(df)$	χ^2/df	CFI	RMSEA (IC 90%)
Model 1 (without adjustments)	427.968** (20)	21.398	.92	.122 [.112, .132]
Model 2 (with adjustments)	104.878** (16)	6.555	.98	.064 [.052, .075]

Notes. χ^2 (chi-square); df (degrees of freedom); CFI (Comparative Fit Index); RMSEA (Root Mean Square Error of Approximation), ** $p = .000$.

Test of convergent validity

All the participants in our study filled the civility questionnaire. However, only sample 1, composed of 695 participants, filled burnout and work engagement instruments, whereas the rest of the sample (680 participants) filled only the civility instrument. After verifying the average of both samples for the instrument of civility, it was found that they are similar, which suggests that for the purpose of a confirmatory factor analysis, they can be analyzed as one sample. Therefore, for the convergent validity test, only the participants that filled all questionnaires were considered.

For the examination of convergent validity our sample was thus reduced to $n = 695$, the number of participants who completed all measures (civility, burnout, work engagement and community). Convergent validity was studied through correlations between WC and burnout, work engagement and community (Hair et al., 2006; Urbina, 2014). Although the concept of burnout seems further removed from civility, we hypothesised a negative association between these variables, i.e., in professional settings where burnout prevails, it seems likely to expect lower levels of civility. Indeed, some studies have suggested that promoting civility will reduce burnout (Fida et al., 2018; Laschinger et al., 2009; Leiter et al., 2015; Leiter et al., 2011; Nicholson et al., 2014).

Additionally, workplaces providing social support between coworkers and supervisors show higher levels of work engagement (Bakker et al., 2011). WC (a concept that includes cooperation and personal interest in others) may favour healthy work environments, conducive to dedication and engagement at work (Christian et al., 2011; Leiter et al., 2012; Osatuke et al., 2009).

Finally, WC, through social support might lead to a community feeling. We therefore tested the association between WC and community (Hepburn & Enns, 2013; Leiter & Maslach, 2004; Schnorpfel et al., 2002; Truchot & Deregard, 2001; Van Yperen et al., 1992).

Table 3 shows means and standard deviations of the scores of WCS, as well as the correlations between Civility with Burnout (overall and each of its three dimensions), with work engagement (overall and its three dimensions) and with Community.

All correlations were, significant in the expected direction and showed the expected direction – a negative association between civility and burnout (-.43), as well as between civility and each of burnout's dimensions (between -.11 and -.35), and positive correlations between WC and engagement and community, ranging from .25 to .74.

The reported value of the χ^2/df statistic is slightly above the accepted recommended threshold, although there is no consensus on what the limit should be (Hooper et al., 2008). Notwithstanding, the modified version of our model shows a great improvement in fit statistics. This statistic would very likely improve with the combination of the items with correlating errors into a single item (e.g. Brown, 2015). However, for the reasons already explained (comparability and few robust studies with Portuguese samples), the authors opted to keep all items intact. A version with reduced items, as indicated by the correlated errors, might have shown better fit indices, but the instrument would be less accurate for further scientific comparison.

TABLE 3

Descriptive statistics and Correlations between Overall Civility of the Workplace Civility Scale (WCS) and Burnout, Work Engagement and Community using Pearson's correlation coefficient in the Portuguese sample (n = 695)

Measure	Overall Civility (WCS)	M	SD
Burnout (MBI)	-	-	-
Overall	-.43**	33.93	14.88
Exhaustion	-.35**	16.37	7.69
Cynicism	-.41**	10.26	7.32
Professional Inefficacy	-.11**	7.41	5.41
Work Engagement (UWES)	-	-	-
Overall	.40**	37.24	10.71
Vigour	.38**	12.49	3.96
Dedication	.43**	12.95	4.05
Absorption	.25**	11.77	3.98
Community	.74**	17.52	3.57
Overall Civility (WCS)	-	27.82	3.57

Notes. ** Correlation is significant at the 0.01 level (1 tailed); * Correlation is significant at the 0.05 level (1 tailed); Overall Civility (WCS) $\alpha = .88$.

Discussion

Portugal is, as Hofstede (2011) mentions, is a high power distance country, where the majority of subordinates accept incivility behaviors. Thus the presence of an instrument that measures civility can portray the reality of the nefarious impact of such behaviors in the workplace. Furthermore, this instrument can help human resources to assess civility and evaluate the efficacy of civility intervention programs.

Considering this is a relatively new concept in Portugal, but which the western world has embraced in their literature and in the workplace. It is thus important to add to the framework

by emphasizing this concept in the workplace in Portuguese context. In recent years, Portugal has received an increasingly number of foreign workers, including highly qualified professionals (Oliveira, 2023). Cultural differences render civility in the workplace a highly relevant concept, as well as addressing it.

The results support our main objective, to adapt and validate the WCS for Portuguese samples. The results of the convergent validity study also enhance the knowledge about the nomological network (Cronbach & Meehl, 1955) of WC. The findings suggest that WC can be measured through the presented 8-item instrument.

In order to improve the 8-item version of the WCS, four correlations between item errors were added, thus creating a modified model. Inspection of model-data fit confirmed the original one-factor solution proposed by the original authors. With our sample, the WCS showed good psychometric proprieties. Internal consistency for the WCS, measured through Cronbach's alpha, was very good (Kline, 2011). The correlations with burnout, work engagement and community measurements were significant and coherent, supporting the convergent validity of the WCS.

Despite the possibility to combine the items with correlating errors into a single item, (e.g. Brown, 2015) the authors decided to keep the original structure. This will allow research works to be more accurately compared, until more information is gathered from different Portuguese samples, since agglutination of items inevitably leads to a different total score.

The findings also show a significant negative association between burnout and WC. Similarly, Laschinger et al. (2009) found that strategic management policies which foster empowerment of nurses also lower workplace incivility and burnout. Nicholson et al. (2014) showed that nurses' WC can diminish their level of cynicism. In turn, the decrease in cynicism contributes to the reduction of burnout. This led the authors to recommend interventions to promote civility at work as a way to tackle burnout.

The correlation between civility and burnout (overall measures) and cynicism present similar values (-.43 and -.41, respectively). This seems to indicate that cynicism might be burnout's dimension most affected by the presence of civility, which is in line with Nicholson et al.'s (2014) findings. Correlation with the exhaustion dimension is slightly lower (-.35) and with professional inefficacy is clearly lower (-.11). This latter dimension might be a more internal variable, less related to the professional environment, which might explain the difference.

Laschinger (2010) stated that positive working relationships among professionals are essential to maintain nurses' satisfaction and engagement and to ensure high quality of care for patients and their families. Leiter et al. (2011) presented the impact of civility interventions on social relationships at work. They found that social support and empowerment at work can improve psychological safety and broaden employees' perspectives to solve challenges, as well as to "learn to produce more positive social behavior and be motivated to act accordingly at work" (Leiter, et al., 2011, p. 1270). On the contrary, distress can narrow employees' perspectives, reducing their potential for creative problem-solving when faced with challenges (Leiter et al., 2011), potentially leading to the development of burnout. "The improvements in the positive behaviors of civility and respect demonstrate that people can learn to produce more positive social behavior and be motivated to act accordingly at work" (Leiter, et al., 2011, p. 1270).

Work engagement had a positive and significant association with WC (.40). Leiter et al. (2012) found that relationships of positive social support with coworkers and supervisor are related to

greater work engagement (see also Bakker et al., 2011). Yanchus, Fishman, Teclaw, and Osatuke (2013) found that peer support (referred in two items of WCS) is strongly related to the promotion of engagement at work. Osatuke et al. (2009, 2014) reported the successful CREW interventions, which were based on the promotion of civility to positively affect the feeling of respect and improve employee engagement. Our results are in line with these previous studies. The correlations between WC and work engagement's dimensions show similar values for vigour (.38) and dedication (.43), but a lower value for absorption (.25). Since absorption is the ability to immerse in the task at hand, it is more dependent on the task itself, which might explain the lower value.

Finally, Community had not only a positive and significant association with WC but was also the correlation that presented the largest magnitude. This suggests that the concept of Community (as social support or communal orientation) is conceptually close to the workplace civility in our samples. Those participants who perceive a healthy environment of civility in the workplace also seem to feel they have social support and a sense of belonging to a workplace that conveys a sense of community (Leiter et al., 2011).

One important idea reported by the tested association regarding convergent validity is that the quality of interpersonal relationships in the workplace may act as a inhibitor (if positive/good) or promoter (if negative/bad) of burnout. They can also promote (if relationships are positive) or lower work engagement (if bad). Finally, the quality of civility-oriented relationships is positively associated with the sense of community when they are healthy and positive and/or negatively related to the sense of community when unpleasant interpersonal relationships are present.

There is ample evidence of the correlation between civility and burnout and work engagement. The construct of community is indeed closer to civility. Our results show that WCS behaves accordingly, showing higher convergence with Community and intermediate with burnout and work engagement.

Another relevant facet of our work was the heterogeneous samples. Considering healthcare professionals, particularly nurses, Clark and Kenski (2017) highlighted the importance for modern clinical practice of good working conditions in healthcare, and positive working relationships for ethical, safe, respectful and civil workplaces for both professionals and patients. Belton and Dyrenforth (2007) emphasized that WC influences business outcomes in a positive way, improving job satisfaction and attendance. Maslach and Leiter (2017) emphasized the importance of improving civility to reduce burnout, especially considering quality of social relationships in healthcare systems and even previously in a professional career in medical education. The improvement of positive social climates of workgroups can promote positive social behaviours. They concluded that well-designed organizational interventions could deal with the burnout in healthcare systems and required the involvement of individual professionals, workgroups and organizational/ management leaders. Having in particular consideration the sense of community, they proposed that the promotion of civility may be key in creating a real transformation of the workplace.

Despite its relevance, as far as we know, there is still a lack of studies on the promotion of civility at work for police professionals, represented in our sample. According to Borrello (2012), a lieutenant serving in San Gabriel Police Department, California, "civility is right behaviour that serves as an ethical sentry encouraging the prevention of and guarding against misconduct" (2012, p. 1). He believes in the potential of decorum and power that small, collective, and

everyday applications of civil behaviour can have in promoting real positive change. He considers that civility can promote positive changes and mitigate adverse occurrences.

As was the case with empirical studies with samples of police professionals, we also found a gap in studies that focus on civility in the area of catering and hospitality. With a sample of tourism professionals, Nitzsche (2015) refers the importance of considering the quality of interpersonal relationships at work and workplace civility for the study of job satisfaction and professional well-being in catering and hospitality industries. Holm, Torkelson and Bäckström (2015), with a sample of 2871 workers from hotels and restaurants in Sweden, demonstrated that incivility from supervisors was strongly and negatively correlated with the perception of supervisors' social support, and incivility from peers was moderately and negatively associated with perceived social support from colleagues.

The concept of civility is associated with improved relationships and social support. In three professional areas of our samples that are so socially relevant and also so diverse: health care systems, safety systems and even tourism and hospitality, which have as essential part of their functions working for and with people.

Limitations

The current research has some limitations. First, despite an adequate number of participants for validation studies, data were gathered by convenience. Second, as with any self-reported questionnaires and cross-sectional data collection, there is the risk of response bias. Research using a longitudinal design might provide more in-depth knowledge on the stability or variations of WC over the course of time. Qualitative research applying different methods, such as interviews or focus groups, could be conducted, incorporating new variables that would allow for the discriminant validity of the WCS to be tested.

Having different professional groups in our sample, it would be interesting to explore the factor structure to probe for the emergence of a culture-specific factor structure or to test the invariance of the factor structure in the distinct professional groups. However, the three samples had too dissimilar dimensions rendering this option unsuitable.

Finally, for future research, a new data collection could be made with new variables that allow the test of discriminant validity.

Despite these limitations, the current study has several strengths, such as the heterogeneous groups that constitute our sample, comprising a diversity of professions and work environments, not limiting the results to a specific profession or organizational setting.

Future research

The test of convergent validity between WC and three different concepts enhances knowledge about WC' conceptual nomological network. Therefore, studies that focus on the relationship between WC and relevant concepts in the organizational field, such as performance, job satisfaction and well-being at work can further enrich this nomological network, increasing the number of potential applications.

Special attention still needs to be given to the associations between toxic leadership (Webster et al., 2016) and civility/incivility at work, considering that abusive supervision often begins

to manifest itself through uncivil behaviour. Abusive supervision is determinant for employees' motivation and organizational outcomes (Ronan & Donia, 2020). Other advances in research and practical applications can be made by testing the association between WC and understudied issues, such as social burden (Yang et al., 2016). The research of individual characteristics and the WC (such as personality characteristics or demographic characteristics such as age, tenure or educational level) can also generate relevant information about WC nomological network.

Future studies with other samples with participants who are Portuguese-speakers from other nations (such as Angola, Brazil, Cape Verde, etc.) can contribute to evaluate the influence of national cultures on WC.

Conclusion

Considering the associations between the theoretical framework, psychometric analysis, statistical data analysis, technical developments and practical implications for organizational settings, WCS can be a relevant source of debate and advances in knowledge to increase performance and promote health and wellbeing at work. Some practical consequences of the study of this concept can be found in interventions to promote civility (e.g. CREW, in Osatuke et al., 2009, 2014).

Findings from the study of WC can have many **practical implications** for human resources development and management in organizational settings. The increasing expansion of businesses through internationalization and globalization tends to increase diversity in the workplace, highlighting a greater need for respect and politeness in interactions. The positive results of promoting civility in the workplace are becoming increasingly desirable and necessary. Interventions to promote workplace civility (such as Osatuke et al., 2009; Cisco Global Workplace Civility program: Spreitzer et al., 2012; and Civility Among Healthcare Professionals (CAHP) Project: Walsh & Magley, 2018) have brought important contributions to improve individual and organizational outcomes and to show that workers in a civil professional environment thrive (Spreitzer et al., 2012) and have higher levels of well-being. To accurately assess levels of WC and interventions' efficacy, a robust scale is desirable, and this is our immediate contribution.

Fundings

This research has been partially funded by Portuguese national funds through FCT – Portuguese Foundation for Science and Technology – as part of the project Centre for Research in Psychology – UAL. Grant UID/PSI/04345/2013.

References

- American Psychological Association. (2016). *Ethical principles of psychologists and code of conduct*. American Psychological Association. <http://www.apa.org/ethics/code/>
- Andersson, L. M. & Pearson, C. M. (1999). Tit for tat? The spiraling effect of incivility in the workplace. *Academy of Management Review*, 24(3), 452–471. <https://doi.org/10.5465/amr.1999.2202131>
- Arbuckle, J. L. (2016). IBM® SPSS® Amos™ 24: User's Guide. IBM Corporation.
- Bakker, A. B., Albrecht, S. L. & Leiter, M. P. (2011). Key questions regarding work engagement. *European Journal of Work and Organizational Psychology*, 20, 4–28. <https://doi.org/10.1080/1359432x.2010.485352>
- Barsade, S. (2002). The ripple effect: Emotional contagion and its influence on group behavior. *Administrative Science Quarterly*, 47, 644–677. <https://doi.org/10.2307/3094912>
- Belton, L. W. & Dyrenforth, S. R. (2007). Civility in the workplace: Measuring the positive outcomes of a respectful work environment. *Healthcare Executive*, sept/oct, 40-43.
- Borrello, A. (2012). Focus on ethics: The power of police civility. U.S. Department of Justice, U.S. Government. *FBI Law Enforcement Bulletin*. August 1, 2012. <https://leb.fbi.gov/articles/focus/focus-on-ethics-the-power-of-police-civility>
- Brislin, R. W. (1970). Back-translation for cross-cultural research. *Journal of Cross-cultural Psychology*, 1(3), 185-216. <https://doi.org/10.1177/135910457000100301>
- Clark, C. M. & Carnosso, J. (2008). Civility: A concept analysis. *Journal of Theory Construction & Testing*, 12(1), 11-15.
- Clark, C. M. & Kenski, D. (2017). Promoting civility in the OR: An ethical imperative. *Association of peri-Operative Registered Nurses (AORN) Journal*, 105(1), 60-66. <https://doi.org/10.1016/j.aorn.2016.10.019>
- Clark, C. M., Landrum, R. E. & Nguyen, D. T. (2013). Development and description of the Organizational Civility Scale (OCS). *Journal of Theory Construction & Testing*, 17(1), 11-17.
- Christian, M. S., Garza, A. S. & Slaughter, J. E. (2011). Work engagement: A quantitative review and test of its relations with task and contextual performance. *Personnel Psychology*, 64, 89–136. <https://doi.org/10.1111/j.1744-6570.2010.01203.x>
- Credé, M. & Harms, P. D. (2015). 25years of higher-order confirmatory factor analysis in the organizational sciences: A critical review and development of reporting recommendations. *Journal of Organizational Behavior*, 36, 845-872. <https://doi.org/10.1002/job.2008>
- Cronbach, L. J. & Meehl, P. E. (1955). Construct validity in psychological tests. *Psychological Bulletin*, 52(4), 281-302. <https://doi.org/10.1037/h0040957>
- De Andrade, A. L., Matos, F. R., Lobianco, V. M. P. & Broseguini, G. B. (2020). (In)civilidade no Trabalho: Medidas e Modelos. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 20(1), 914-921. <https://doi.org/10.17652/rpot/2020.1.16841>
- Edwards, J. R. (2001). Multidimensional constructs in organizational behavior research: An integrative analytical framework. *Organizational Research Methods*, 4(2), 144-192. <https://doi.org/10.1177/109442810142004>
- Edwards, J. R. & Bagozzi, R. P. (2000). On the nature and direction of relationship between constructs and measures. *Psychological Methods*, 5(2), 155-174.
- Ferriss, A. L. (2002). Studying and measuring civility: A framework, trends, and scale. *Sociological Inquiry*, 72(3), 376-392. <https://doi.org/10.1111/1475-682x.t01-1-00023>

- Fida, R., Laschinger, H. K. S. & Leiter, M. P. (2018). The protective role of self-efficacy against workplace incivility and burnout in nursing: A time-lagged study. *Health Care Management Review*, 43(1), 21-29. <https://doi.org/10.1097/hmr.0000000000000126>
- Floyd, F. J. & Widaman, K. F. (1995). Factor analysis in the development and refinement of clinical assessment instruments. *Psychological Assessment*, 7(3), 286–299. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.7.3.286>
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E. & Tatham, R. L. (2006). *Multivariate Data analysis* (6th ed.). Pearson Prentice Hall.
- Hepburn, C. G. & Enns, J. R. (2013). Social undermining and well-being: The role of communal orientation. *Journal of Managerial Psychology*, 28(4), 354-366. <https://doi.org/10.1108/jmp-01-2013-0011>
- Holm, K., Torkelson, E. & Bäckström, M. (2015). Models of workplace incivility: The relationships to instigated incivility and negative outcomes. *BioMed Research International*, vol. 2015, Article ID 920239, 1-10. <https://doi.org/10.1155/2015/920239>
- Hooper, D., Coughlan, J. & Mullen, M. R. (2008). Structural Equation Modelling: Guidelines for Determining Model Fit. *The Electronic Journal of Business Research Methods*, 6(1), 53 – 60.
- Hu, L. & Bentler, P. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling*, 6(1), 1–55. <https://doi.org/10.1080/10705519909540118>
- International Test Commission (2017). *The ITC guidelines for translating and adapting tests (Second edition)*. https://www.intestcom.org/files/guideline_test_adaptation_2ed.pdf
- Johnson, R. E., Rosen, C. C., Chang, C.-H., Djurdjevic, E. & Tang, M. U. (2012). Recommendations for improving the construct clarity of higher-order multidimensional constructs. *Human Resource Management Review*, 22, 62-72. <https://doi.org/10.1016/j.hrmr.2011.11.006>
- Kelly, J. R. & Barsade, S. G. (2001). Mood and emotions in small groups and work teams. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 86, 99–130. <https://doi.org/10.1006/obhd.2001.2974>
- Kline, R. (2011). *Principles and practice of structural equation modelling* (3rd Ed.). Guilford Press.
- Laschinger, H. K. S. (2010). Positive working relationships Matter for better nurse and patient outcomes. *Journal of Nursing Management*, 18, 875–877. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2834.2010.01206.x>
- Laschinger, H. K. S., Leiter, M., Day, A. & Gilin, D. (2009). Workplace empowerment, incivility, and burnout: Impact on staff nurse recruitment and retention outcomes. *Journal of Nursing Management*, 17(3), 302-311. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2834.2009.00999.x>
- Leiter, M. P. (2013). *Analyzing and theorizing the dynamics of the workplace incivility crisis*. Springer Briefs in Psychology. Springer.
- Leiter, M., Day, A., Oore, D. & Laschinger, H. (2012). Getting better and staying better: Assessing civility, incivility, distress, and job attitudes one year after a civility intervention. *Journal of Occupational Health Psychology*, 17(4), 425–434. <https://doi.org/10.1037/a0029540>
- Leiter, M. P., Day, A. & Price, L. (2015). Attachment styles at work: Measurement, collegial relationships, and burnout. *Burnout Research*, 2, 25-35. <https://doi.org/10.1016/j.burn.2015.02.003>
- Leiter, M., Laschinger, H., Day, A. & Oore, D. (2011). The impact of civility interventions on employee social behavior, distress, and attitudes. *Journal of Applied Psychology*, 96(6), 1258–1274. <https://doi.org/10.1037/a0024442>
- Leiter, M. P. & Maslach, C. (1999). Six Areas of Worklife: A model of the organizational context of burnout. *Journal of Health and Human Services Administration*, 21(4), 472-489.

- Leiter, M. P. & Maslach, C. (2004). Areas of worklife: A structured approach to organizational predictors of job burnout. In P. L. Perrewe & Daniel C. Ganster (Eds.), *Emotional and Physiological Processes and Positive Intervention Strategies* (Research in Occupational Stress and Well-being), volume 3 (pp.91-134). Emerald Group. [https://doi.org/10.1016/s1479-3555\(03\)03003-8](https://doi.org/10.1016/s1479-3555(03)03003-8)
- Leiter, M. P., Price, S. L. & Laschinger, H. K. S. (2010). Generational differences in distress, attitudes and incivility among nurses. *Journal of Nursing Management*, 18(8), 970–980. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2834.2010.01168.x>
- Lomax, R. G. (2010). Structural Equation Modeling: Multisample covariance and mean structures. In G. R. Hancock & R. O. Mueller (Eds.). *The reviewer's guide to quantitative methods in the social sciences* (pp. 385-395). Routledge.
- MacCallum, R. C., Widaman, K. F., Zhang, S. & Hong, S. (1999). Sample size in factor analysis. *Psychological Methods*, 4(1), 84-99. <https://doi.org/10.1037/1082-989x.4.1.84>
- MacKenzie, S. B., Podsakoff, P. M. & Jarvis, C. B. (2005). The problem of measurement model misspecification in behavioral and organizational Research and some recommended solutions. *Journal of Applied Psychology*, 90(4), 710-730. <https://doi.org/10.1037/0021-9010.90.4.710>
- McNeish, D., An, J. & Hancock, G. R. (2017). The thorny relation between measurement quality and fit index cutoffs in latent variable models. *Journal of Personality Assessment*, 100(1), 43-52. <https://doi.org/10.1080/00223891.2017.1281286>
- Maroco, J. (2014). *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software & aplicações*. Report Number.
- Maslach, C. & Jackson, S. E. (1981). The measurement of experienced burnout. *Journal of Occupational Behaviour*, 2, 99-113.
- Maslach, C. & Leiter, M. P. (2017). New insights into burnout and health care: Strategies for improving civility and alleviating burnout. *Medical Teacher*, 39(2), 160-163. <https://doi.org/10.1080/0142159x.2016.1248918>
- Meterko, M., Osatuke, K., Mohr, D., Warren, N. & Dyrenforth, S. (2007). Civility: The development and psychometric assessment of a survey measure. In M. Nagy (Moderator), *Measuring and assessing workplace civility: Do "nice" organizations finish first?* Symposium presented at the 67th annual meeting of the Academy of Management, Philadelphia.
- Meterko, M., Osatuke, K., Mohr, D., Warren, N. & Dyrenforth, S. (2008). *Civility: The development and psychometric assessment of a survey measure*. Unpublished manuscript.
- Meyers, L. S., Gamst, G. & Guarino, A. J. (2006). *Applied multivariate research: design and interpretation*. Sage Publications.
- Mulaik, S. A., James, L. R., Van Alstine, J., Bennett, N., Lind, S. & Stilwell, D. (1989). Evaluation of goodness-of-fit indices for structural equation models. *Psychological Bulletin*, 105(3), 430-445. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.105.3.430>
- Mueller, R. O. & Hancock, G. R. (2010). Structural equation modeling. In G. R. Hancock & R. O. Mueller (Eds.). *The reviewer's guide to quantitative methods in the social sciences* (pp. 371-383). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315755649-33>
- Nicholson, R. M., Leiter, M. P. & Laschinger, H. K. S. (2014). Predicting cynicism as a function of trust and civility: A longitudinal analysis. *Journal of Nursing Management*, 22(8), 974–983. <https://doi.org/10.1111/jonm.12073>
- Nitzsche, M. (2015). *(In)Civildade no trabalho: Escalas de medida e efeitos no burnout e engagement*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Autónoma de Lisboa.

- Ordem dos Psicólogos Portugueses (2011). Código deontológico. *Diário da República*, 2^a Série, número 78, 20 de Abril, 17931-17936.
- Oliveira, C. R. (2023). Indicadores de integração de imigrantes: relatório estatístico anual 2023 (1^a ed.) *Imigração em Números – Relatórios Anuais 8*. Observatório das Migrações.
- Ronan, R. & Donia, M. B. L. (2020). Stifling my fire: The impact of abusive supervision on employees' motivation and ensuing outcomes at work. *Journal of Work and Organizational Psychology*. Advance online publication. <https://doi.org/10.5093/jwop2020a20>
- Osatuke, K., Moore, S. C., Ward, C., Dyrenforth, S. R. & Belton, L. (2009). Civility, respect, engagement in the workforce (CREW): Nationwide organization development intervention at veterans health administration. *Journal of Applied Behavioral Science*, 45(3), 384–410. <https://doi.org/10.1177/0021886309335067>
- Osatuke, K., Cash, M., Belton, L. W. & Dyrenforth, S. R. (2014). Civility, Respect and Engagement in the Workplace (CREW): Creating organizational environments that work for all. In C. Biron, R. J., Burke, & C. L. Cooper (Eds.), *Creating healthy workplaces: Interventions that reduce stress, improve individual well-being and organizational effectiveness* (pp. 147-167). Gower. <https://doi.org/10.4324/9781315574608>
- Peterson, R. (1994). A meta-analysis of Cronbach's coefficient alpha. *Journal of Consumer Research*, 21(2), 381–391.
- Porath, C.L. (2011). Civility. In: G.M. Spreitzer and K.S. Cameron (Eds.). *The Oxford handbook of positive organizational scholarship* (pp. 1-18). Oxford University Press. doi: 10.1093/oxfordhb/9780199734610.013.0033 <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199734610.001.0001>
- Porath, C. (2018). Make civility the norm on your team. *Harvard Business Review*. <https://hbr.org/2018/01/make-civility-the-norm-on-your-team>>;
- Porath, C. L. & Gerbasi, A. (2015a). Does civility pay? *Organizational Dynamics*, 44, 281-286. <https://doi.org/10.1016/j.orgdyn.2015.09.005>
- Porath, C. L., Gerbasi, A. & Schorch, S. L. (2015b). The effects of civility on advice, leadership, and performance. *Journal of Applied Psychology*, 100(5), 1527-1541. <https://doi.org/10.1037/apl0000016>
- Schaufeli, W. & Bakker, A. (2003). *UWES: Utrecht Work Engagement Scale manual*. Occupational Health Psychology Unit, Utrecht University, The Netherlands.
- Schaufeli, W. B., Bakker, A. B. & Salanova, M. (2006). The measurement of work engagement with a short questionnaire: A cross-national study. *Educational and Psychological Measurement*, 66, 701–716. <https://doi.org/10.1177/0013164405282471>
- Schaufeli, W., Leiter, M., Maslach, C. & Jackson, S. (1996). The MBI-General Survey. In C. Maslach, S. E. Jackson, & M. P. Leiter (Eds.), *The Maslach Burnout Inventory manual*. Consulting Psychologists Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199211913.003.0005>
- Schaufeli, W.B., Salanova, M., González-Romá, V. & Bakker, A.B. (2002). The Measurement of engagement and burnout: A two sample confirmatory factor analytic approach. *Journal of Happiness Studies*, 3(1), 71-92. <https://doi.org/10.1023/a:1015630930326>
- Schnorpfeil, P., Noll, A., Wirtz, P., Schulze, R., Ehlert, U., Frey, K. & Fischer, J. E. (2002). Assessment of exhaustion and related risk factors in employees in the manufacturing industry: A cross-sectional study. *International Archives of Occupational and Environmental Health*, 75, 535–540. <https://doi.org/10.1007/s00420-002-0369-6>
- Spreitzer, G., Porath, C. L. & Gibson, C. B. (2012). Toward human sustainability: How to enable more thriving at work. *Organizational Dynamics*, 41, 155-162. <https://doi.org/10.1016/j.orgdyn.2012.01.009>

- Truchot, D. & Deregard, M. (2001). Perceived inequity, communal orientation and burnout: The role of helping models. *Work and Stress*, 15, 347–356. <https://doi.org/10.1080/02678370110086380>
- Urbina, S. (2014). *Essentials of psychological testing* (2nd ed.). Wiley.
- Van Yperen, N. W., Buunk, B. P. & Schaufeli, W. B. (1992). Communal orientation and the burnout syndrome among nurses. *Journal of Applied Social Psychology*, 22, 173-189. <https://doi.org/10.1111/j.1559-1816.1992.tb01534.x>
- Walsh, B. M. & Magley, V. J. (2018). Workplace civility training: Understanding drivers of motivation to learn. *The International Journal of Human Resource Management*, online first. <https://doi.org/10.1080/09585192.2018.1441164>
- Walsh, B. M., Magley, V. J., Reeves, D. W., Davies-Schriels, K. A., Marmet, M. D. & Gallus, J. A. (2012). Assessing Workgroup Norms for Civility: The Development of the Civility Norms Questionnaire-Brief. *Journal of Business and Psychology*, 27(4), 407–420. <https://doi.org/10.1007/s10869-011-9251-4>
- Webster, V., Brough, P. & Daly, K. (2016). Fight, flight or freeze: Common responses for follower coping with Toxic Leadership. *Stress and Health*, 32, 346-354. <https://doi.org/10.1002/smi.2626>
- Wild, D., Grove, A., Martin, M., Eremenco, S., Elroy, S., Verjee-Lorenz, A. & Erikson, P. (2005). Principles of good practice for the translation and cultural adaptation process for patient-reported outcomes (PRO) measures: Report of the ISPOR task force for translation and cultural adaptation. *Value in Health*, 8(2), 94-104. <https://doi.org/10.1111/j.1524-4733.2005.04054.x>
- Yanchus, N. J., Fishman, J. L., Teclaw, R. & Osatuke, K. (2013). Employee perceptions of job demands and resources and relationship to engagement. *Applied Human Resources Management Research*, 13(1), 1-23. http://www.xavier.edu/appliedhrmresearch/2013/EmployeePerceptionsOfJobDemandsAndResources_Publish.pdf
- Yang, Liu, Nauta, Caughlin & Spector, (2016). Be mindful of what you impose on your colleagues: Implications of social burden for burdenees' well-being, attitudes and counterproductive work behaviour. *Stress and Health*, 32, 70-83. <https://doi.org/10.1002/smi.2581>

Appendix A

ECT – Escala de Civildade no Trabalho

Por favor responda a todas as seguintes questões pensando acerca das suas experiências nos últimos seis meses. O seu grupo de trabalho consiste nos indivíduos que reportam ao seu supervisor. Indique em que medida concorda ou discorda com cada uma das seguintes afirmações. Coloque um 'X' na resposta mais adequada, utilizando a seguinte escala de pontuação.

1	2	3	4	5
Discordo fortemente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo fortemente

	1	2	3	4	5
1 No meu grupo de trabalho, as pessoas tratam-se umas às outras com respeito					
2 No meu grupo de trabalho existe espírito de cooperação e de trabalho de equipa					
3 No meu grupo de trabalho, as disputas ou conflitos são resolvidos com justiça					
4 As pessoas com quem trabalho interessam-se pessoalmente por mim					
5 Posso confiar nas pessoas com quem trabalho quando preciso de ajuda					
6 Esta organização não tolera a discriminação					
7 As diferenças entre os indivíduos são respeitadas e valorizadas no meu grupo de trabalho					
8 Os gerentes/supervisores/chefes do meu grupo de trabalho/equipa trabalham bem com funcionários provenientes de diferentes contextos					

Appendix B

Veterans Health Administration Civility Scale items (Osatuke et al., 2009)

- 1 People treat each other with respect in my work group.
- 2 A spirit of cooperation and teamwork exists in my work group.
- 3 Disputes or conflicts are resolved fairly in my work group.
- 4 The people I work with take a personal interest in me.
- 5 The people I work with can be relied on when I need help.
- 6 This organization does not tolerate discrimination.
- 7 Differences among individuals are respected and valued in my work group.
- 8 Managers/Supervisors/Team leaders work well with employees of different backgrounds in my work group.

EXPLORANDO A PERCEÇÃO DE RISCO: O IMPACTO DE FATORES INDIVIDUAIS E A MEDIAÇÃO DO CLIMA DE SEGURANÇA FÍSICA EM TRABALHADORES PORTUGUESES

EXPLORING RISK PERCEPTION: THE IMPACT OF INDIVIDUAL FACTORS AND THE MEDIATION OF PHYSICAL SAFETY CLIMATE IN PORTUGUESE WORKERS

Kelly Pinto¹, Gabriela Gonçalves², Cátia Sousa³ e António Sousa⁴

PSIQUE • E-ISSN 2183-4806 • VOLUME XX • ISSUE FASCÍCULO 1
1ST JANUARY JANEIRO - 30TH JUNE JUNHO 2024 • PP. 60-73

DOI: <https://doi.org/10.26619/2183-4806.XX.1.4>

Submitted on 28/07/2023 Submetido a 28/07/2023

Accepted on 30/11/2023 Aceite a 30/11/2023

Resumo

Antecedentes: A percepção de risco é um tema de interesse em várias disciplinas científicas devido ao seu papel vital na gestão, intervenção e prevenção de acidentes. **Objetivos:** Este estudo procurou examinar como fatores individuais, como autoeficácia na segurança, locus de controlo interno, resiliência mental, neuroticismo e procura por sensações, influenciam a percepção de risco (PR), além de investigar o papel mediador do clima de segurança física nessa relação. **Método:** Este estudo quantitativo, utilizou-se uma amostra de 216 trabalhadores portugueses, de ambos os sexos, com uma idade média de 34.30 anos (DP = 9.45). **Resultados:** Os resultados da análise de regressão múltipla mostraram que as variáveis preditoras examinadas explicaram aproximadamente 27.1% da variação na PR, com autoeficácia e locus de controlo interno sendo os únicos preditores estatisticamente significativos. Além disso, a análise de mediação revelou um efeito mediador parcial do clima de segurança física na relação entre autoeficácia e percepção de risco. **Conclusões:** É essencial o desenvolvimento de comportamentos seguros que se adequem às tarefas realizadas, sendo o investimento em prevenção a estratégia mais eficaz na redução de acidentes de trabalho.

Palavras-chave: fatores individuais, percepção de risco, acidentes de trabalho, desempenho/ comportamento de segurança

1 Universidade do Algarve, Faro, Portugal. a63549@ualg.pt

2 Universidade do Algarve, Faro, Portugal. Centro de Investigação em Psicologia (CIP) / Universidade do Algarve. ggoncalves@ualg.pt

3 Universidade do Algarve, Faro, Portugal. Centro de Investigação em Psicologia (CIP) / Universidade do Algarve. cavsousa@ualg.pt

4 Universidade do Algarve, Faro, Portugal asousa@ualg.pt

Autor correspondente: Cátia Sousa

Universidade do Algarve, Campus da Penha, 8005-139 Faro, Portugal

E-mail: cavsousa@ualg.pt

Conflito de interesses: Em nome de todos os autores, o autor correspondente declara que não há conflito de interesses.

Financiamento: Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto CIP – Ref^a UIDB/PSI/04345/2020

Abstract

Background: Risk perception is a topic of interest in various scientific disciplines due to its vital role in accident management, intervention, and prevention. **Objectives:** This study aimed to examine how individual factors such as safety self-efficacy, internal locus of control, mental resilience, neuroticism, and sensation seeking influence risk perception (RP), as well as investigate the mediating role of physical safety climate in this relationship. **Method:** This quantitative study utilized a sample of 216 Portuguese workers of both sexes, with a mean age of 34.30 years (SD = 9.45). **Results:** The results of multiple regression analysis showed that the examined predictor variables explained approximately 27.1% of the variance in RP, with self-efficacy and internal locus of control being the only statistically significant predictors. Additionally, the mediation analysis revealed a partial mediating effect of physical safety climate on the relationship between self-efficacy and risk perception. **Conclusions:** Developing safe behaviors that fit the tasks performed is essential, with investment in prevention being the most effective strategy in reducing workplace accidents.

Keywords: individual factors, risk perception, workplace accidents, safety/behavior performance

Introdução

A percepção do risco é um conceito importante que se presume ser o principal preditor dos comportamentos de segurança tornando a sua análise relevante para o controlo da exposição ao perigo (e.g., Handoko et al., 2022; Mohammadi et al., 2020). Este fenómeno é multifacetado, envolvendo aspectos sociais e culturais que refletem valores, símbolos, história e ideologia (Rundmo, 2000). De acordo com Rundmo e Iverson (2004), as percepções de risco refletem o modo como as pessoas interpretam e categorizam as ameaças que enfrentam – em suma, os comportamentos de segurança são influenciados pela percepção individual da realidade. A percepção de risco (PR) compreende três componentes – cognitivo (probabilidade), emocional (preocupação) e consequências (Rundmo, 2000; Sjöberg, 2007) – e é influenciada por fatores individuais.

Recentemente, a literatura tem destacado as variáveis de personalidade como preditoras tanto da percepção de risco quanto do desempenho/comportamento de segurança, contribuindo para a compreensão dos comportamentos individuais e sociais (Santos, 2020). O crescente interesse na relação entre personalidade e desempenho/segurança no trabalho (Barrick & Mount, 1991) decorre da utilidade dos traços de personalidade como ferramentas preditivas e descritivas para o comportamento e desempenho específico de cada indivíduo (e.g., Liu & Yang, 2023; Wang et al., 2023). Num estudo centrado na percepção de risco, Sjöberg e af Wåhlberg (2002) incluíram traços de personalidade como preditores da percepção de risco. Além disso, o Modelo de Crenças de Saúde (Glanz et al., 2002) sugere uma associação positiva entre percepção de risco e desempenho de segurança, postulando que os indivíduos tendem a adotar comportamentos de segurança à medida que percebem aumentos no risco (e.g., Mazengia et al., 2024).

Diversos atributos foram identificados na literatura como preditores do desempenho/comportamento de segurança. Entre eles, destacam-se a robustez mental (RM), autoeficácia em

segurança, *locus* de controlo interno (LCI), neuroticismo e procura de sensações (PS) (por exemplo, Bae & Park, 2021; Bronkhorst, 2015; Christian et al., 2009; Neal & Griffin, 2004; Santos, 2020; Ulleberg & Rundmo, 2003).

1. Estado da Arte

A robustez mental (RM) refere-se à habilidade de um indivíduo em manter consistentemente altos níveis de desempenho subjetivo e objetivo, mesmo diante de desafios e eventos stressantes (Gucciardi et al., 2015). Embora amplamente estudado no contexto desportivo, o papel da RM na percepção de risco é menos explorado no contexto ocupacional, embora estudos anteriores no domínio desportivo tenham destacado o seu papel ativo nessa percepção (e.g., Drinkwater et al., 2019). Essas pesquisas sugerem que indivíduos com alta RM possuem uma compreensão sofisticada do risco (Cowden et al., 2017; Mahoney et al., 2014). Portanto, podemos inferir que esse atributo desempenha um papel crucial na percepção de risco e, conforme evidenciado pela literatura, indivíduos mentalmente resistentes tendem a ser mais propensos a assumir riscos, o que pode influenciar os seus comportamentos de segurança.

No que se refere à autoeficácia e ao *locus* de controlo interno (LCI), ambos estão relacionados à percepção individual sobre a capacidade de gerir situações de trabalho para prevenir lesões e acidentes. Enquanto a autoeficácia em segurança diz respeito à percepção da própria capacidade de executar atividades relacionadas à segurança de maneira eficaz, o *locus* de controlo interno de segurança concentra-se na percepção do controlo para evitar acidentes (Nykänen et al., 2019; Vatou et al., 2022). Segundo Bandura (1998), a autoeficácia refere-se à crença na própria capacidade de lidar com situações de crise e exigências do contexto social/laboral, permitindo ao indivíduo manter-se menos perturbado por eventos *stressantes*. Assim, quanto maior a autoeficácia e o controlo percebido sobre situações de crise no trabalho, maior será o esforço do indivíduo para adotar e manter comportamentos que promovam a segurança ocupacional. Com base na teoria social cognitiva, espera-se que a autoeficácia relacionada à segurança e o *locus* de controlo interno em segurança tenham uma relação preditiva com a percepção de risco.

O neuroticismo está associado à instabilidade emocional e a sentimentos negativos, como ansiedade, hostilidade, depressão, impulsividade e vulnerabilidade ao stresse (e.g., Costa & McCrae, 1992). Devido à sua maior sensibilidade aos estímulos negativos do ambiente, indivíduos com altos níveis de neuroticismo podem estar mais alerta perante os sinais de perigo no local de trabalho. Além disso, na sua meta-análise, Clarke e Robertson (2005) observaram que o neuroticismo tinha uma relação estatisticamente não significativa com os acidentes de trabalho. Num estudo focado principalmente na percepção de risco, Sjöberg e af Wåhlberg (2002) incluíram traços de personalidade como preditores dessa percepção. Neste estudo, utilizaram os cinco traços de personalidade do modelo dos Cinco Grandes (BIG FIVE), e o neuroticismo foi o único traço que se correlacionou significativamente com o nível de risco percebido. Com base na correlação positiva moderada obtida, concluíram que indivíduos com altos níveis de neuroticismo apresentavam maior percepção de risco.

O traço de procura de sensações, originalmente conhecido como “*sensation seeking*”, foi definido por Zuckerman em 1994 como a disposição de procurar sensações, novas experiências (complexas, variadas e intensas) e correr riscos, sejam físicos, sociais, legais ou financeiros,

por conta dessas experiências (Sousa et al., 2021). Segundo Zuckerman (2008), o desejo de procurar sensações, experiências variadas e correr riscos é um produto do processo evolutivo. No contexto profissional, indivíduos com altos níveis dessa característica são mais propensos a assumir riscos e a envolver-se em profissões consideradas de «alto risco», como por exemplo, polícias, bombeiros, serviços médicos de emergência (e.g., Apalkova et al., 2021). Essas profissões oferecem experiências estimulantes e diversificadas, não monótonas. Assim, a procura de sensações é um forte preditor de comportamentos de risco (e.g., Sousa et al., 2021; Zuckerman, 2008), afetando negativamente o desempenho/comportamento de segurança no trabalho, mas também os comportamentos em outras dimensões da vida, tais como na condução e atividade pedestre (e.g., Wang et al., 2022), alimentação, consumo de álcool e outras substâncias (e.g., Lac & Donaldson, 2021), prática de desportos radicais (e.g., Apalkova, 2021), prática de atos sexuais de risco (e.g., Moynihan et al., 2021), entre outros. Com base nas informações supracitadas, foi formulada a seguinte hipótese de investigação:

H1: Fatores individuais (neuroticismo, MR, SS, LOCint e autoeficácia) são preditores da percepção de risco.

No âmbito do desempenho individual em segurança, Neal e Griffin (2006) desenvolveram um modelo que vincula as percepções do clima de segurança (CS) ao desempenho individual em segurança. Realizaram dois estudos para investigar se as percepções de segurança dos trabalhadores poderiam ser diferenciadas em termos dos determinantes e antecedentes de acidentes de trabalho. Concluíram que há uma ligação entre as percepções compartilhadas pelos trabalhadores sobre o ambiente de trabalho (isto é, o clima de segurança) e os comportamentos de segurança. Por sua vez, Cree e Kelloway (1997) desenvolveram um modelo que propõe avaliar a percepção de risco no local de trabalho, relacionando-a com a participação dos trabalhadores em programas de saúde e segurança desenvolvidos nas suas organizações. Estes autores consideraram que a percepção de risco dos trabalhadores dependia do histórico de acidentes da sua organização e das atitudes percebidas pelos trabalhadores em relação ao ambiente (por exemplo, gestores, colegas de trabalho), influenciando a sua participação em questões de saúde e segurança ocupacional. Segundo este estudo, as percepções das atitudes dos colegas de trabalho, entendidas como clima de segurança (ou seja, percepções compartilhadas), podem influenciar a percepção de risco (Bhandari & Hallowell, 2022).

Logo, considerando que o clima de segurança afeta a percepção de risco, e dado que os traços de personalidade servem como ferramentas preditivas e descritivas da percepção de risco, esperamos que:

H2: O clima de segurança física (CSF) medeia a relação entre traços de personalidade (MR, LOCint, autoeficácia, neuroticismo, PS) e percepção de risco (PR).

2. Método

2.1. Amostra

A seleção da amostra foi realizada por conveniência e/ou acessibilidade, compreendendo um total de 216 participantes que atendiam ao critério de serem profissionalmente ativos. A amostra é diversificada em termos de género, com 55.1% do sexo feminino e 44.9% do sexo masculino, e em relação à faixa etária, variando de 21 a 63 anos, com uma média de 34.30 anos (DP = 9.45).

A maioria dos participantes é de nacionalidade portuguesa (81,5%). Em relação a outros dados sociodemográficos, a amostra é composta principalmente por indivíduos solteiros (56%) e casados ou em união de facto (38,4%). Quanto ao nível de escolaridade, cerca de 16,2% possuem o ensino básico, 35,6% o ensino secundário e 48,1% o ensino superior.

2.2. Instrumentos

Foram aplicados os seguintes instrumentos:

Escala de Índice de Robustez Mental (Gucciardi et al., 2015): foi utilizada a versão portuguesa validada por Pinto (2022). Trata-se de uma medida unidimensional composta por oito itens operacionalizados numa escala do tipo Likert que varia de 1 (Falso, 100% das vezes) a 7 (Verdadeiro, 100% das vezes). Esta medida visa avaliar a percepção dos indivíduos sobre as suas capacidades e emoções para cumprir desafios (ex. Item 1 “Acredito na minha capacidade de atingir os meus objetivos”).

Escala de *Locus* de Controlo de Segurança da Aviação (Hunter, 2002): foi utilizada a versão em português adaptada por Pinto (2022). Trata-se de uma escala unidimensional composta por dez itens avaliados em uma escala do tipo Likert que varia de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente). Esta medida visa avaliar a capacidade de controlo pessoal (ex. Item 1 “Se os trabalhadores seguirem todas as regras e regulamentos, podem prevenir muitos acidentes”).

Escala de Autoeficácia no Cumprimento de Normas de Segurança: foi utilizada a versão adaptada de Pinto (2022). Trata-se de uma escala unidimensional composta por seis itens operacionalizados numa escala do tipo Likert que varia de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente). Esta medida visa avaliar a autoeficácia no cumprimento das regras de segurança (ex. Item 1 “Sou capaz de me concentrar nas regras de segurança sempre que executo as minhas tarefas”).

Escala de Clima de Segurança Física: utilizou-se a versão adaptada para a população portuguesa (Sousa et al., 2017), que se baseia no trabalho de adaptação de Bronkhorst (2015) da escala original criada por Hall et al. (2010) e Idris et al. (2012). A versão final é composta por 15 itens e 5 dimensões: 1) prioridade do clima de segurança física; 2) compromisso com o clima de segurança física; 3) comunicação sobre clima de segurança física; 4) participação na promoção do clima de segurança física; e 5) normas e comportamento do grupo relacionados à saúde física e segurança. Neste estudo, a escala foi avaliada como um todo, com itens avaliados numa escala de Likert de 5 pontos, variando de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente).

Escala de Percepção de Risco (Moen, 2007): é uma escala que avalia a preocupação e o medo de ter acidentes e incidentes graves. É uma escala unidimensional composta por cinco itens (ex. Item 3: “Fico preocupado quando há muitos acidentes de trabalho”), operacionalizados numa escala Likert que varia de 1 (nada) a 7 (muito). Uma pontuação mais baixa corresponde a menos medo, preocupação ou probabilidade de sofrer acidentes.

Escala de Neuroticismo (Rammstedt, 2007): o neuroticismo foi medido através do Short-Form of the Big Five Inventory (BFI-10), utilizando a versão validada para a população portuguesa por Bártole -Ribeiro (2017). Este instrumento é composto por 10 itens, sendo dois itens para cada característica. Apenas os dois itens relacionados ao neuroticismo foram utilizados no estudo (ex. Item 1 “...está relaxado, lida bem com o stresse”, ex. Item 2 “...às vezes fica tenso”). Os itens são avaliados através de uma escala Likert de 5 pontos que varia de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente).

Escala de Procura de Sensações: foi utilizada a versão validada para a população portuguesa por Sousa et al. (2021). Esta escala é composta por oito itens estruturados em quatro dimensões: 1) procura de experiência (itens 1 e 5, ex. Item 1 “Gostaria de explorar lugares estranhos”); 2) suscetibilidade ao tédio (itens 2 e 6, por exemplo, item 2 “Fico inquieto quando passo muito tempo em casa”); 3) procura de emoção e aventura (itens 3 e 7, por exemplo, item 3 “Gosto de fazer coisas assustadoras”); 4) desinibição (itens 4 e 8, ex. Item 6 “Prefiro ter amigos excitantes e imprevisíveis”). Esta escala é avaliada através de uma escala Likert de 5 pontos que varia de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente).

Todos os instrumentos apresentaram bons valores de consistência interna (Tabela 1).

2.3 Procedimentos

Após aprovação pela Comissão Científica (entidade responsável pelo acompanhamento dos procedimentos de investigação e das garantias éticas) e assegurados critérios éticos (ex. fornecimento de informação sobre o caráter voluntário e anónimo do estudo), os critérios de inclusão para participação foram os seguintes: 1) maiores de 18 anos e trabalhadores portugueses; e 2) vontade voluntária de participar. Após a garantia dos critérios éticos, os participantes foram convidados a preencher um questionário de autopreenchimento através de uma plataforma online (SURVEY). O link do questionário foi enviado por e-mail e compartilhado nas redes sociais. O tempo de resposta ao questionário rondava os 10 minutos. Os dados foram recolhidos apenas uma vez no tempo (estudo transversal).

2.4 Análise de dados

Os dados recolhidos foram analisados no programa estatístico SPSS e no software AMOS, ambos versão 28, assumindo um nível de significância de 0.05. Inicialmente foram realizadas análises estatísticas descritivas, apresentando os valores médios e desvios padrão. Para testar o modelo proposto foram realizadas análises de regressão múltipla. Por fim, o modelo de mediação foi testado utilizando o software IBM SPSS Amos (versão 28). As matrizes de variância-covariância foram utilizadas como entrada, adotando o estimador de máxima verossimilhança que pressupõe a normalidade dos dados e é robusto quando essa suposição não é atendida. Seguindo as recomendações de Byrne (2001), o modelo foi avaliado quanto ao seu ajuste utilizando os seguintes indicadores: (a) teste qui-quadrado de qualidade de ajuste (χ^2), razão qui-quadrado para graus de liberdade (χ^2/ gl); (b) Índice de Qualidade de Ajuste (GFI); (c) raiz do erro quadrático médio de aproximação (RMSEA). Adicionalmente, foi definido um conjunto de índices incrementais, nomeadamente o Comparative Fit Index (CFI) e o Adjusted Goodness-of-Fit Index (AGFI) (Marôco, 2014).

3. Resultados

3.1. Análise descritiva

A Tabela 1 apresenta as médias, desvios padrão e valores de consistência interna das variáveis em estudo. Observa-se que a robustez mental é a variável com maior média ($M = 5.26$, $DP = 1.19$), seguida da percepção de risco ($M = 3.90$, $DP = 1.49$).

TABELA 1

Médias, desvios padrão e consistência interna das variáveis em estudo

Variáveis	M	SD	α
Neuroticismo	2.81	1.02	.74
RM	5.26	1.19	.96
PS	2.80	.98	.87
LOCint	3.43	.82	.91
Auto-eficácia	3.82	.79	.91
PR	3.90	1.49	.90
CSF	3.36	1.01	.97

Observação. RM = Robustez Mental; PS = Procura de Sensações; LOCint = Locus de controlo interno; PR= Percepção de Risco; CSF = Clima de Segurança Física.

3.2. Análise de regressão

De acordo com a Tabela 2, é possível observar que a autoeficácia no cumprimento das regras de segurança explica aproximadamente 23.4% da percepção de risco (PR). A inclusão da variável LOCint no modelo aumentou a sua capacidade explicativa ($R^2 = 0.030$). A adição das restantes variáveis – RM, PS e neuroticismo – não alterou o modelo ($p > 0.05$). Apesar da literatura sugerir que variáveis individuais (autoeficácia, neuroticismo, PS, RM, LOCint) predizem a PR, apenas a autoeficácia e o LOCint apresentaram uma relação estatisticamente significativa com a PR. Isto apoia parcialmente a Hipótese 1.

TABELA 2

Regressão hierárquica para predição da percepção de risco

Modelos	R^2	ΔR^2	p
1. Autoeficácia	.234	.234	< .001
2. Autoeficácia + LOCint	.264	.030	< .001
3. Autoeficácia + LOCint+RM	.266	.002	< .001
4. Autoeficácia + LOCint+RM+PS	.269	.003	< .001
5. Autoeficácia + LOCint+RM+PS+Neuroticismo	.271	.002	< .001

Observação. RM = Robustez Mental; PS = Procura de Sensações; LOCint = locus de controlo interno

3.3. Modelo de equações estruturais

Para avaliar se o clima de segurança física medeia a relação entre os fatores individuais em estudo e a PR, o modelo foi testado utilizando a modelagem de equações estruturais. Observou-se que existe um ajuste aceitável entre o modelo e os dados, evidenciado por um valor de χ^2 não significativo ($\chi^2 [5, N = 216] = 5.941, p = 0.312$) (Byrne, 2001; Marôco, 2014). Os valores dos índices de ajuste adicionais (GFI = 0.992; CFI = 0.997; RMSEA = 0.030) suportam esta conclusão, permitindo a análise dos coeficientes correspondentes aos efeitos diretos e indiretos no modelo hipotético.

A análise dos resultados apresentados na Tabela 3 fornece suporte empírico parcial para a H2, que afirma que o CSF medeia a relação entre os fatores individuais e a PR. Este resultado de mediação indica que não há relação significativa entre os fatores individuais (RM, PS e neuroticismo) e PR, portanto a mediação com essas variáveis não pôde ser confirmada. Em relação ao LOCint, observou-se que existe apenas relação direta com a PR sem mediação. Por fim, observou-se que o CSF medeia parcialmente a relação entre autoeficácia e PR.

TABELA 3

Efeitos diretos e indiretos estimados pelo método bootstrap

Paths	Estimativa	Resultados
Efeito direto		
Neur → PR	.071	Sem relação
RM → PR	.070	Sem relação
PS → PR	-.043	Sem relação
LOCint → PR	.187*	Direto
Autoeficácia → PR	.270**	Direto
Neur → CSF	-.087	Sem relação
RM → CSF	.074	Sem relação
pS → CSF	-.043	Sem relação
LOCint → CSF	.088	Sem relação
Autoeficácia → CSF	.219*	Direto
CSF → PR	.237**	Direto
Efeito Indireto		
Neur → PSC → PR	-.021	Sem relação
RM → PSC → PR	.018	Sem relação
PS → PSC → PR	-.011	Sem relação
LOCint → PSC → PR	.021	Direto
Autoeficácia → CSF → PR	.052*	Mediação Parcial

4. Discussão

Vários estudos têm evidenciado o impacto de fatores individuais nos comportamentos e desempenho em segurança. Os principais objetivos do nosso trabalho foram observar o efeito de

fatores individuais (neuroticismo, robustez mental, busca de sensações, *locus* de controlo interno e autoeficácia) na percepção de risco (PR) e analisar o papel mediador do clima de segurança física (CSF) nesta relação. De acordo com as hipóteses de pesquisa propostas para o estudo, parte da Hipótese 1 foi corroborada por meio de análises de regressão. Ou seja, os fatores individuais (neuroticismo, robustez mental, procura de sensações, *locus* de controlo interno e autoeficácia) predizem a PR. Observou-se que, entre os cinco fatores individuais, apenas a autoeficácia e o *locus* de controlo interno tiveram poder explicativo na predição da PR, uma vez que foram os únicos fatores que apresentaram contribuição estatisticamente significativa. Contudo, é possível inferir que a autoeficácia, o *locus* de controlo interno e a robustez mental estão positivamente relacionados com a PR, afetando, assim, positivamente os comportamentos em segurança. Neste contexto, vários estudos (e.g., Bhandari & Hallowell, 2022; Bronkhorst, 2015; Guldenmund, 2000; Toppazzini & Wiener, 2017) demonstraram que a melhoria do clima de segurança numa organização influencia positivamente o comportamento dos trabalhadores, a sua adesão às normas estabelecidas e a sua participação, contribuindo para um maior nível de segurança na organização. Além disso, o modelo propõe o clima de segurança como mediador da relação entre os fatores individuais (neuroticismo, robustez mental, procura de sensações, *locus* de controlo interno e autoeficácia) e a PR. Entre as cinco variáveis independentes, apenas o *locus* de controlo interno e a autoeficácia apresentaram uma relação direta significativa com a PR. Assim, a premissa de que a relação entre fatores individuais (neuroticismo, robustez mental, procura de sensações, *locus* de controlo interno e autoeficácia) e a PR é mediada pelo clima de segurança (Hipótese 2) não foi totalmente confirmada. Na análise dos resultados para o *locus* de controlo interno, observou-se que, embora tenha uma relação direta significativa com a PR, não apresentou uma relação significativa com a variável mediadora. Portanto, esta relação de mediação também não foi confirmada. Entre o *locus* de controlo interno e a PR, existe apenas uma relação direta, sem mediação. A única relação de mediação confirmada foi com a autoeficácia. De acordo com os resultados, o clima de segurança medeia parcialmente a relação entre a autoeficácia e a PR, reduzindo assim o efeito da autoeficácia sobre a PR.

Em resumo, apesar da literatura apontar variáveis individuais como preditoras da PR (e.g., Bae & Park, 2021; Chen, 2009; Christian et al., 2009; Neal & Griffin, 2004; Puchades et al., 2018; Rotter, 1966; Sousa et al., 2021), as diversas análises estatísticas realizadas ao longo deste estudo e aqui apresentadas não confirmaram algumas das relações diretas entre as variáveis do modelo teórico. A explicação apresentada por Baron e Kenny (1986) – de que a densidade associada aos objetos de estudo de natureza social, como o mundo do trabalho, torna difícil encontrar relações que sejam totalmente explicadas por um mediador – parece relevante para explicar os nossos resultados. Adicionalmente, considerando o número de variáveis em estudo, o tamanho da amostra pode ser considerado relativamente pequeno, o que pode ser um fator influenciador nestes resultados.

Apesar da ausência de relação entre algumas variáveis do modelo, este estudo traz contribuições importantes para a literatura nesta área. O primeiro aspeto refere-se às relações identificadas entre os fatores individuais e a PR. A partir dos resultados, observou-se que a autoeficácia e o *locus* de controlo interno emergem como os preditores mais robustos da PR. O segundo ponto aborda a relevância do clima de segurança física no desenvolvimento da PR. Este estudo sustenta a ideia de que o clima de segurança física é um preditor significativo do desempenho/

comportamento de segurança e atua como um elo entre os fatores individuais e a PR, desempenhando um papel mediador.

5. Conclusão

Este estudo abordou vários fatores individuais e organizacionais que contribuem para o desenvolvimento de comportamentos seguros no trabalho. A taxa de acidentes de trabalho, tanto a nível nacional como europeu, indica a necessidade contínua de investigar as variáveis que os antecedem. Esta pesquisa contribui para melhorar a segurança no local de trabalho, ao entender como as variáveis de personalidade afetam a percepção de risco e como o clima de segurança física pode mediar essa relação. Isso pode ajudar na conceção de estratégias de formação e saúde ocupacional, elevando o nível de segurança no trabalho.

O objetivo principal da sociedade deve ser o desenvolvimento de um ambiente de trabalho seguro, prevenindo acidentes e melhorando as condições de trabalho em todos os aspetos. Não podemos garantir uma segurança aprimorada sem que os trabalhadores aumentem a sua percepção de risco e reduzam a sua tolerância ao mesmo. Isso leva a uma melhoria nos comportamentos de segurança, reduzindo a probabilidade de acidentes de trabalho. Como membros do contexto de trabalho, devemos sempre esforçar-nos para desenvolver comportamentos seguros adequados às tarefas desempenhadas e incentivar os outros a adotarem a mesma atitude. A prevenção continua a ser o maior investimento na redução de acidentes de trabalho.

Em suma, é importante reconhecer que, além dos diversos fatores abordados neste estudo, existem muitos outros que influenciam o desempenho do trabalhador no ambiente de trabalho. Esses fatores devem ser analisados e estudados, incluindo horários de trabalho, comportamentos de risco, liderança, violência no local de trabalho, assédio, experiência de acidentes, motivação no trabalho, conflito entre trabalho e família e trabalho em ambientes extremos, entre outros.

Conflito de interesses: Em nome de todos os autores, o autor correspondente declara que não há conflito de interesses.

Referências

- Apalkova, Y., Butovskaya, M. L., Shackelford, T. K. & Fink, B. (2021). Personality, aggression, sensation seeking, and hormonal responses to challenge in Russian alpinists and special operation forces. *Personality and Individual Differences*, 169, 110238. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2020.110238>
- Bae, J. H. & Park, J. W. (2021). Research into individual factors affecting safety within airport subsidiaries. *Sustainability*, 13, 5219. <https://doi.org/10.3390/su13095219>
- Bandura, A. (1998). Health promotion from the perspective of social cognitive theory. *Psychology and Health*, 13(4), 623–649. <https://doi.org/10.1080/08870449808407422>
- Baron, R. M. & Kenny, D. A. (1986). The moderator-mediator variable distinction in social psychological research: Conceptual, strategic, and statistical considerations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51(6), 1173–1182. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.51.6.1173>
- Barrick, M. R. & Mount, M. K. (1991). The Big Five personality dimensions and job performance: A meta-analysis. *Personnel Psychology*, 44(1), 1–26. <https://doi.org/10.1111/j.1744-6570.1991.tb00688.x>

- Bártolo-Ribeiro, R. (2017). *The use of brief questionnaires in academic context: The case of BFI-10*. [Apresentação de poster]. Meeting of 14th European Conference on Psychological Assessment of European Association of Psychological Assessment (EAPA), Lisboa, Portugal.
- Bhandari, S. & Hallowell, M. R. (2022). Influence of safety climate on risk tolerance and risk-taking behavior: A cross-cultural examination. *Safety Science*, 146(3), 105559. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ssci.2021.105559>
- Bronkhorst, B. (2015). Behaving safely under pressure: The effects of job demands, resources, and safety climate on employee physical and psychosocial safety behavior. *Journal of Safety Research*, 55, 63–72. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jsr.2015.09.002>
- Byrne, B. M. (2001). *Structural equation modeling with AMOS: Basic concepts, applications, and programming*. Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Chen, C. F. (2009). Personality, safety attitudes and risky driving behaviors: Evidence from young Taiwanese motorcyclists. *Accident Analysis and Prevention*, 41(5), 963–968. <https://doi.org/10.1016/j.aap.2009.05.013>
- Christian, M. S., Bradley, J. C., Wallace, J. C. & Burke, M. J. (2009). Workplace safety: A meta-analysis of the roles of person and situation factors. *Journal of Applied Psychology*, 94, 1103–1127. <http://dx.doi.org/10.1037/a0016172>
- Clarke, S., & Robertson, I. T. (2005). A meta-analytic review of the Big Five personality factors and accident involvement in occupational and non-occupational settings. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 78(3), 355–376. <https://doi.org/10.1348/096317905X26183>
- Costa, P. T., Jr. & McCrae, R. R. (1992). Revised NEO Personality Inventory (NEO-PI-R) and NEO Five-Factor Inventory (NEO-FFI) professional manual. Odessa, FL: *Psychological Assessment Resources*. <https://doi.org/10.4135/9781849200479.n9>
- Cowden, R. G., Clough, P. J. & Oppong Asante, K. (2017) Mental toughness in South African youth: Relationships with forgivingness and attitudes towards risk. *Psychological Reports*, 120, 271–289. <https://doi.org/10.1177/0033294116687516>
- Cree, T. & Kelloway, E. K. (1997). Responses to occupational hazards: Exit and participation. *Journal of Occupational Health Psychology*, 2(4), 304–311. <https://doi.org/10.1037/1076-8998.2.4.304>
- Donnellan, M. B., Oswald, F. L., Baird, B. M. & Lucas, R. E. (2006). The Mini-IPIP Scales: Tiny-yet-effective measures of the Big Five Factors of Personality. *Psychological Assessment*, 18(2), 192–203. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.18.2.192>
- Drinkwater, K., Dagnall, N., Denovan, A. & Parker, A. (2019). The moderating effect of mental toughness: risk perception and belief in the paranormal. *Psychological Reports*, 122(1), 268–287. <https://doi.org/10.1177/0033294118756600>
- Glanz, K., Rimer, B.K. & Lewis, F.M. (2002). *Health Behavior and Health Education. Theory, Research and Practice*. Wiley & Sons. <https://doi.org/10.4236/oalib.1107015>
- Gucciardi, D. F., Hanton, S., Gordon, S., Mallett, C. J. & Temby, P. (2015). The concept of mental toughness: Tests of dimensionality, nomological network and traitness. *Journal of Personality*, 83(1), 26–44. <https://doi.org/10.1111/jopy.12079>
- Guldenmund, F. (2000). The nature of safety culture: A review of theory and research. *Safety Science*, 34, 215–257. [https://doi.org/10.1016/S0925-7535\(00\)00014-X](https://doi.org/10.1016/S0925-7535(00)00014-X)
- Hall, G. B., Dollard, M. F. & Coward, J. (2010). Psychosocial safety climate: Development of the PSC-12. *International Journal of Stress Management*, 17, 353–383. <http://dx.doi.org/10.1037/a0021320>

- Handoko, L., Martiana, T. & Partiw, S. (2022). Occupational Health and Safety Risk Perception: Comparison Between Permanent and Temporary Workers. *International Journal of Health Sciences*, *III*, 4852-4861. <https://doi.org/10.53730/ijhs.v6nS3.6971>.
- Hunter, D. R. (2002). Development of an aviation safety locus of control scale. *Aviation Human Factors*, *43*, 509–518. <https://doi.org/10.1037/t14554-000>
- Idris, M. A., Dollard, M. F., Coward, J. & Dormann, C. (2012). Psychosocial safety climate: Conceptual distinctiveness and effect on job demands and worker psychological health. *Safety Science*, *50*(1), 19–28. <https://doi.org/10.1016/j.ssci.2011.06.005>
- Lac, A. & Donaldson, C. D. (2021). Sensation seeking versus alcohol use: Evaluating temporal precedence using cross-lagged panel models. *Drug and Alcohol Dependence*, *219*, 108430. <https://doi.org/10.1016/j.drugalcdep.2020.108430>
- Liu, Z. & Yang, J. (2023). Public support for COVID-19 responses: cultural cognition, risk perception, and emotions. *Health Communication*, *38*(4), 648-658. <https://doi.org/10.1080/10410236.2021.1965710>
- Mahoney, J., Ntoumanis, N., Mallett, C. & Gucciardi, D. (2014). The motivational antecedents of the development of mental toughness: A self-determination theory perspective. *International Review of Sport and Exercise Psychology*, *7*(1), 184–197. <https://doi.org/10.1080/1750984X.2014.925951>
- Marôco, J. (2014). Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software & 46 aplicações (2.^a Ed.). Report Number.
- Mazengia, E., Kassie, A., Zewdie, A., Tesfa, H., Aschale, A. & Demissie, G. (2024). Risky driving behavior among public transport vehicle drivers in Ethiopia using the health belief model. *Transportation Research Interdisciplinary Perspectives*, *23*, 101011. <https://doi.org/10.1016/j.trip.2023.101011>.
- Moen, B. E. (2007). Determinants of safety priorities in transport: The effect of personality, worry, optimism, attitudes and willingness to pay. *Safety Science*, *45*(8), 848–863. <https://doi.org/10.1016/j.ssci.2006.08.020>
- Mohammadi, M. R., Zarafshan, H., Bash, S. K. & Khaleghi, A. (2020). How to Assess Perceived Risks and Safety Behaviors Related to Pandemics: Developing the Pandemic Risk and Reaction Scale during the Covid-19 Outbreak. *Iranian Journal of Psychiatry*, *15*(4), 274–285. <https://doi.org/10.18502/ijps.v15i4.4293>
- Moynihan, A. B., Igou, E. R. & van Tilburg, W. A. P. (2021). Bored stiff: The relationship between meaninglessness, sexual sensation seeking, and promiscuous attitudes via boredom susceptibility. *Personality and Individual Differences*, *168*, 110295. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2020.110295>
- Neal, A. & Griffin, M. A. (2004). Safety climate and safety at work. In J. Barling & M. R. Frone (Eds.), *The psychology of workplace safety* (pp. 15–34). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/10662-002>
- Neal, A. & Griffin, M. A. (2006). A study of the lagged relationships among safety climate, safety motivation, safety behavior, and accidents at the individual and group levels. *Journal of Applied Psychology*, *91*(4), 946–953. <https://doi.org/10.1037/0021-9010.91.4.946>
- Nykänen, M., Salmela-Aro, K., Tolvanen, A. & Vuori, J. (2019). Safety self-efficacy and internal locus of control as mediators of safety motivation: Randomized controlled trial (RCT) study. *Safety Science*, *117*, 330–338. <https://doi.org/10.1016/j.ssci.2019.04.037>
- Oah, S., Na, R. & Moon, K. (2018). The influence of safety climate, safety leadership, workload, and accident experiences on risk perception: A study of Korean manufacturing workers. *Safety and Health at Work*, *9*(4), 427–433. <https://doi.org/10.1016/j.shaw.2018.01.008>

- Pinto, K. (2022). *Fatores individuais como preditores da percepção de risco: Mediação do clima de segurança, numa amostra de trabalhadores portugueses* [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade do Algarve.
- Puchades, V., Fassina, F., Fraboni, F., Angelis, M., Prati, G., Waard, D. & Pietrantonio, L. (2018). The role of perceived competence and risk perception in cycling near misses. *Safety Science*, 105, 167–177. <https://doi.org/10.1016/j.ssci.2018.02.013>
- Rammstedt, B. & John, O. P. (2007). Measuring personality in one minute or less: A 10-item short version of the Big Five Inventory in English and German. *Journal of Research in Personality*, 41(1), 203–212. <https://doi.org/10.1016/j.jrjp.2006.02.001>
- Rotter, J. B. (1966). Generalized expectancies for internal versus external control of reinforcement. *Psychological Monographs: General and Applied*, 80(1), 1–28. <https://doi.org/10.1037/h0092976>
- Rundmo, T. (2000). Safety climate, attitudes and risk perception in Norsk Hydro. *Safety Science*, 34(1–3), 47–59. [http://dx.doi.org/10.1016/S0925-7535\(00\)00006-0](http://dx.doi.org/10.1016/S0925-7535(00)00006-0)
- Rundmo, T. & Iversen, H. (2004). Risk perception and driving behaviour among adolescents in two Norwegian counties before and after a traffic safety campaign. *Safety Science*, 42(1), 1–21. [https://doi.org/10.1016/S0925-7535\(02\)00047-4](https://doi.org/10.1016/S0925-7535(02)00047-4)
- Santos, M., (2020). De que forma a Percepção do Risco modula os comportamentos relativos à Saúde Ocupacional? *Revista Portuguesa de Saúde Ocupacional*, 10, 1–30. <https://dx.doi.org/10.31252/RPSO.25.07.2020>
- Sjöberg, L. (2007). *Emotions and risk perception*. University of Barcelona. <https://dx.doi.org/10.1057/palgrave.rm.8250038>
- Sjöberg, L. & af Wåhlberg, A. (2002). Risk perception and new age beliefs. *Risk Analysis*, 22(4), 751–764. <https://doi.org/10.1111/0272-4332.00066>
- Sousa, C., Gonçalves, G., Sousa, A. & Pinto, E. (2021). An assessment of the psychometric properties of the Brief Sensation Seeking Scale and its prediction in safety performance in a Portuguese adult sample. *Current Psychology*, 40, 497–509. <https://doi.org/10.1007/s12144-018-9966-8>
- Sousa, C., Santos, J., Pinto, E., Sousa, A., Zica, J. & Gonçalves, G. (2017). *Physical and psychosocial safety climate scales: Metric evidence of the adaptation for the Portuguese population* [Apresentação de poster]. II International Congress Interdisciplinarity in Social and Human Sciences, Research Centre for Spatial and Organizational Dynamics (CIEO), Faro, Portugal.
- Toppazzini, M. A. & Wiener, K. K. K. (2017). Making workplaces safer: The influence of organisational climate and individual differences on safety behaviour. *Heliyon*, 3. <https://dx.doi.org/10.1016/j.heliyon.2017.e00334>
- Ulleberg, P. & Rundmo, T. (2003). Personality, attitudes and risk perception as predictors of risky driving behaviour among young drivers. *Safety Science*, 41(5), 427–443. [https://doi.org/10.1016/S0925-7535\(01\)00077-7](https://doi.org/10.1016/S0925-7535(01)00077-7)
- Vasvári, T. (2015). Risk, risk perception, risk management: A review of the literature. *Public Finance Quarterly*, 60(1), 29–48. Handle: *RePEc:pfq:journal:v:60:y:2015:i:1:p:29-48*
- Vatou, A., Gregoriadis A., Tsigilis N., & Grammatikopoulos, V. (2022). Teachers' social self-efficacy: development and validation of a new scale. *Educational Assessment & Evaluation*, 9, 1. <https://doi.org/10.1080/2331186X.2022.2093492>
- Viswesvaran, C., Ones, D. S., Schmidt, F. L., Le, H., & Oh, I. S. (2014). Measurement error obfuscates scientific knowledge: Path to cumulative knowledge requires corrections for unreliability and psychometric

meta-analyses. *Industrial and Organizational Psychology*, 7(04), 507–518. <https://dx.doi.org/10.1017/s1754942600006799>

- Wang, S., Zhang, Y. & Sun, L. (2023). Effects of personality traits on bus drivers' prosocial and aggressive behaviours: The moderated mediating role of risk perception and gender. *PLoS ONE*, 18(2): e0281473. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0281473>
- Wang, H., Wang, A., Su, F. & Schwebel, D. C. (2022). The effect of age and sensation seeking on pedestrian crossing safety in a virtual reality street. *Transportation Research Part F: Traffic Psychology and Behaviour*, 88, 99-110. <https://doi.org/10.1016/j.trf.2022.05.010>
- Zuckerman, M. (1994). *Behavioral expressions and biosocial bases of sensation seeking*. Cambridge University Press.
- Zuckerman, M. (2008). Personality and sensation seeking. In G. J. Boyle, G. Matthews, & D. H. Saklofske (Eds.), *The SAGE handbook of personality theory and assessment, Vol. 1. Personality theories and models* (pp. 379-398). Sage Publications, Inc. <https://doi.org/10.4135/9781849200462.n18>
- Mazengia, E., Kassie, A., Zewdie, A., Tesfa, H., Aschale, A. & Demissie, G. (2024). Risky driving behavior among public transport vehicle drivers in Ethiopia using the health belief model. *Transportation Research Interdisciplinary Perspectives*, 23, 101011. <https://doi.org/10.1016/j.trip.2023.101011>.

AUTHOR INSTRUCTIONS

Elaboration and submission of articles

The preparation and submission of papers for the *Psique* journal abides to international scientific standards, contingent upon the fulfillment of several requirements listed below:

1. Papers submitted for publication must be original. The authors sign a declaration (Appendix 1) where they warrant that:

A) are in fact the authors and are fully responsible for the content of their paper;

B) that their work abides to the international ethical and methodological standards within the field of Psychology proposed by the American Psychological Association – APA) and by the European Science Foundation (European Code of Conduct for Integrity of Research);

C) and that, they have not simultaneously submitted the paper for publication elsewhere.

D) The journal will use all means to guarantee the above criteria, namely, to request proof of documents and through the use of plagiarism software (Urkund). Authors will be informed in case of indicators of plagiarism, and can comment on these indicators before the rejection of the manuscript.

2. Copyright of the publication is vested in *Psique*, while the copyright of texts rests with the individual author(s); in case of later republication elsewhere, reference to the *Psique* publication should be indicated. The journal does not carry out any embargo on the articles. The author(s) may disclose the article in auto archive systems or in institutional repositories.

3. Submitted papers may be sent as an attached file to the Editorial Coordination of the journal *Psique*: Odete Nunes (onunes@autonoma.pt; psique@autonoma.pt).

4. The first page of the paper must contain the author(s)' identification, institution, city and country, as well as a contact e-mail address of all the authors of the paper.

5. Texts may be presented in Portuguese, Castilian, French or English.

6. Proposed papers will be subjected to blind peer review carried out by at least two specialists (PhD in Psychology) from the journal's Editorial Council, the majority of whom are external referees to Universidade Autónoma de Lisboa.

7. These are the steps involved in the process of manuscript submission and acceptance:

Manuscripts are received by the journal's editor and sent to reviewers, specialists in Psychology. Our is a double-blind peer-review system: both reviewers' and author's anonymity is preserved;

Reviewers will assess manuscripts and express their opinion on their quality and pertinence for the journal's aim and scope and may should suggest specific improvements. In case both reviewers disagree on their assessment, the editor may assess the manuscript and decide about its publication or request the opinion of a third reviewer;

Authors will be informed of the editorial decision, which may be:

a) Accepted (the manuscript is accepted for publication as it is);

b) Conditionally accepted (requires minor revisions), in this case the paper may be accepted by

the editor once the author introduces minor revisions;

c) Invited to re-submit after major revisions (the theme is of interest, yet the manuscript needs major revisions). In this case, authors are advised to rewrite the manuscript in accordance to reviewers' suggestions and re-submit it. Re-submitted manuscripts are sent to reviewers for re-assessment;

d) Rejected (when the manuscript does not meet the criteria for publication).

8. The common indicator for sending the original files is “.doc”.

9. There is a 30 pages limit to the size of papers, excluding the reference list, tables and illustrations.

10. The images, (diagrams, maps, tables and graphs) should be indicated and identified in accordance with the last edition of the Publication Manual of American Psychological Association (APA).

11. The structure of the paper should follow the guidelines set forth in the last edition of the Publication Manual of APA. The title, the summary, and the keywords, should be presented in the original language of the paper and in English. The summary should not exceed 200 words and the keywords should not be more than five.

12. Text quotations and bibliography references shall be in accordance with the guidelines of the last edition of the Publication Manual of APA, for example:

A. Scientific Journal Papers: Herbst-Damm, K. L., & Kulik, J. A. (2005). Volunteer support, marital status, and the survival times of terminally ill patients. *Health Psychology, 24*, 225-229. <https://doi.org/10.1037/0278-6133.24.2.225>

B. Books: Mitchell, T. R., & Larson, J. R., Jr. (1987). *People in organizations: An introduction to organizational behavior* (3rd ed.). McGraw-Hill.

C. Book Chapters: Bjork, R. A. (1989). Retrieval inhibition as an adaptive mechanism in human memory. In H. L. Roediger III & F. I. M. Craik (Eds.), *Varieties of memory & consciousness* (pp. 309–330). Erlbaum.

13. Whenever necessary, and without any interference to its inclusion in the “.doc” document, the original files of tables and figures may be sent separately, in JPEG, TIFF or XLS format.

14. Footnotes should be in accordance with the guidelines of the last edition of the Publication Manual of APA.

15. *Psique* publishes five types of papers:

A) Empirical papers that present reports of original research.

B) Literature reviews papers that develop research synthesis, meta-analyses, and critical evaluations of material that has already been published.

C) Theoretical papers in which the author develops advances in theory based on previous published literature.

D) Methodological papers that present new methodological approaches, modifications of existing methods or discussions of quantitative and qualitative data analytic approaches to scientific research.

E) Case studies, reports of case material obtained while working with an individual, a group, a community or an organization.

16. The journal *Psique* has a limit of one paper by the same author in each issue.

17. The editorial board of *Psique*, responsible for the evaluation of the manuscripts to be published, is constituted by, at least, 75% members from academic institutions outside the hosting institution of *Psique*.

18. The publication of *Psique* is semi-annual, from the year of 2018, with publication date from January 1st to June 30th and from July 1st to December 31st.

19. *Psyche* subscribes to the codes of ethics and good editorial practices, namely:

The Code of Conduct and Best-Practice Guidelines for Journal Editors, from the Committee on Publication Ethics: Committee on Publication Ethics (2011). Code of Conduct and Best-Practice Guidelines for Journal Editors. Retrieved from http://publicationethics.org/files/Code_of_conduct_for_journal_editors_Mar11.pdf

The White Paper on Promoting Integrity in Scientific Journal Publications, Council of Science Editors – Scott-Lichter, D. & Editorial Policy Committee, Council of Science Editors (2012). CSE's White Paper on Promoting Integrity in Scientific Journal Publications. Retrieved from https://www.councilscienceeditors.org/wp-content/uploads/entire_whitepaper.pdf

In case of publication they permit the use of their work under a CC-BY license [<http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/>], which allows others to copy, distribute and transmit the work as well as to adapt the work and to make commercial use of it.

For more details on the ethical obligations of authors, reviewers and editorial coordination, consult the Publication Ethics and Best- Practice Guidelines tab.

21. The editorial process is totally free of costs for the authors. *Psyche* is a non-profit scientific publication.

APPENDIX 1

Lisbon, xx xx 20xx

Dear authors

The editorial coordination of Psique asks the authors of the manuscript titled “xxx”, to be published in volume xxx, to sign below in agreement to granting Psique the Copyright for the publication of the paper in printed and online forms. The granting of the copyright to Psique is only legitimate if all authors sign this

agreement.

By signing this document, the authors guarantee that the article submitted for publication is original, exclusively of their authorship and that it respected the international ethical and methodological standards in the scientific field of Psychology, namely the ones proposed by the American Psychological Association (APA) and the European Science Foundation (European Code of Conduct for Integrity of Research). Authors are fully responsible for what is written in the articles and ensure that they do not submit the work simultaneously to another journal for publication.

Psyche holds the copyright of the entire publication. However, each author has the copyright of his own text. If authors decide to later republish it elsewhere, they are asked to refer to the publication in Psique. The journal publishes in open access, does not carry out any embargo on the articles and authors can share the article in auto file systems or in institutional repositories.

Below are the full names of the authors for signature:

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Odete Nunes
Editor in Chief of Psique

INSTRUÇÕES AOS AUTORES

Elaboração e submissão de artigos

A elaboração e submissão de artigos para a revista *Psique* subordina-se aos padrões científicos internacionais, de acordo com as seguintes condições:

1. Os artigos submetidos para publicação têm de ser originais e inéditos. Os autores assinam uma declaração (Anexo 1) onde garantem:

A) Que realizaram o trabalho que apresentam e que são integralmente responsáveis pelo que está escrito nos artigos;

B) Que respeitaram os padrões éticos e metodológicos internacionais vigentes na área científica da Psicologia, propostos pela *American Psychological Association (APA)* e pela *European Science Foundation (European Code of Conduct for Integrity of Research)*;

C) E que não submeteram o trabalho simultaneamente a outra revista para publicação;

D) A revista usará de todos os meios para garantir os anteriores critérios, designadamente, podendo pedir prova de documentos e através do uso de um software de plágio (Urkund). Os autores serão informados no caso de existirem indicadores de plágio, podendo pronunciar-se sobre esses indicadores antes da rejeição do artigo.

2. A *Psique* detém os direitos de autor sobre a publicação, no entanto, cada autor tem o copyright do seu próprio texto; no caso de o republicar mais tarde noutra local, pede-se a referência à publicação na *Psique*. A revista não procede a qualquer embargo dos artigos. O(s) autor(s) pode divulgar o artigo em sistemas de auto arquivo ou em repositórios institucionais.

3. Os artigos enviados para submissão devem ser remetidos em suporte eletrónico à Coordenação Editorial: Odete Nunes (onunes@autonoma.pt; psique@autonoma.pt).

4. Na primeira página do artigo deve constar a nome completo do(s) autor(es), sem siglas, a respetiva filiação, local e país, bem como o(s) e-mail(s) de contacto de todos os autores do artigo.

5. Os textos podem ser apresentados em português, castelhano, francês e inglês.

6. Os artigos propostos são submetidos a um processo de arbitragem científica, de revisão cega por pares (*blind peer review*) feita por, pelo menos, dois especialistas (Doutorados em Psicologia) que fazem parte do Conselho Editorial da revista, e cuja maioria é externa à Universidade Autónoma de Lisboa.

7. O processo de submissão e avaliação dos manuscritos submetidos seguirá os seguintes passos:

Os artigos são recebidos pelo Editor da revista e enviados para dois revisores. Os artigos serão enviados sem o nome dos autores para os revisores. Todo o processo de avaliação dos artigos é feito sob o anonimato dos autores para garantir uma “revisão cega por pares”. No processo de avaliação, os revisores também serão mantidos anónimos para os autores;

Os revisores avaliarão os artigos e expressarão a sua opinião sobre a qualidade do artigo, sobre a pertinência da sua publicação na revista e poderão indicar sugestões de melhoria tão específicas quanto possível para a reformulação do artigo. No caso das opiniões dos revisores serem discordantes, o Editor poderá decidir sobre a publicação, após a sua própria análise ao artigo, ou pode pedir um outro parecer a um terceiro revisor;

Os autores serão informados da decisão editorial, num período médio de três meses, que pode consistir em:

- A) Aceite (o manuscrito foi aceite para publicação na sua forma atual);
- B) Aceite condicionalmente, mediante pequenas reformulações, neste caso, após as alterações introduzidas, o artigo reformulado pode ser aceite pelo editor;
- C) Convidado a re-submeter após reformulações substanciais (o tema interessa à revista, porém, o artigo necessita de uma reformulação profunda). Nestes casos, os autores são convidados a reformular o artigo de acordo com as sugestões dos revisores e a re-submeter à revista. Após a reformulação dos artigos, estes serão enviados novamente aos revisores para uma segunda avaliação;
- D) Rejeitado (quando foi considerado que o manuscrito não cumpriu os critérios para publicação na revista).

8. A linguagem de base para o envio dos ficheiros originais é “.doc”.

9. A dimensão dos artigos tem um limite de 30 páginas, excluindo a lista de referências bibliográficas, tabelas e figuras.

10. As imagens (esquemas, mapas, tabelas e gráficos) deverão ser referidos e identificados em obediência à última edição do *Publication Manual of the American Psychological Association* (APA).

11. A estrutura dos artigos deve obedecer às regras da última edição do Manual de Publicações da APA. O título e o resumo devem ser escritos na língua original do artigo e em inglês, bem como as palavras-chave do artigo. O resumo tem uma dimensão limite até 200 palavras e seguem-se-lhe as palavras-chave, no máximo de cinco.

12. As citações e referências bibliográficas são feitas de acordo com as normas da última edição do Manual de Publicações da APA, por exemplo:

- A) Artigos de Revista Científica: Herbst-Damm, K. L., & Kulik, J. A. (2005). Volunteer support, marital status, and the survival times of terminally ill patients. *Health Psychology, 24*, 225-229. <https://doi.org/10.1037/0278-6133.24.2.225>
- B) Livros de Autor: Mitchell, T. R., & Larson, J. R., Jr. (1987). *People in organizations: An introduction to organizational behavior* (3rd ed.). McGraw-Hill;
- C) Capítulos de Livros: Bjork, R. A. (1989). Retrieval inhibition as an adaptive mechanism in human memory. In H. L. Roediger III & F. I. M. Craik (Eds.), *Varieties of memory & consciousness* (pp. 309-330). Erlbaum.

13. Sempre que se justifique, sem prejuízo da sua inclusão no documento em “.doc”, os ficheiros originais dos quadros e figuras podem ser enviados em separado, em formato JPEG, TIFF ou XLS.

14. As notas de rodapé são feitas de acordo com as normas da última edição do Manual de Publicações da APA.

15. A Psique publica cinco tipos de artigos:

- A) Artigos empíricos que apresentam relatórios de investigações científicas originais.
- B) Artigos de revisão de literatura que desenvolvem análises críticas de material anteriormente publicado.
- C) Artigos teóricos em que o autor desenvolve avanços sobre teorias inovadoras ou anteriormente publicadas.
- D) Artigos metodológicos que apresentam novas abordagens metodológicas, modificação de métodos existentes ou discussões sobre as abordagens quantitativas ou qualitativas na investigação científica.

E) Estudos de caso que reportam material de casos obtidos ao longo do trabalho com indivíduos, grupos, uma comunidade ou uma organização.

16. A revista *Psique* tem um limite máximo de publicação de um artigo de um mesmo autor em cada volume.

17. O conselho editorial da *Psique*, responsável pela avaliação dos artigos publicados, é constituído em, pelo menos, 75% por membros de instituições académicas externas à instituição de acolhimento da *Psique*.

18. A publicação é semestral, com data de publicação de 1 de janeiro a 31 de junho e de 1 de julho a 31 de dezembro.

19. A *Psique* subescreve os códigos de ética e boas práticas editoriais, designadamente:

O Code of Conduct and Best-Practice Guidelines for Journal Editors, do Committee on Publication Ethics – Committee on Publication Ethics (2011). Code of Conduct and Best-Practice Guidelines for Journal Editors. Retrieved from http://publicationethics.org/files/Code_of_conduct_for_journal_editors_Mar11.pdf

O White Paper on Promoting Integrity in Scientific Journal Publications, da Council of Science Editors – Scott-Lichter, D. & Editorial Policy Committee, Council of Science Editors (2012). CSE's White Paper on Promoting Integrity in Scientific Journal Publications. Retrieved from https://www.councilscienceeditors.org/wp-content/uploads/entire_whitepaper.pdf

Para mais detalhes sobre obrigações éticas dos autores, revisores e coordenação editorial, consultar o separador *Ética Editorial e Boas Práticas*.

20. Em nenhuma etapa do processo editorial se estabelecem custos para os autores. A *Psique* é uma publicação científica sem fins lucrativos.

21. Em caso de publicação, os autores permitem o uso do seu trabalho através da utilização da licença creative commons, CC-BY [<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>], que permite a cópia, distribuição e transmissão do conteúdo, assim como a sua adaptação para uso comercial.

APÊNDICE 1

Lisboa, x de x de 20xx

A Revista Psique solicita que os autores do manuscrito intitulado “xxx”, a ser publicado no volume xxx, concedam os direitos autorais do manuscrito para publicação na forma impressa e eletrónica. Informamos que a concessão dos direitos autorais só será legítima, se todos os autores assinarem a presente carta.

Ao assinar o presente documento os autores garantem que o artigo submetido para publicação é original, é exclusivamente da sua autoria e que respeitou os padrões éticos e metodológicos internacionais vigentes na área científica da Psicologia, propostos pela American Psychological Association (APA) e pela European Science Foundation (European Code of Conduct for Integrity of Research). Os autores são integralmente responsáveis pelo que está escrito nos artigos e garantem que não submeteram o trabalho simultaneamente a outra revista para publicação.

A Psique detém os direitos de autor sobre o conjunto da publicação, no entanto, cada autor tem os direitos de autor do copyright do seu próprio texto. No caso de o republicar mais tarde, noutra local, pede-se a referência à publicação na Psique. A revista publica em acesso aberto, não procede a qualquer embargo dos artigos e os autores podem divulgar o artigo em sistemas de auto arquivo ou em repositórios institucionais.

Seguem abaixo os nomes completos dos autores por extenso para assinatura:

Xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

Xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

Odete Nunes
Editor Diretor Psique

REVIEWERS INSTRUCTIONS

Article Review

The articles submitted to be published in *Psique* will be evaluated by two experts in the scientific domain of the paper, Ph.D in Psychology.

These are the steps involved in the process of manuscript submission and acceptance/rejection:

1. Manuscripts are received by the journal's editor in chief and after a preliminary analysis will be sent to two reviewers, in a double-blind peer-review system. Both reviewers' and author's anonymity is preserved;
2. Reviewers will assess the manuscripts and express their opinion on the quality and pertinence for the journal's aims and scope and should suggest specific reformulations to improve the quality of the manuscript.
3. In case both reviewers disagree on their assessment, the editor in chief may assess the manuscript and decide about its publication or request the opinion of a third reviewer.

Each reviewer should carefully read the manuscript and issue a justified and reasoned report on the appropriateness of manuscript for publication in *Psique*. The dimensions to consider in the evaluation process are the following:

1. Relevance and up to date of the theme of the manuscript for the scientific field of Psychology;
2. Coverage, adequacy and up to date of the analyzed scientific literature;
3. Appropriateness of the methodological procedures in relation to the objectives of the study;
4. Clarity of writing and correction of the article structure, according to the APA structure criteria;
5. Validity of the results obtained in relation to the objectives and the methodological procedures developed;
6. Scope, articulation and in depth of the discussion of the results obtained;
7. Formal correction of bibliographical references, formulas and tables; according to the APA formal criteria.

For guidelines on the ethical criteria in the editorial process please read the Publication Ethics and Best-Practice Guidelines.

Authors will be informed of the editorial decision, usually during the period of three months, which may be:

- a) Accepted (the manuscript is accepted for publication as it is);
- b) Conditionally accepted (requires minor reformulations), in this case the paper may be accepted by the editor once the author introduces the minor reformulations;
- c) Invited to re-submit after major revisions (the theme is of interest, yet the manuscript needs major revisions). In this case, authors are advised to rewrite the manuscript in accordance to reviewers' suggestions and re-submit it. Re-submitted manuscripts are sent to reviewers for re-assessment;
- d) Rejected (when the manuscript does not meet the criteria for publication).

On the link below you will find the evaluation format for the evaluation of manuscripts submitted to *Psique* [Manuscript Evaluation Sheet](#).

INSTRUÇÕES AOS REVISORES

Revisão de artigos

Os artigos submetidos para serem publicados em *Psique* serão avaliados por dois especialistas no domínio científico do estudo, doutorados em Psicologia.

As etapas envolvidas no processo de submissão e aceitação / rejeição dos manuscritos são as seguintes:

1. Os manuscritos são recebidos pelo editor da revista e, após uma análise preliminar, serão enviados para o parecer de dois revisores, sob um sistema de revisão de pares anônimo duplo. É preservado o anonimato tanto dos autores, como dos revisores.
2. Os revisores avaliarão os manuscritos e emitirão o seu parecer sobre a qualidade e pertinência dos manuscritos, face aos objetivos e âmbito da revista e devem sugerir reformulações específicas para melhorar a qualidade dos manuscritos.
3. Caso os dois revisores não estejam de acordo sobre a avaliação de um manuscrito, o editor pode avaliar o manuscrito e decidir sobre sua publicação ou solicitar a opinião de um terceiro revisor.

Cada revisor deve ler cuidadosamente o manuscrito e emitir um relatório justificado e fundamentado sobre a adequação do manuscrito para publicação na *Psique*. As dimensões a considerar no processo de avaliação são as seguintes:

1. Pertinência e atualidade do tema para o campo científico da Psicologia;
2. Cobertura, adequação e atualidade da literatura científica analisada;
3. Adequação dos procedimentos metodológicos face aos objetivos do estudo;
4. Clareza da escrita e correção da estrutura do artigo, de acordo com os critérios APA;
5. Validade dos resultados obtidos face aos objetivos e aos procedimentos metodológicos desenvolvidos;
6. Abrangência, articulação e profundidade na discussão dos resultados obtidos;
7. Correção formal das referências bibliográficas, fórmulas e tabelas, de acordo com os critérios formais APA.

Para instruções sobre os critérios éticos no processo editorial, por favor, leia o separador *Ética Editorial e Boas Práticas de Publicação*.

Os autores serão informados da decisão editorial, geralmente durante o período de três meses, que pode ser:

- a) Aceite (o manuscrito foi aceite para publicação na sua forma atual);
- b) Aceite condicionalmente, mediante pequenas reformulações. Neste caso, após as alterações introduzidas, o artigo reformulado pode ser aceite pelo editor;
- c) Convidado a re-submeter após reformulações substanciais (o tema interessa à revista, porém, o artigo necessita de uma reformulação profunda). Nestes casos, os autores são convidados a reformular o artigo de acordo com as sugestões dos revisores e a re-submeter à revista. Após a reformulação dos artigos, estes serão enviados novamente aos revisores para uma segunda avaliação;
- d) Rejeitado (quando foi considerado que o manuscrito não cumpriu os critérios para publicação na revista).

Em seguida para download, encontra a ficha de avaliação de manuscritos para publicação na *Psique*
Ficha de Avaliação de Manuscritos

